FUNDADOR — JOAQUIM MANSO

QUARTA-FEIRA, 3 DE JANEIRO DE 1962

ANO 41.º — NÚMERO 14 029

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEFS.: 320271 a 320273, 321154 e 321155
ENDEREÇO TELEGRAFICO: D I B O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

O discurso do Chefe do Governo

Portugal não reconhece a conquista de Goa

O sr. Presidente do Conselho falando perante a Assembleia Nacional

É do seguinte teor o discurso que o sr. Presidente do Conselho proferiu hoje perante a Assembleia Nacional, reunida na sua primeira sessão depois das férias tradicionais da passagem do ano e em seguida á inqualificável agressão da União Indiana contra Goa:

«SR. PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA NACIONAL, SRS. DEPUTADOS: — Não costumo escrever para a História e sinto ter de fazê-lo hoje, mas a Nação tem pleno direito de saber como e porque se encontra despojada do Estado Português da Índia. Goa portuguesa há 450 anos e agora ocupada pela União Indiana representa um dos maiores desastres da nossa História e golpe muito fundo na vida moral da Nação. Para esta, o Estado Português da Índia, sem expressão sensível na economia ou na força política portuguesa, contava sobretudo como padrão de um dos maiores acontecimentos da história do Mundo e da comunicação do Oriente com a vida ocidental. Deixá-lo à guarda de um pequeno país que foi com sacrifícios ingentes o fautor das grandes descobertas devia ser ponto de honra de todas as Nações civilizadas e das que beneficiaram da acção portuguesa no Mundo. Que este conceito se tenha chocado com outro de simples ambição expansionista é mais uma prova — e esta flagrante — nos nossos tempos da decadência da legalidade e da depreciação dos valores morais. Esta explicação não é, no entanto, satisfatória para os portugueses que podem ter esquecido não ser a União Indiana sensível a razões históricas, jurídicas ou simplesmente humanas, mas confiavam em influências que no jogo da po-

(Continua na 9.ª página)

Segue hoje para Goa em visita de inspecção o 2.º secretário da embaixada do Brasil em Nova Delhi

NOVA DELHI, 3. — Parte hoje para Goa o segundo secretário da embaixada do Brasil, na União Indiana, em visita de inspecção, em nome do Governo português — anunciou a embaixada.

Este diplomata, o dr. José Ferreira, passa em Goa três ou quatro dias, devendo avistar-se com os prisioneiros portugueses e informar-se dos interesses financeiros portugueses.

Na expressão de um informador da embaixada brasileira — que representa na Índia os interesses de Portugal, desde o corte de relações diplomáticas imposto por Nehru — trata-se «de uma espécie de visita de inspecção».

Interrogado sobre o assunto, um informador do Governo indiano declarou apenas: — «Não temos qualquer objecção a pôr». — (A. N. I.).

MONS. KNOX CONVERSOU COM CIVIS PORTUGUESES

PANGIM, 3 — Os cristãos goeses concentraram-se em grande número para receberem a bênção de monsenhor Knox, quando o inter-

nuncio se dirigiu ontem ao edifício do antigo governo-geral, onde funciona agora a administração indiana.

O correspondente da Reuter, Gordon Martin esteve ontem, á noite, na residência do patriarca das Índias, D. José Vieira Alvernaz, conversando ali com alguns civis portugueses que não se encontram internados e que estão bem. Entre esses, encontra-se o dr. Mourão Correia, de Castelo Branco, antigo chefe dos Serviços de Educação em Goa; o professor Cruz Louro, de Aldeia Nova de S. Bento, antigo chefe dos Serviços de Saude; António Rosa, do Entroncamento; Caetano de Sousa, da Praia do Ribatejo; e dr. Ávila Martins, engenheiro-geólogo.

O engenheiro Martins revelou que o professor Carlos Teixeira, da Faculdade de Ciências de Lisboa, e outros membros da sua brigada geológica, se encontram a bordo de um navio estrangeiro que deve sair brevemente do porto de Mormugão. — (Reuter).

REFUGIADOS DE GOA IMPEDIDOS DE DESEMBARCAR EM SINGAPURA

NOVA DELHI, 3 — O correspondente do «Times of India» em Singapura afirma que as autoridades marítimas não permitiram que ali desembarcassem ontem 19 refugiados de Goa, que seguem a bordo do cargueiro chinês «Shung Wung».

O barco, carregado de minério de Goa, continua viagem para Hong-

(Continua na 12.ª página)

Visado pela Comissão de Censura

O Governo português vai estudar a sua atitude futura quanto às obrigações resultantes da aliança luso-britânica.

«Não sei ainda se seremos os primeiros a abandonar as Nações Unidas, mas estaremos certamente entre os primeiros».

AS CHEIAS DO DOURO E DO TEJO estão a causar graves prejuízos

(Ler na página central)

O COMBATE ÉPICO do «Afonso de Albuquerque» com cinco unidades da Marinha de Guerra indiana

Com o conjunto de testemunhos prestados por pessoas chegadas de Goa nos ultimos dias, especialmente de algumas qualificadas para o fazerem, é possível reconstituir, numa primeira versão fundamentada embora, sumária, o épico combate travado pelo aviso «Afonso de Albuquerque» com unidades da Marinha de Guerra indiana que, em numero de cinco, o atacaram violentamente na manhã de 18 de Dezembro, dia da invasão do nosso território. Por se tratar da mais importante acção dos oficiais e marinheiros portugueses no mar, pelas condições em que se travou, pela impressionante desproporção de forças e pelo comportamento daqueles que nela tomaram parte, com espírito de disciplina e sacrifício exemplar, pode considerar-se aquele combate como o acontecimento mais relevante da nossa história naval contemporanea que, como tal, ficará assinalado e será consagrado pela História.

Sabe-se que desde o dia 13 de Dezembro se encontravam em frente da barra de Mormugão, ficando a pairar ao largo, as cinco unidades inimigas que intervieram no combate agindo com rara violência, e o firme propósito de conseguir, de qualquer forma, a sua rendição. O moral da equipagem, segundo o depoimento unanime de quantos conheciam as condições de

(Continua na página seguinte)

A SESSÃO DA ASSEMBLEIA NACIONAL

Voltou a reunir-se hoje, após as férias de Natal e Ano Novo, a Assembleia Nacional, sob a presidência do prof. dr. Mário de Figueiredo.

A sessão começou ás 17 horas e, cerca de trinta minutos depois, foi interrompida. Então os srs. prof. Mário de Figueiredo e dr. Soares da Fonseca, respectivamente presidente e vice-presidente da Assembleia Nacional, e os secretários da mesa drs. Cid Proença e Folhadela de Oliveira, e Costa Brochado, secretário da Assembleia, foram ao gabinete do sr. Presidente do Conselho, dali o acompanhando á sala das sessões.

Quando o sr. prof. Oliveira Salazar assumiu a presidência da sessão, os deputados e a assistência que enchia as galerias, tributaram-lhe prolongados aplausos.

O Chefe do Governo, que dava a direita aos srs. prof. Mário de Figueiredo e dr. Cid Proença e a esquerda ao sr. dr. Folhadela de Oliveira, proferiu, então, a sua anunciada alocução a que noutro lugar nos referimos.

2.ª EDIÇÃO

Diario de Lisbôa

PUBLICA HOJE
20 PÁGINAS

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

De ontem para hoje

CONSELHO DE MINISTROS

No Palácio de S. Bento reuniu-se ontem o Conselho de Ministros.

Depois de ter manifestado o seu profundo pesar pela morte, no devotado cumprimento da sua missão, do sr. tenente-coronel Jaime Filipe da Fonseca, subsecretário de Estado do Exército, o Conselho examinou e decidiu sobre problemas correntes nos diversos ministérios.

No exame da situação política interna o Conselho apreciou de modo particular os elementos respeitantes á tentativa, prontamente dominada, de assalto ao Quartel de Infantaria n.º 3, em Beja, sua natureza, objectivos e implicações.

O Conselho ponderou ainda os factores e condições de ordem interna e internacional determinantes da exposição que hoje o sr. Presidente do Conselho fará ao País, perante a Assembleia Nacional, sobre a invasão e ocupação de Goa pela União Indiana.

SIC TRANSIT...

A aura da mocidade, vigor e fama é transitória para homens e navios. Tudo passa neste mundo, como dizam os mestres de latim. E tudo passou para o navio «Pungue», da Companhia Colonial. Bateu-se com as ondas e entrou ufano em portos para deixar e receber carga. sos ou nenhuns estrídulo, como o grito de um peito ovante. Pois o «Pungue» envelheceu, decaiu e ontem foi vendido para sucata. Está em Bilbau e lá será desmantelado. Assim passa a glória de todos os grandes lo Mundo ..

A MORTE NA ESTRADA

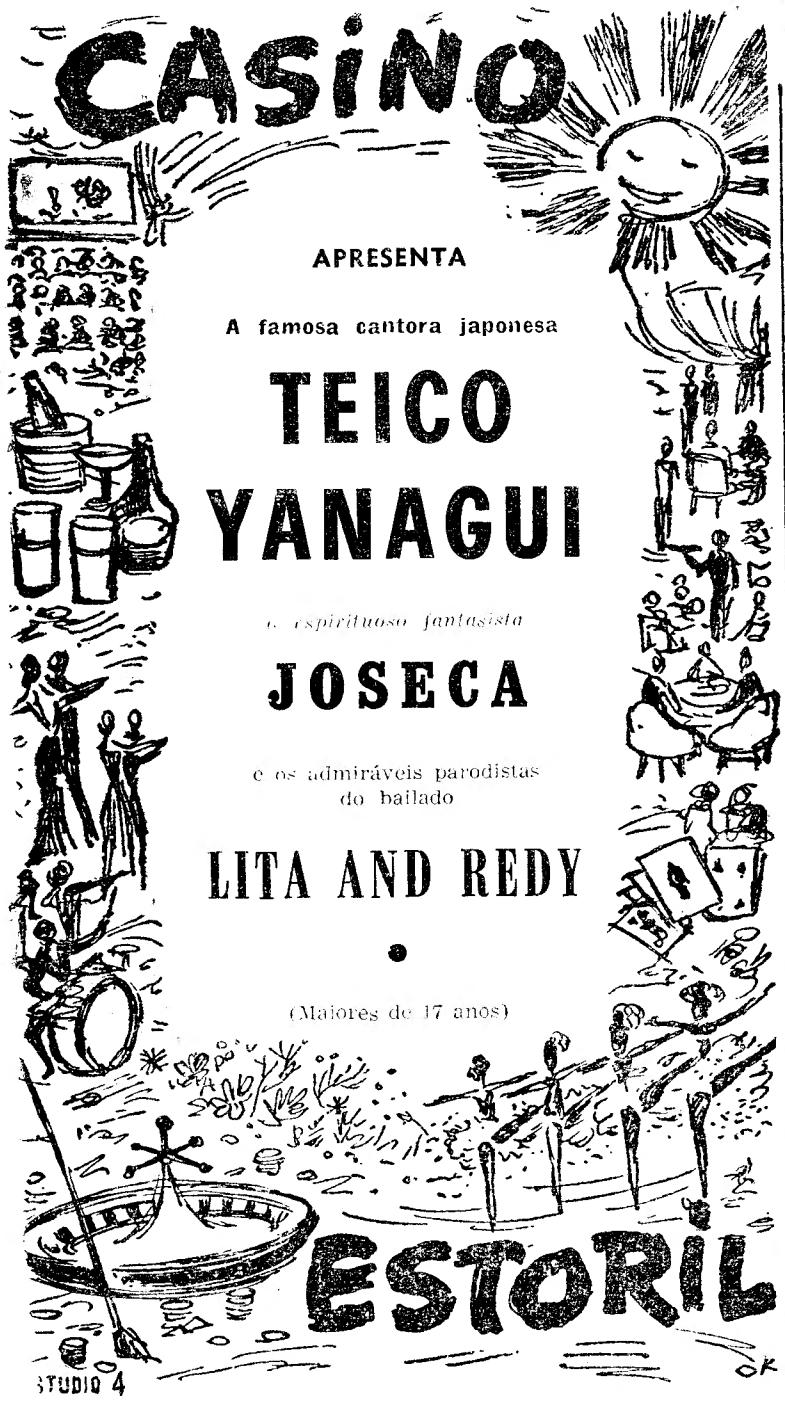
Perto de Cantanhede, no local da Ponte de Lemede, seguiam no motociclcta os lavradores Manuel da Cruz dos Santos, de 32 anos, e António Domingues, de 57 anos. A estrada estava molhada e em dada altura resvalou o veículo e os seus ocupantes foram embater na guarda da ponte, com grande violência. Ainda foram conduzidos ao hospital, mas estavam mortos.

NO PALACIO DE BELÉM

O sr. Presidente da Republica recebeu em audiência, no Palácio de Belém, o sr. nuncio apostólico. Estiveram a inscrever-se no livro de cumprimentos os srs. embaixadores de França e condessa Bernard de Menthon, dos Países Baixos, dos Estados Unidos da América, do Japão, da Bélgica e baronesa Boyens; da Suíça, da Dinamarca e senhora Hergel; da Suécia, da Noruega, da Áustria, da Grã-Bretanha; ministros da China e da Grécia; encarregados de negócios da Argentina e de Marrocos; consul-geral de Israel e secretário da legação da Grécia.

O VIL METAL

É o oiro que leva os ambiciosos a tudo, até o crime. De pouco seu apito soava escrupulos é o lavrador-caseiro Diamantino Mendes Alves, de 22 anos, há dias preso pela G. N. R. de Celorico de asto. Aparecera morto o proprietário sr. António Lopes, de 60 anos, de Lobão... O Diamantino confessou que o matara para lhe roubar 12 contos.



O COMBATE ÉPICO do «Afonso de Albuquerque»

(Continuação da página anterior)

vida a bordo, era elevadíssimo e firme a sua intenção de não entregar o navio e lutar enquanto ele estivesse em condições de o fazer. O comandante Cunha Aragão, que assumira o comando do «Afonso de Albuquerque» no Verão depois de ter concluído, em Lisboa, com outros oficiais da sua patente, o curso superior naval de guerra, era profundamente estimado e respeitado em toda a corporação e os que ficaram, desde então, sob as suas ordens conheciam a sua coragem e firmeza de ânimo e sabiam que com ele podiam ir até ao extremo sacrifício da vida.

Dos cinco navios indianos um foi atingido e abandonou a luta

Logo que o ataque se desencadeou foi possível constatar a sua importância e prever o seu epilogo. Ao «Afonso de Albuquerque» e aos que nele se encontravam reservara o destino a árdua missão de salvar a honra das forças envolvidas num prélio desproporcionado e que inevitávelmente terminaria pela destruição daquela unidade. Entre os atacantes figuravam um cruzador pesado, não se encontrando ainda identificadas as restantes unidades da formação mas sabendo-se que qualquer delas era superior ao aviso português. Este respondeu imediatamente ao ataque e disparou as suas quatro peças só deixando de o fazer quando, por falta de munições e com fogo a bordo lavrando intensamente, foi desembarcada a tripulação e ainda sob a acção do inimigo, se consumou a sua destruição. Mas então já ele escrevera uma página de epopeia e cumprira heróicamente a missão de sacrifício que lhe fora confiada.

Durante cerca de uma hora, as granadas da esquadra indiana visaram-no incessantemente e á sua volta estabeleceu-se um círculo de fogo a que o aviso respondeu sem cessar. A bordo, todos nos seus postos, davam um incomparável exemplo de competência e bravura. Na ponte do comando o capitão-de-mar-e-guerra, Cunha Aragão, dirigia a manobra que era possível seguir nas suas emocionantes peripécias. À medida que aquela se desenvolvia, avultavam as reconhecidas qualidades de coragem e firmeza de ânimo daquele oficial sobejamente afirmadas ao longo da sua carreira militar. Nessa fase do combate deu ele a medida exacta dessas qualidades excepcionais. O «Afonso de Albuquerque» atingira em cheio um dos navios indianos que foi obrigado a abandonar a luta seguindo para um porto próximo a fim de ser reparado. Este episódio dá ideia da acção do aviso português e da perícia com que foi comandado e executadas as ordens do comando.

Na ponte onde se encontrava, o comandante Cunha Aragão ficou gravemente ferido

Foi então que uma granada atingiu a ponte onde se encontrava, com o comandante Aragão, um grumete que morreu imediatamente ficando o comandante gravissimamente ferido no ventre, com perfuração de intestinos e perdendo muito sangue. Era impossível prestar-lhe quaisquer socorros e nessa posição se conservou até final do combate continuando, apesar da gravidade dos ferimentos recebidos, a animar com a sua presença os camaradas e subordinados que lutaram ainda durante cerca de quatro horas, sem um minuto darem mostras de quebra de ânimo ou receio da esmagadora superioridade do inimigo.

Atingido na ponte e ininterruptamente alvejado, o «Afonso de Albuquerque» procurou fazer-se ao mar, rompendo temerariamente o círculo de fogo que o envolvia. Para isso tinha de atravessar um estreito canal e, como era de calcular, logo que dos navios indianos se aperceberam do seu intento, intensificaram o tiro sendo o aviso português alvo de uma barragem infernal de todas as unidades indianas que, a todo o transe queriam impedir-lhe a passagem. Os navios indianos atacavam em «carrousel» e o «Afonso de Albuquerque» respondia, intemeratamente, disparando sempre. Cada unidade inimiga lançava a sua bordada e seguia para voltar a atacar. O que depois se passou, dificilmente o descrevem as pessoas que, da sua heróica resistência foram testemunhas. Sempre cercado e alvejado, as suas peças nunca se calaram e o duelo prosseguiu intemerato e desproporcionado.

Encalhado o «Afonso» por avaria, continuou a lutar e foi destruido pelo fogo que lavrava a bordo

Ao fim de mais uma hora de luta, foi o aviso atingido de novo e desta vez produziu-se a bordo uma avaria cuja verdadeira natureza não está ainda averiguada mas que o impossibilitava de navegar. Nesta situação só havia uma coisa a fazer e não hesitaram a tripulação e os oficiais — encalhar o navio e continuar o combate nessas condições. Encalhado, imobilizado, as peças do «Afonso de Albuquerque» prosseguiram na sua tarefa e a sua voz ouviu-se ainda durante cerca de três horas pois a sua resistência, desde o início do ataque, se prolongou no total durante cerca de cinco.

Depois de encalhado calcula-se que tenham sido disparadas das unidades indianas duzentas salvas contra o «Afonso de Albuquerque» que nunca impediram que as peças deste continuassem a disparar, apesar da desproporção de forças que se acentuava á medida que a luta prosseguia.

O fim do combate naquelas impressionantes condições resultou de se terem esgotado as munições a bordo o que explica que o navio não explodisse encontrando o seu fim no incêndio ateado pelo incessante fogo do inimigo. Por ordem do comando a guarnição teve de desembarcar depois de praticar uma das mais heróicas façanhas da nossa história no mar e certamente a mais impressionante das ultimas decadas.

O último a deixar o aviso foi o seu heróico comandante que recolheu ao hospital

Nestas condições, com o navio á vista da tripulação, envolto em chamas e a consumir-se no meio delas, o desembarque fez-se com uma impressionante disciplina. O ultimo a deixar o «Afonso de Albuquerque» foi o comandante, que a bordo se conservara durante todo o combate dando prova de indomável coragem. O seu estado era gravissimo, em consequência dos ferimentos recebidos e da perda de sangue que não fora possível estancar. Deu entrada no Hospital de Goa, onde foi imediatamente operado, estando durante alguns dias entre a vida e a morte. Sabe-se que a bordo houve outras vítimas, mas por enquanto desconhece-se a sua identidade, ignorando-se também a do valente grumete que se encontrava na ponte ao lado do comandante Cunha Aragão, quando ela foi atingida na primeira fase do combate.

O comandante Cunha Aragão, que ainda se encontra hospitalizado, mas em vias de restabelecimento, foi visitado pelo comodoro que comandava a formação indiana com a qual o «Afonso de Albuquerque» travou o seu épico combate. Era acompanhado por um grupo de oficiais da mesma nacionalidade, que nele tomaram parte e foram saudar pela sua indómita coragem e pela heroicidade com que toda a guarnição que se encontrava sob as suas ordens, lutou sem um momento de desfalecimento, escrevendo uma página imorredoira da epopeia portuguesa no mar.

O FUNERAL do banqueiro que foi assassinado pelo seu motorista

Mantém-se estacionário o estado de saude da sr.ª D. Maria das Mercês Quaresma Sotto Mayor Vinhas Cabrita, internada no Hospital da C. U. F., que, ontem, conforme noticiámos, foi atingida com seis tiros de pistola, pelo motorista José Bernardo Miranda, responsável também pelo assassínio do seu patrão, o banqueiro sr. Joaquim Vinhas Cabrita, marido daquela senhora.

Após as primeiras radiografias, verifica-se que a vítima, alvejada no peito e nas costas, deverá submeter-se a uma delicada intervenção cirurgica, a fim de lhe serem extraídas as balas. No entanto, devido á gravidade do caso, voltará a ser radiografada.

Esta manhã, cerca das 10 horas, da capela da Misericórdia de Almada para o cemitério de Albufeira, sua terra natal, realizou-se o funeral do sr. Joaquim Cabrita, com grande acompanhamento. Porque o assassino atentou contra a própria existência, encontrando-se morto, foi dispensada a autópsia da vítima. O préstito esteve a cargo da Agência Salgado.

Quanto ao cadáver do José Miranda, que ontem transitou da sala de observações do Hospital de São José para o Instituto de Medicina Legal, foi, esta manhã, autopsiado, aguardando-se agora que apareça quem lhe faça o funeral.

As diligências policiais relativas á grave tragédia ocorrida na Quinta do Algarve (Seixal), estiveram confiadas ao tenente sr. Humberto de Barros, comandante da G. N. R. daquela Secção.

O PINTOR Francisco Relógio partiu para França

como bolseiro da Fundação Gulbenkian

Francisco Relógio, um dos artistas de vincada personalidade e robusto talento entre os valores marcantes na moderna pintura portuguesa, seguiu para França, como bolseiro da Fundação Gulbenkian, que assim distinguiu os méritos do pintor, proporcionando-lhe novos meios e estímulos para a sua arte inconfundível, em convívio com os grandes centros, onde pode colher sugestões e aperfeiçoamentos no contacto com as modernas fontes criadoras.

Francisco Relógio, que, ainda recentemente, alcançou assinalado êxito entre os oito seleccionados pintores figurativos concorrentes á exposição comemorativa do cinquentenário do Instituto Superior Técnico e da sua Associação de Estudantes, concluiu recentemente um sugestivo painel com o seu traço peculiar e terminou, antes de seguir para Paris, a «maquette» de um notável trabalho, pelo tema e pelo vigor da expressão artística, que será gravado em quadro num espaço de 335 metros quadrados.

Em MAFRA o «DIÁRIO DE LISBOA» encontra-se á venda no CAFE' UNIDOS.

«AGENDA DOMÉSTICA»

É uma publicação que deve existir em todos os lares, pois é de grande utilidade para as donas de casa, visto que serve para fazer diáriamente as contas das despesas domésticas. Além disso contém inumeras receitas de culinária e vários ensinamentos uteis á vida caseira.

PREÇO 22$50

Envia-se á cobrança, pelo correio, pela importancia de 25$00. Peça-a ao seu Livreiro ou aos distribuidores.

Porto Editora, Lda.

Praça D. Filipa de Lencastre, 42 — Porto

Empresa Literária Fluminense, Lda.

Rua da Conceição, 125-1.º — Lisboa

PROVAS PÚBLICAS
para professores da Escola de Belas-Artes

Na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa começou hoje a prestar provas para professor do 9.º grupo de cadeiras — Anatomia, 1.ª e 2.ª partes — o sr. doutor Carlos Manuel Jordão Pereira, que exerce o cargo de 1.º assistente da Faculdade de Medicina de Lisboa. A cadeira de Anatomia dos cursos da E. S. B. A. L. era, até agora, regida pelo sr. dr. Ramos Dias que não se apresentou a prestar provas publicas.

O sr. doutor Jordão Pereira começou os seus exames ás 14 e 30, defendendo a dissertação que apresentou, subordinada ao tema «Aspectos somato-psiquícos da «facialis patogonomia artística».

O juri que apreciará as provas é constituido pelos srs. arquitecto Paulino Montês, director da E. S. B. A. L.; profs. drs. Maximino Correia, antigo reitor da Universidade de Coimbra; Melo Adrião, da Faculdade de Medicina do Porto; Vítor Fontes, da Faculdade de Medicina de Lisboa; escultor Leopoldo de Almeida e prof. Varela Aldemira, da E. S. B. A. L.; dr. Alberto de Sousa, professor de Anatomia, da E. S. Belas-Artes do Porto e escultor Barata Feio, do mesmo estabelecimento de ensino.

As provas decorrerão até ao próximo dia 6. Amanhã, ás 14 e 30, o candidato proferirá a primeira lição subordinada ao tema «Morfologia geral — imagem e forma; fisiognomia». No dia 5, será proferida a segunda lição sob tema ainda não escolhido. Finalmente, no dia 6, realizar-se-á a prova prática.

Anuncia, ainda, a Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, que no dia 8 começará a prestar provas para professor do 11.º grupo de cadeiras daquele estabelecimento de ensino o sr. eng.º Eduardo Henrique Cansado de Carvalho, que há catorze anos rege disciplinas naquele estabelecimento de ensino superior. Constituem o 11.º grupo as cadeiras de «Estática» (1.ª e 2.ª partes, prática aplicada á construção); «Topografia urbana» e «Teoria e concepção de estruturas», do curso superior de Arquitectura.

O candidato prestará provas perante um juri constituido pelo sr. arqu.º Paulino Montês, director da E. S. B. A. L.; dr. Antão de Almeida Garrett, dr. Francisco Jacinto Sarmento Correia de Araujo e dr. Armando de Araujo Martins Campos e Matos, professores da Faculdade de Engenharia do Porto; prof. dr. José de Mascarenhas Pedroso Belard da Fonseca, vice-reitor da Universidade Técnica e prof. eng.º Manuel Guilherme Tavares Cardoso, professor do Instituto Superior Técnico; arqu.º eng.º Julio José de Brito, professor da Escola Superior de Belas-Artes do Porto e arq.º Luís Alexandre da Cunha, professor da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa.

As provas do sr. dr. Jordão Pereira, prolongar-se-ão até ao dia 10.

O PORTO pelo telefone

Assalto a um prédio em construção

PORTO, 3 — O sr. Eduardo Alves de Almeida, residente na Rua do Amparo, 2, queixou-se á P. S. P. que assaltaram um prédio em construção na Av. da Boavista, de onde furtaram material de construção e ferramentas no valor de 10 500$00.

Embate de veículos

Na Praça da Galiza, uma camioneta de carga, conduzida pelo sr. Fernando da Silva Seabra, residente na Estrada Exterior da Circunvalação, embateu violentamente num automóvel, guiado pelo sr. Ernesto Pinto Marante, morador em Ermesinde.

Na camioneta seguiam quatro peixeiras, três das quais sofreram ferimentos ligeiros, ficando uma outra, Camila Ferreira, de 34 anos, residente na Rua de S. Sebastião, em Rio Tinto internada na sala de observações do Hospital de Santo António, por ter sofrido traumatismo craniano.

Traineira com água aberta

Quando a traineira «Anjo do Monte», da praça de Matosinhos, pescava ao largo da Torreira, embateu num objecto desconhecido e abriu água. Socorrida pela traineira «Anjo do Mar», foi por esta rebocada para Leixões, onde os bombeiros de Matosinhos-Leça, com auxílio de algumas moto-bombas, procederam ao escoamento da água.

Espectáculos de amanhã

COLISEU — A's 21 e 30: «A corista» (12 anos).
RIVOLI — A's 15 e 30 e ás 21 e 30: «O Filho de Sissi» (17 anos).
CARLOS ALBERTO — A's 15 e 15 e ás 21: «O Segredo do Cavaleiro d'Eon» (17 anos).
TRINDADE — As 15 e 30 e ás 21 e 30 «O rei dos reis» (12 anos).
VALE FORMOSO — A's 21 e 30: «Os dois garotos» (12 anos).
OLIMPIA — Ás 15 e 30 e ás 21 e 30: «A ilha misteriosa» (12 anos).
ÁGUIA DE OURO — Às 15 e 30 e ás 21 e 30: «Totó e a doce vida» (17 anos).
JULIO DINIS — A's 21 e 30: «O Anjo da Maldade» (17 anos).
SÃO JOÃO — Às 21 e 30: «Idílio em Setembro» (17 anos).
BATALHA—Ás 15 e 30 e ás 21 e 30: «As duas gémeas» (12 anos).
NUNO ALVARES — A's 21 e 30: «A Rainha do Tabarin» (17 anos)
ODEON — A's 21 e 30: «Rainha Enamorada» (17 anos).

CONFERÊNCIAS

«Moçambique Cristandade frente ao Leste»

O padre Manuel Ferreira da Silva efectua, depois de amanhã, ás 21 e 45, no Centro Nacional de Cultura, na Rua António Maria Cardoso, 68 1.º uma conferência intitulada «Moçambique-Cristandade frente ao Leste», em que versará os seguintes pontos: história da missionação em Moçambique; lusotropicalismo; crise no desenvolvimento da missionação; a linguagem dos numeros; os grandes problemas da Africa e as suas missões.

No Museu do Carmo

O engenheiro Octávio da Veiga Ferreira, sócio correspondente da Associação dos Arqueólogos Portugueses, profere amanhã, ás 21 e 30 no Museu Arqueológico, no Largo do Carmo, uma conferência, ilustrada com projecções, sobre «Os grandes monumentos pré-históricos de Península de Lisboa e suas relações com o Algarve, Alentejo e Sudeste Espanhol».

LIVRE DE PERIGO
a serviçal colhida por um automóvel

Os problemas do transito e os desastres que lhe são decorrentes, agravam-se dia a dia. Um momento de hesitação levou, ontem á noite, a sr.ª Evangelina Serralho, de 52 anos, divorciada, serviçal, natural de Odemira e domiciliada na Rua de S. Paulo, 118, 4.º, para o Banco do Hospital, onde ficou internada em estado muito grave.

A serviçal foi colhida por um automóvel, junto do monumento da Praça dos Restauradores, quando atravessava a faixa de rodagem sem cuidar do transito. Surgiu-lhe pela frente um carro conduzido pelo furriel miliciano em serviço na Companhia 302 de Caçadores Especiais do B. C. 5, sr. Alfredo de Oliveira Ferreira, e o resto adivinha-se facilmente... A hesitação da vítima parando repentinamente, dificultou a manobra do condutor, que não pôde evitar colhê-la.

Esta manhã a sr.ª Evangelina Serralho encontrava-se livre de perigo.

Aviões a jacto
para as linhas da TAP

Partiu, esta manhã, para França o sr. eng.º Helder Videira, funcionário superior da Aeronáutica Civil, acompanhado pelos mecanicos, srs. Fernando Rascão e Otelo Espanca, que vão frequentar naquele país um curso de tecnologia do avião a jacto «Caravelle», tipo aeronave, que a T. A. P. adquiriu para as suas linhas da Europa.

No mesmo avião seguiram um grupo de técnicos dos serviços de manutenção da T. A. P., chefiado pelo sr. eng.º Baeta Blanco, e outro constituido por pessoal de voo, chefiado pelo sr. comandante Cerqueira Marcelino. Vão, também, frequentar cursos com vista á próxima vinda para o nosso país de três aviões a jacto para os serviços da T. A. P.

ARDEU UM HOTEL E MORRERAM
quatro hóspedes

WELLINGTON, 3 — Quatro pessoas, incluindo uma senhora e seus dois filhos, de 13 e 11 anos, morreram carbonizadas num incêndio que se registou num hotel na cidade de Akaroa, na ilha sul da Nova Zelandia.

Outros hóspedes — eram catorze os que se encontravam, na altura, no hotel — sofreram queimaduras ou outros ferimentos.

O edifício, de dois andares, ficou reduzido a cinzas em menos de uma hora. — (R.).

O «Vera Cruz» espera fundeado no Tejo
que o Governo decida qual a linha em que servirá

O paquete «Vera Cruz», da Companhia Colonial de Navegação, continua fundeado nas proximidades da Banática, aguardando que o Governo decida sobre a sua futura utilização.

Aquela unidade da Marinha Mercante nacional, foi retirada recentemente da «Linha da Amizade», que liga Portugal ao Brasil, para ser utilizada como transporte de tropas, quando da eclosão dos acontecimentos em Angola. Terminada essa sua missão, o «Vera Cruz» não voltou a navegar e a sua tripulação foi reduzida ao mínimo indispensável, facto que foi comunicado á Capitania do Porto de Lisboa.

Entretanto, a empresa armadora, dentro das suas possibilidades, está a colocar noutros seus navios os tripulantes que não estão sujeitos á escolha da Capitania, que, entretanto, por decisão superior, garantiu a prioridade ao restante pessoal que pretende voltar ao «Vera Cruz».

Estão neste caso, os criados, chegadores, fogueiros, azeitadores, marinheiros e moços de convés, que na sua quase totalidade aguardam a primeira viagem do paquete.

Voltará á «Linha da Amizade» ou irá para a carreira de África?

Entretanto está a realizar-se um estudo, a fim de se decidir sobre o destino do «Vera Cruz». Nele terá influência decisiva o parecer da Junta Nacional da Marinha Mercante, que para o efeito não deixará de contactar com a C. C. N. Surgem duas hipóteses: será o paquete mantido na linha do Brasil? Ou será desviado para a linha de Africa? Na primeira hipótese a C. C. N. terá que continuar a suportar enormes prejuízos.

Se se optar pela segunda, o «Vera Cruz» terá que sofrer transformações no que diz respeito ao alojamento de passageiros, pois desaparecerão as classes de luxo e terceira. Ficará só a dispor de camarotes de primeira classe e de classe turística.

A numerosa colónia de Portugal no Brasil e até entidades oficiais brasileiras tem feito numerosas diligências, para que o «Vera Cruz» se mantenha na «Linha da Amizade».

Reuniões científicas
No Hospital de Santa Maria

No Hospital de Santa Maria efectua-se amanhã, pelas 14 e 30, a reunião mensal dos farmacêuticos hospitalares.

A CIDADE

Pelos hospitais

ATROPELADO POR UM AUTOMÓVEL—Muito contuso na cabeça, recolheu á Sala de Observações do Hospital de S. José o jornaleiro António Vinagre Almeida, de 36 anos, morador nas barracas da Cruz da Guia, em Cascais, o qual foi atropelado por um automóvel próximo daquela vila.

Quem perdeu?

Relação dos achados ontem em Lisboa e entregues na P. S. P. (Governo Civil): uma quantia em dinheiro encontrada nas dependências da Polícia Judiciária; um cão; duas notas do Banco de Portugal; dois porta-moedas com dinheiro; uma mala de viagem com peças de vidro e toalhas; quatro bilhetes de identidade em nome de Maria Eugénia de Aguiar Macedo Portilheiro, Octávio Borges de Melo Tavares e Lino Rodrigues Bernardo; a carta de condução de Hugo Valadares Enes Ramos; dezoito folhas dactilografadas com apontamentos; um aro de roda de automóvel; uma camisola de lã; um lenço de seda; um avental; um boné; um biváque; um pequeno saco com louça; dois pares de luvas; diversas luvas desirmanadas; diversas argolas com chaves e chaves desirmanadas.

Regressou a Estocolmo o piloto solitário
que atravessou o Atlântico a bordo de um monomotor

O monomotor «Pipper Comanche-250», que ontem aterrara em Lisboa, tripulado pelo estudante sueco Olle Ringstrand, de 20 anos e que fizera um voo da Flórida até Lisboa, escalando as Bermudas e Santa Maria (Açores), completamente só, deslocou esta tarde para Estocolmo, com escala por Genebra.

O piloto solitário deixou o aeroporto da Portela ás 14 e 18.

AOS CLIENTES E COMÉRCIO EM GERAL

F. LIMA & C.ª, SUCR, L.DA, Lisboa e Porto, têm a honra de avisar os seus amigos, clientes e comércio em geral que, desde 1 de Janeiro corrente, são os representantes exclusivos da Casa OLIVIN WIESBADEN. Alemanha, fabricantes dos produtos BAC-desodorizante, VAC-tónico capilar e shampoo e OPILCA-depilatório.

OLIVIN
WIESBADEN

OLIVIN-WIESBADEN-Alemanha, têm o prazer de avisar o comércio em geral que desde 1 de Janeiro de 1962, são seus representantes exclusivos para Portugal Continental e Insular, a Firma F. LIMA & C.ª SUCR., L.DA Lisboa-Porto.

Parece que Gromyko

nada disse de novo ao embaixador norte-americano sobre o problema de Berlim

WASHINGTON, 3. — Segundo fontes informadas desta capital, o ministro dos Negócios Estrangeiros soviético, Gromyko aparentemente, nada disse de novo sobre a política soviética em relação a Berlim, na primeira conferência que teve, ontem, em Moscovo, com o embaixador americano, LLewellyn Thompson.

Juga-se que uma análise das anteriores conversações entre o Leste e o Oeste sobre o problema de Berlim ocuparam grande parte da conferência e que os Estados Unidos pediram á União Soviética, no decurso do encontro, que revelasse as suas condições para uma solução desse problema — (R.).

REUNIÃO DE EMBAIXADORES OCIDENTAIS EM MOSCOVO

MOSCOVO, 3. — Os embaixadores Ocidentais nesta cidade reuniram-se pela manhã, na embaixada dos Estados Unidos, com LLewellyn Thompson.

O primeiro a chegar foi Hans Kroll (Bonn), seguindo-se, 20 minutos mais tarde, Maurice Dejean (Paris) e «Sir» Frank Roberts (Londres).

A presença do embaixador da Alemanha Federal constituiu uma novidade em relação ao que declarou ontem o representante dos Estados Unidos quando terminou a conferência com Gromiko. Na verdade, LLewellyn Thompson anunciou, então, que Paris e Londres seriam informadas dos pormenores da visita que acabava de fazer ao ministro dos Negócios Estrangeiros soviético.

Segundo as esferas diplomáticas locais, o embaixador americano, no encontro com Gromiko, teria precedido, como informador do Ocidente, mas apenas na qualidade de representante dos Estados Unidos. Isto leva a pensar que, numa fase ulterior, os outros representantes ocidentais poderiam efectuar igualmente diligências idênticas á de Thompson. (F. P.).

A INICIATIVA CABE AGORA A GROMYKO

MOSCOVO, 3 — A entrevista de Llewellyn Thompson com os seus colegas francês, britanico e alemão durou 75 minutos. O diplomata americano fez «uma exposição muito completa da sua conversação de ontem com Gromyko», disse um informador idóneo.

É curioso notar-se que, na altura em que o mundo inteiro fala das sondagens sobre o problema de Berlim, levados a efeito pelo embaixador dos Estados Unidos em Moscovo, a população da U. R. S. S. ignora-as por completo. A Imprensa e a Rádio não dizem uma palavra da grande actividade diplomática em Moscovo. Os jornais falam de tudo menos da questão de Berlim ou do problema alemão.

A unica confirmação dos contactos soviéticos-americanos foi dada pelo próprio Gromyko, que disse a um jornalista ocidental, na recepção oferecida pela Embaixada de Cuba: «Por agora, é prematuro comentar a minha conversação com Thompson». E confirmou que o embaixador americano tinha afirmado á saída do Ministério dos Negócios Estrangeiros soviético: «Estão previstos outros encontros soviéticos-americanos, em data a marcar ainda».

Os observadores da capital soviética e os diplomatas acreditados em Moscovo pensam que a iniciativa da proxima entrevista cabe agora a Gromyko, que pediria a Llewellyn que o visitasse, uma vez estudada a exposição que lhe fez ontem. — (F. P.).

OS FUNERAIS

de dois assaltantes do quartel do R. I. 3

BEJA, 3 (Pelo telefone) — Malograda a tentativa de assalto ao quartel do Regimento de Infantaria 3, a cidade tem o aspecto normal e foram atenuadas as disposições militares. As ruas continuam, no entanto, a ser patrulhadas.

Esta manhã, realizaram-se para o cemitério local os funerais de dois dos assaltantes mortos. António Pedro Correia Vilar e David da Silva Abreu.

Tendo experimentado, durante a noite, sensíveis melhoras, permanecendo hoje estacionário, continua a ser grave o estado do ex-capitão Varela Gomes, a quem foi extraído, igualmente, o baço na segunda intervenção cirurgica a que o submeteram e lhe ablaram um rim. Está agora entregue aos cuidados dos médicos, drs. José Maltez e Joaquim Delgado. Logo que o seu estado o permita será conduzido para Lisboa.

A esposa do ex-capitão Varela Gomes, sr.ª D. Maria Eugénia Cerqueira Varela Gomes, continua nesta cidade, instalada numa pensão e acompanhada de várias senhoras, encontrando-se na sua residência em Cascais os seus quatro filhos, o mais velho dos quais conta nove anos. A ordem que tinha para falar com seu marido foi agora revogada.

O sr. general Bucera Martins retirou-se já para a capital, ficando a direcção do inquérito aos acontecimentos a cargo de um brigadeiro.

Foi hoje apreendido outro automóvel em Beja

As autoridades apreenderam hoje mais um automovel abandonado junto do cemitério, um «Wolkswagen» azul-escuro, com a matrícula CB 16-99, pertencente ao ex-capitão Vasconcelos Pestana, um dos referidos oficiais do Regimento de Infantaria 3 implicados na tentativa de assalto á mesma unidade.

Ao contrário do que correu a princípio, este oficial não acompanhou os assaltantes quando estes entraram no quartel. Parece que estava incumbido de outra missão e foi preso depois dos acontecimentos. Esclarece-se, também, que o corpo do tenente-coronel Jaime Filipe da Fonseca, subsecretário de Estado do Exército, atingido mortalmente quando se aproximava da porta de armas do quartel assaltado, não foi transportado para a capital em viatura militar, mas numa ambulancia dos Bombeiros Voluntários de Beja, para esse fim requisitada pelas autoridades militares.

Como foram presos dois dos assaltantes ao quartel

Sabe-se agora como foram presos dois dos assaltantes que se evadiram no momento da rendição.

Dirigiram-se ambos a um *monte* (a típica casa rustica alentejana), próximo da aldeia de Penedo Gordo, a cerca de cinco quilometros de Beja, acolhendo-se a uma dependência daquela casa, conhecida por *Monte do Cerejo*, do apelido do seu proprietário. Este foi ali dar com eles e, suspeitando de quem se tratava, iludiu-os prometendo escondê-los.

Entretanto, veio a Beja comunicar o facto ás autoridades, que logo se dirigiram para o *monte* e os prenderam, sem que os dois refugiados lhes oferecessem resistência.

Foram apreendidos aos presos, alem de vários documentos importantes, alguns alto-falantes de grande potência e um mapa com desenvolvida planta topgráfica do quartel de Infantaria 3.

Esclarecimento

Pede-nos o advogado, dr. Pestana de Vasconcelos, para esclarecermos que o ex-capitão de Inantaria Vasconcelos Pestana, implicado no assalto do quartel de Beja, não é a mesma pessoa que seu irmão, o capitão, também de Infantaria, António Pestana de Vasconcelos, actualmente em serviço no Ultramar.

Câmara Municipal do Concelho de Loures

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS

AVISO AOS SENHORES CONSUMIDORES DE AGUA DE MOSCAVIDE

Por imperiosa necessidade de reparação da rede de águas, avisam-se os senhores consumidores, que a água será fechada em Moscavide, no dia 4 de Janeiro, (quinta-feira), das 20 horas ás 2 da madrugada.

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE LOURES, AOS 3 DE JANEIRO DE 1962.

O Presidente do Conselho de Administração

António Eduardo de Oliveira Matta

Presos em Setúbal dois dos assaltantes do quartel de Beja

SETUBAL, 3 (Pelo telefone) — Em consequência dos acontecimentos relacionados com a intentona de Beja, na madrugada do dia 1, as corporações locais da G. N. R. e P. S. P. patrulharam as vias de acesso a esta cidade, tendo sido apreendidos dois automóveis, um dos quais abandonado e outro em que se faziam transportar dois indivíduos: o médico dr. António Francisco Correia da Graça Miranda, de 27 anos, residente na Avenida da Guerra Junqueiro, 8, 5.º, E., em Lisboa, e Gualter Viriato Nunes Basílio, de 33, vendedor de artigos estrangeiros e morador também em Lisboa, na Rua António Pereira Carrilho, 8, 3.º.

Ambos confessaram ter participado no assalto ao quartel de Infantaria 3, pelo que foram detidos e enviados para a capital. No veículo foram encontrados rolos de peliculas, uma máquina de filmar e um livro de cheques.

FOR AM DEMITIDOS DO EXÉRCITO

os cinco oficiais implicados no assalto ao quartel do R. I. 3

Do Ministério do Exército recebemos a seguinte nota oficiosa:

Em seguimento das notas oficiosas do Ministério do Exército, de 1 do corrente, em que se deu conhecimento publico dos incidentes ocorridos no quartel do Regimento de Infantaria n.º 3, em Beja, na madrugada daquele dia, é já possivel, em face dos elementos das investigações em curso, fornecer detalhes dos acontecimentos.

Cerca das 2 horas do dia 1 de Janeiro de 1962 apresentaram-se á porta do Regimento de Infantaria n.º 3 duas viaturas, uma das quais transportava dois oficiais daquela unidade, capitão Vasconcelos Pestana e tenente Hipólito dos Santos, aos quais o oficial de prevenção da unidade, alferes miliciano Arantes e Oliveira, abriu o portão, após os ter identificado e os mesmos terem justificado a sua presença em virtude de lhes ter constado ter a unidade passado ao regime de prevenção rigorosa.

Neste momento, o oficial de dia á unidade, alferes miliciano Vieira da Silva, estava no seu turno de descanso e o 2.º comandante, major Calapez Martins, presente no quartel, em virtude do regime de vigilancia especial em que se encontrava a unidade, recolhido no seu quarto.

Obtida como se descreveu a permissão de entrada da primeira viatura, logo a segunda lhe seguiu na esteira, o que provocou admiração da parte do alferes Arantes e Oliveira que, ao pretender esclarecer-se, foi manietado pelos capitão Pestana e tenente Santos.

Neutralizando o oficial de prevenção enquanto o acesso ao quartel ficou franqueado, dirigiram-se alguns dos assaltantes, entre eles o capitão Varela Gomes, ao quarto do major Calapez Martins, o qual foi despertado por violentas pancadas na porta, o que lhe deu indicação de que algo de anormal se passava. Entreabrindo a porta, teve oportunidade de reconhecer o capitão Varela Gomes ao qual fez frente, atingindo-o com um tiro da sua pistola. Seguidamente disparou sobre outros dois assaltantes civis que acompanhavam aquele capitão, os quais também atingiu, mas em condições que lhes permitiram a fuga.

Entretanto, a maioria dos assaltantes, em numero ainda não esclarecido, mas que se calcula em cerca de três dezenas, tinha neutralizado as praças que se encontravam em repouso na caserna.

Segue-se a estes factos a actividade do major Calapez Martins, procurando alertar e fazer convergir sobre a unidade a P. S. P. e a G. N. R. locais, que haviam sido prevenidas por elementos da população, que se tinham apercebido da existência de qualquer anormalidade no quartel do Regimento de Infantaria n.º 3.

Pela sua acção pessoal, coadjuvado a partir de dada altura pelo capitão Camilo Delgado, pela acção das forças da G. N. R. e da P. S. P., e com a colaboração dos elementos da unidade que não tinham sido neutralizados, conseguiu-se, antes do romper do dia, limpar o quartel dos elementos de subversão que dele tinham tentado apoderar-se e prender outros que procuravam reforçar o assalto inicial. As forças mandadas seguir sobre Beja não chegaram a intervir, por desnecessário.

Foi já perto do final da acção de limpeza referida que alguns elementos dos assaltantes, que ocupavam ainda as imediações da casa da guarda, ao ripostarem ao fogo que sobre eles era dirigido, atingiram o malogrado subsecretário de Estado, tenente-coronel Jaime da Fonseca — que, como já consta dos comunicados anteriores, se tinha deslocado a Beja em missão superior de observação — em condições que vieram a provocar-lhe a morte.

Pelas informações colhidas e depoimentos de alguns intervenientes nesta tentativa de sedição, constata-se tratar-se de uma acção planeada e orientada pelo partido Comunista, com ramificações e dentro de um plano geral de actuação, que as competentes autoridades estão indagando em pormenor.

Dada a gravidade das faltas cometidas, e após as indispensaveis averiguações, foi, por despacho do ministro do Exército, aplicada a pena de demissão aos seguintes oficiais considerados indignos de usar a mesma farda com que se batem nas provincias ultramarinas os soldados de Portugal: capitão de Artilharia João Maria Paulo Varela Gomes, em serviço no Estado-Maior do Exército; capitão do Serviço de Administração Militar Eugénio Oscar Filipe de Oliveira, em serviço na chefia do Serviço de Verificação de Contas e Inspecção Administrativa; capitão de Infantaria Francisco António de Vasconcelos Pestana, do Regimento de Infantaria n.º 3; tenente do Serviço de Administração Militar Alexandre Hipólito dos Santos, do Regimento de Infantaria n.º 3; tenente miliciano Jorge Manuel Toscano de Melo, do Regimento de Infantaria n.º 3. Esta pena disciplinar, de efeitos imediatos, é independente da acção criminal que seguirá os devidos tramites.

A eventual responsabilidade de quaisquer outros elementos militares está a ser objecto de investigações pormenorizadas».

TEATROS E CINEMAS

Para lá da ribalta

O Teatro por dentro — o mundo dos bastidores — é um espectáculo sempre interessante e pitoresco. Entretanto á porta da «cousa», o que primeiro se vê é um porteiro de cigarro ao canto da boca, percorrendo, distraidamente, um jornal amarrotado. As filas dos camarins, estreitas e baixas, fazem lembrar dormitórios desconfortáveis. As coristas correm de um lado para o outro. Frases sempre iguais cortam o ambiente pletórico de mil ruidos distintos em que sobressaem os sons da orquestra e as palmas do publico. Atrás do palco as indicações cruzam-se. E parece impossivel como são ouvidas e compreendidas! E' assim. Todas as noites o mesmo. O mundo dos bastidores oferece emoções e perspectivas sempre diferentes, mas o mais impressionante é ver a azafama daqueles homens em mangas de camisa que inventam pequenos mundos com pedaços de madeira e de papel pintado. São os que o publico não vê. Os que não têm o prémio dum aplauso mas contribuem valorosamente, decisivamente, para a realização e para o êxito do espectáculo.

Só quem assiste de perto ao desenrolar dos ensaios dum espectáculo de revista pode avaliar o trabalho, o cuidado, o interesse que tudo merece a quem tem de o erguer. Para esses homens a sua vida é também fazer Teatro, mesmo o Teatro que não cuida de largas e profundas mensagens ou se propõe qualquer renovação. Porém, Teatro que satisfaça como espectáculo, como desempenho e conjunto de valores cénicos.

Quando soam as pancadas de Molière e as luzes se apagam na sala, a gambiarra toma vida, o pano sobe rapidamente e a orquestra ataca os primeiros compassos do numero de abertura, o espectador não imagina sequer quanto trabalho, quanta luta, quanto esforço foram necessários para que naquela hora de incerteza e de esperança um sonho se transforme em realidade.

Atrás do reposteiro

- O realizador da R. T. P. Herlander Peiroteo faz parte da equipa técnica de «Fruto Proibido», a película americana em rodagem nos estudios da Tobis.
- Numa microgravação, que em breve será posta a venda, estarão reunidas as vozes dos mais populares fadistas, nomeadamente Alfredo Marceneiro, Filipe Pinto, Fernanda Maria, Maria José da Guia e Fernando Farinha, interpretando uma desgarrada com versos de Carlos Conde e Francisco Radamanto.
- O actor Carlos José Teixeira, que deixou o elenco do Teatro da Trindade, continuará esta época a sua actividade nos estudios da R. T. P.
- O espectaculo «Music-hall 1962», dirigido por Luis Piçarra, a apresentar no Teatro ABC, tem a colaboração dos cançonetistas Gina Maria, Maria José Valério, Lilia Martins, Rogélia Paulo, Zelinda Isabel e António Calvário, do acordeonista Filipe de Brito, dos duos «Os Sideraes» e «Jolmar's», do conjunto vocal «4 de Espadas», do ventriloquo Marius, da parelha de palhaços Irmãos Campos e do «ballet» «Erasto and his dancers». Locutores: Miguel Simões e Fernando Ruas. Textos de Ferro Rodrigues e Santos Fernando.
- O realizador Nuno Fradique, que durante alguns meses dirigiu os estudios do Norte da R. T. P., regressou a Lisboa, tendo recomeçado a sua actividade nos estudios do Lumiar na emissão especial da noite de fim de ano.

No Trindade

continua «O Príncipe de Homburgo»

Indo ao encontro do desejo que lhe foi manifestado por numerosos estudantes, a Companhia Nacional de Teatro começa a efectuar a partir do próximo sábado, «matinées» especiais, com início ás 17 horas, da peça de Von Kleist, «O Príncipe de Homburgo».

Calorosamente apiaudido pela crítica e pelo publico que tem afluido ao Teatro da Trindade, «O Príncipe de Homburgo» é incontestàvelmente um dos mais belos e modernos espectáculos dos ultimos anos.

Não se poupando a esforços para dar a todos o melhor teatro aos preços mais acessiveis, criou a C. N. T., para todos os estudantes que queiram assistir a estas «matinées», o preço unico de 10 escudos para os lugares de plateia e 1.º balcão. Para o restante publico, manter-se-á a tabela de preços normais, que oscilam entre os cinco e os trinta escudos.

IMPÉRIO

«As férias do sr. Hulot», em sessão clássica

Hoje ás 18 e 30, será exibido, na sessão clássica do Império, o célebre filme, de Jacques Tati, «As férias do sr. Hulot».

Ministério das Obras Públicas

Foi nomeada uma comissão, presidida pelo major Arrochela Lobo, para proceder ao estudo da generalização, a todos os serviços do Ministério das Obras Publicas dos benefícios das condições económico-sociais dos seus funcionários, particularmente nos domínios da previdência, da assistência e da habitação.

M/ 17 ANOS

UM AUTÊNTICO TRIUNFO DA NOVA VAGA!

Virma Gonzalez

NO

AVENIDA

Telef. 327273

Nick Nicola

Em 2 sessões — A's 20.45 e 23 h.

A REVISTA SURPRESA 1961

Ó - LÁ - LÁ!

Rosana Tapajós

UM PRODÍGIO DE RITMO, ALEGRIA E COR!!!

PELA TREPIDANTE COMPANHIA INTERNACIONAL DE «MUSIC-HALL»

«Ballet Jazz»

SÓ ATÉ DOMINGO!

ULTIMOS DIAS!

A's 21.45

ULTIMAS REPRESENTAÇÕES NO

VARIEDADES

Telef. 326037

COM A ALEGRE COMÉDIA PORTUGUESA

Três em Lua de Mel

pela mais alegre companhia de Lisboa!

O Teatro está aquecido pelo sistema «AKO»

A SEGUIR:

A LINHA DA SORTE

Uma nova comédia de franca gargalhada

Costinha em «Dr. Telmo Pais»

17 ANOS

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

Em ALMADA - PRAGAL o «DIÁRIO DE LISBOA» encontra-se á venda na agência do sr. João António Tavares.

4.ª SEMANA TRIUNFAL

LOTAÇÕES ESGOTADAS!

NO odeon

Suprema consagração do maior dos ídolos

NA SUA 1.ª CRIAÇÃO DRAMÁTICA

JOSELITO

MAIORES 12 ANOS

Excl. da SONORO FILME

BILHETES À VENDA PARA TODA A SEMANA

OS DOIS CAROTOS

UM FILME ADMIRÁVEL QUE NÃO É SÓ PARA CRIANÇAS! É, TAMBÉM, PARA TODOS OS HOMENS E MULHERES QUE GUARDAM EM SEGREDO UM PECADO DE AMOR...

A ODISSEIA DE DOIS PEQUENOS VAGABUNDOS VÍTIMAS DE UMA ODIOSA CHANTAGEM

CANÇÕES MARAVILHOSAS — ADMIRÁVEL ELI[illegible]HA

UM FILME DE ALTO SIGNIFICADO HUMA[illegible]

*** CARTAZ DOS CINEMAS ***

SÃO LUIZ — Telefone 327172

A's 15.15, 18.15 (p. red.) e 21.30 (M. 12 anos)

O CAPITÃO MORGAN

com **Steve Reeves — Valerie Lagrange — Ivo Carrani**

Duelos, abordagens, lutas de morte sob o pavilhão do mais temido pirata dos oceanos!

EDEN — Telefone 320768

A's 15.30 e 21.30 (M. 12 anos) 2.ª SEMANA

EL CID

em Tecnicolor

Uma produção de **Samuel Bronston** com **Charlton Heston** e **Sophia Loren**

O filme começa a ser exibido logo no início dos espectáculos

POLITEAMA — Telefone 326305

A's 15.15, 18.15 (p. red.) e 21.30 EM 2.ª SEMANA DE ENCHENTES

A sensacional comédia de grande espectáculo

«PEPE» com Cantinflas

Dan Dailey, Shirley Jones e ainda 35 celebridades de Hollywood

Cinemascope — Tecnicolor (M/ 12 a.)

ALVALADE — Telefone 763080

A's 15.15 (p. red.) e 21.45 (M. 12 anos)

Duelos, abordagens, lutas de morte, sob o pavilhão do mais temido pirata dos oceanos!

O CAPITÃO MORGAN

com **Steve Reeves — Valerie Lagrange — Ivo Carrami**

LIZ — Telefone 48560

A's 21 horas (M. 12 anos)

O PRAZER DA SUA COMPANHIA SANGUE NO DESERTO

*** COLISEU ***

Empresa Ricardo Covões. Herds.

HOJE, às 21,30

Maiores de 6 anos

CIRCO

AS MARAVILHAS DO ESPECTÁCULO DE

Dezenas de atracções

AMANHÃ

À tarde, entrada gratuita ás crianças até 10 anos

TIVOLI — Telefone 50595

A's 3 e 6.15 da tarde (p. red.) e 9.30 da noite (M. 12 anos)

Uma obra-prima do grande realizador **John Ford**

3.ª SEMANA

TERRA BRUTA

com **James Stewart, Richard Widmark**

SÃO JORGE — BALCÃO 54154 — PLATEIA 54153

15.15, 18.15 e 21.30 (M. 12 anos) 3.ª SEMANA

Yul Brynner e **Horst Buchholz**

OS 7 MAGNÍFICOS

Panavision — Colorido

um filme de **John Sturges**

CONDES — Telefone 322523

A's 15.15 e 18.15 (p. red.) e 21.30 3.ª SEMANA (M. 6 anos)

AS AVENTURAS DE TIM-TIM

O maior herói de todos os tempos e os seus famosos companheiros, pela 1.ª vez no Cinema.

ODEON — Telefone 326283

A's 15.15, 18.15 e 21.30 4.ª SEMANA DE ENCHENTES

com o famoso ídolo de todas as idades

JOSELITO

OS DOIS GAROTOS

Maravilhosas canções — M. 12 anos

ATENÇÃO: Bilhetes á venda para todos os espectáculos desta semana.

RESTELO — Telefone 610375

A's 21.15 (M. 12 anos)

SINDBAD, O MARINHEIRO

com Douglas Fairbanks Jr. — Maureen O'Hara e Anthony Quinn

CINEMA IDEAL — Telefone 324194

A's 21 horas (M. 17 anos)

OS CANALHAS AMAR-TE-EI SEMPRE

TERRASSE — Telefone 320917

A's 21 horas (M 17 anos)

BRINCADEIRAS DO DIABO HISTÓRIA DA HUMANIDADE

ROYAL — Telefone 865057

A's 15 e 21 h. (M. 17 anos)

A PONTE CHRISTINE

REX — Telefone 53[illegible]

A's 21.30 (M. 17 anos)

O SABOR DO MEDO

com Ann Todd — Susan Strasberg — Ronald Lewis

IMPÉRIO — Telefones 555134/5

A's 15.15 e 21.30 (Adultos)

Annie Girardot, Claude Pascal e **Odile Versois**

RENDEZ-VOUS

2.ª SEMANA de um grande exclusivo da temporada

A's 18.30 (12 anos) — **AS FÉRIAS DO SR. HULOT.**

MONUMENTAL — Telefone 55131

A's 15.15 e 21.30 (M. 12 anos)

O REI DOS REIS

3.ª SEMANA

Uma produção de **Samuel Bronston**

Em super-technirama 70 m/m

ROMA — Telefone 727778

A's 15.30 e 21.30 (M. 12 anos) 2.ª SEMANA

« P E P E »

com CANTINFLAS

Um grande espectáculo com **Shirley Jones, Dan Dailey** e ainda 35 celebridades de Hollywood

Cinemascope e Tecnicolor

CAPITÓLIO — Telefone 327493

A's 15.30 e 21.30 (M. 17 anos)

A loucura do ritmo

VAMOS DANÇAR O TWIST!

A história... os artistas... que criaram o ritmo que a todos arrasta!

Com **Joly Dee — The Starlitrs — Teddy Randazzo**

AVIS — Telefone 47163

A's 15.30 e 21.45 (M. 6 anos) 2.ª SEMANA DE MARISOL

numa comédia divertida, alegre e sentimental

CHEGOU UM ANJO

com **Pulgarcito — Isabel Garcés — Julio Sanjuan**

MARIA VITÓRIA

Emp.ª Hermes Portela - Tel. 31749

A's 20.45 e 23 h. Ad. M/ 17 anos

A MELHOR REVISTA DOS ULTIMOS ANOS

BATE O PÉ!

2 HORAS DE GARGALHADA!

ARTUR RIBEIRO

é neste momento um grande cartaz em Espanha. Depois de participar no recente Festival de Aranda Del Duero, tomará agora parte num filme, ao lado de Carmen Sevilha. O filme, que se intitula «Enamorata», é inspirado na conhecida canção de Augusto Algueró, vencedor do Festival de Benidorm, e também marido de Carmen

MONUMENTAL

Tel. 555133 — (Ad M/ 17 anos)

Às 21.45 h. 5.º MÊS

LAURA ALVES no seu grande êxito com ASSIS PACHECO

ULTIMOS DIAS

2 HORAS A RIR!

A seguir: «Meu Amor é Traiçoeiro», de Vasco M. Alves (12 anos)

HOTEL RITZ

LISBOA

HOJE

ANDREA TOSI

E SEU CONJUNTO ITALIANO

VENCEDORES DA COPA JAZZ DE 1961

E

JOSÉ MAGALHÃES E SEU CONJUNTO

Telefone 45131 — MAIORES 15 anos

TRINDADE

A's 21.45

A obra-prima de KLEIST

Tel. 32 00 00 — M/ 12 anos

O PRÍNCIPE DE HOMBURGO

com Brunilde — Alves da Costa — Benamor — Figueiredo — Ligia e Mário Ferreira no protagonista à frente de

UM GRANDE ELENCO

O SPORTING VENCEU

NA COVILHÃ POR 2-0

no jogo de futebol disputado esta tarde

COVILHÃ, 3. — Pelo telefone). — A 11.ª jornada do Campeonato Nacional de Futebol, da 1.ª Divisão, ficou hoje, completada, com a disputa do encontro da Covilhã que, no passado dia 24, foi suspenso pelo árbitro quando o Sporting vencia, por 1-0, e faltava cerca de um quarto de hora para o seu final.

Muito Sol e um excelente tempo levaram ao campo «Santos Pinto» uma boa assistência, facto a assinalar devido a tratar-se de um dia de semana. As duas equipas:

SPT. COVILHÃ — Rita; Lourenço e Couceiro; Lfzinha, Cavém e Carlos Alberto; Palmeiro Antunes, Patiño, Chacho, Joab e Manteigueiro.

SPORTING — Carvalho; Lino e Hilário; Pérides, Morato e Mendes; Figueiredo, Monteiro, Diego, Geo e Morais.

Árbitro — Samuel Abreu (Santarém).

As primeiras situações de carácter ofensivo pertenceram aos visitantes que aos 4 minutos, beneficiaram de dois «cantos» que, marcados por Morais e Figueiredo, não resultaram. A bola movimentava-se, rápidamente, sucedendo-se um curto período de equilíbrio territorial.

Gradualmente, o Sporting tomou o comando da partida e, aos 10 minutos, Geo, que atirou fortíssimo, após ter fintado Cavém, fez passar o esférico rente á trave. Três minutos volvidos, Diego, sózinho em frente de Rita, desperdiçou uma oportunidade de abrir o activo; fez passar a bola rente ao poste.

Por volta dos 20 minutos, os locais insistiram no ataque, obrigando a defesa visitante a intervir, algumas vezes com aspereza. Palmeiro Antunes marcou dois «cantos» e o mesmo jogador provocou um mergulho, aos seus pés, do guardião Carvalho, que safou uma situação delicada.

Chacho, aos 35 minutos, podia ter batido Carvalho, mas a bola adiantou-se-lhe.

Na resposta, o Sporting fez 1-0, golo conseguido por Figueiredo, com um toque suave e bem colocado, concluindo um entendimento entre Pérides e Morais.

Depois, o Sporting passou a comandar, compelindo os serranos a cuidar da sua defesa e Rita por duas vezes (numa delas em intervenção espectacular para «canto» a desviar um remate de Geo, desferido a curta distancia) a executar defesas de categoria.

O intervalo chegou com os lisboetas a vencer por 1-0.

Quando recomeçou a segunda parte, sem Sol, a chuva caiu, mas por poucos momentos, para reaparecer, em cadência forte, a seguir. Os covilhanenses instalaram-se ao ataque, aproveitando os extremos. Até aos 10 minutos, a feição não se alterou, embora Chacho, no decorrer do mesmo lance, houvesse desperdiçado uma recarga após defesa difícil de Carvalho.

Os serranos animaram e os visitantes tiveram que acautelar-se na sua rectaguarda. A situação manteve-se até aos 20 minutos, atacando os locais com ímpeto pelo que o perigo era frequente junto das balizas de Carvalho.

Entretanto, o Sporting reagiu, ganhando um «canto», mas o antagonista levou-lhe vantagem nesse aspecto. Aos 21 minutos, dois «cantos» quase consecutivos. Os lisboetas acantonavam-se na sua área.

Depois de dois contra-ataques dos lisboetas, aos 25 minutos, uma decisão do árbitro levantou um coro de protestos. Palmeiro Antunes foi derrubado por Morato, dentro da área, mas o juiz de campo em vez de grande penalidade assinalou «livre» que Couceiro não concretizou.

A meia hora os lances repartiam-se e Rita provocou «canto», anulando uma tentativa de Geo. Entretanto, o Sporting foi ganhando ascendente. Diego, aos 31 e 32 minutos, não tirou benefício de dois momentos de golo. No primeiro, «picou» a bola demasiado e, no segundo, sobre o risco da baliza dos covilhanenses, com Rita batido, «defendeu» uma bola atirada, de cabeça, por Geo.

O grupo da capital prosseguiu nas suas ofensivas, enquanto os locais acusavam cansaço. P. Antunes e Joab trocaram de posições, mas sem resultados palpáveis.

Aos 43 minutos, o Sporting elevou o marcador para 2-0, golo de Diego que aproveitou um deslise de Rita quando este se lhe lançou aos pés. A bola escapou-se ao guarda-redes e o avançado «leonino» não perdoou.

O jogo terminou, pois, com a vitória do Sporting por 2-0, o que equivale a conservar-se no 1.º lugar da classificação sem derrotas.

A elaboração do novo Estatuto da Caça

Do gabinete do Secretário de Estado da Agricultura recebemos a seguinte nota:

«Há muito que se começara a sentir a necessidade de uma revisão da legislação em vigor sobre caça.

Matéria tão importante, como esta — que largamente interessa todo o País e mais directamente a tantos milhares de portugueses que se dedicam á caça e que, tendo um enorme interesse sob o ponto de vista desportivo e turístico, o assume também para a economia nacional — não podia deixar de ser considerada, como acaba de ser.

Ultimou-se, na Secretaria de Estado da Agricultura, o projecto do novo Estatuto da Caça. Pretende-se facultar o respectivo texto, para apreciação, a todas as pessoas — designadamente caçadores e associações desportivas — que se interessem pela discussão do problema, para que os seus pareceres, se forem devidamente considerados, contribuir para o aperfeiçoamento de um diploma de cujas disposições mais directos destinatários

do projecto acha-se já á disposição dos interessados na secretaria-Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas, em Lisboa (Rua João Crisóstemo, 26), e também nas sedes das Circunscrições e Administrações Florestais, espalhadas por todo o País.

Os pareceres que os interessados desejarem produzir deverão ser enviados ao gabinete do Secretário de Estado da Agricultura até ao dia 31 de Janeiro de 1962, impreterívelmente, dactilografados em papel corrente de máquina, formalmente apresentados para que a análise crítica seja referida aos diversos artigos do projecto, sem prejuízo da apreciação genérica que se pretenda fazer».

ESTAMOS APTOS a vibrar em Israel um golpe fatal

— diz o ministro da Guerra da R. A. U.

CAIRO, 3. — «As forças egípcias estão agora aptas a vibrar um golpe mortal a Israel» — declarou o marechal Abdel Harim Amer, vice-presidente da R. A. U., ministro da Guerra e comandante-geral do Exército, numa reunião de oficiais. Anunciou na mesma altura que desde Julho passado se procede á execução de novos planos militares com o objectivo de aumentar os armamentos e preparar as forças de segurança para toda e qualquer agressão exterior eventual.

E afirmou: «Hoje, Israel não se atreveria a desencadear um ataque contra o Egipto. A potência actual das nossas forças armadas é mais que suficiente para repelir qualquer agressão do exterior. Elas estão aptas a vibrar um golpe fatal ao inimigo» — (F. P.).

CONTINUAMOS A OFERECER !...

OURO E PRATA A PESO

Jóias e Relógios de todas as marcas, mais baratos do que a tabela, só encontra no

BARATEIRO DE S. DOMINGOS
Rua Barros Queirós, 56

SERVIÇOS DE CHÁ

GRANDE VARIEDADE—FABRICO PRÓPRIO

OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 253 — Tel. 24564

O ministro da Marinha com os almirantes Nuno de Brion e Newton da Fonseca e com o eng.º Couto dos Santos, na ponte do «Ponta Delgada»

O MINISTRO DA MARINHA

visitou o «Ponta Delgada» que se destina à cabotagem entre as ilhas dos Açores

O navio «Ponta Delgada», da Empresa Insulana de Navegação, que se destina á carreira entre as ilhas do Arquipélago dos Açores foi esta manhã, visitado demoradamente pelo titular da pasta da Marinha.

O sr. almirante Quintanilha Mendonça Dias, que se fazia acompanhar do seu ajudante, primeiro-tenente Macedo Alvarenga, foi recebido no cais da eclusa da Rocha de Conde de Obidos, onde aquela unidade se encontra atracada, pelos almirantes Newton da Fonseca, director-geral da Marinha, Nuno de Brion, delegado do Governo junto da empresa armadora, capitães-de-mar-e-guerra, Jerónimo Henriques Jorge, Jierno Bagulho, Correia Guedes e Santos Cardoso, respectivamente presidente e vice-presidente da Junta Nacional da Marinha Mercante, director da Marinha Mercante e capitão do Porto de Lisboa, e ainda, pelo capitão-de-fragata Malheiro do Vale, comandante da Polícia Marítima, assim como pelos administradores da Insulana eng. Couto dos Santos e comandante Simões Vaz e pelo sr. eng. João Rocheta, director dos estaleiros da Novalis e José Manuel de Melo, administrador da Sociedade Geral do Comércio, Industria e Transportes, assim como pelo comandante do navio Armando Gonçalves Cordeiro.

O almirante Quintanilha Mendonça Dias, sempre acompanhado por aquelas individualidades percorreu então com o maior interesse o «Ponta Delgada».

Sucessivamente, aquele membro do Governo esteve na ponte de comando, no salão de fumo da primeira classe, nas salas de jantar de terceira classe e turística e na casa das máquinas. Analisou, igualmente, com o maior interesse os camarotes das três classes e da tripulação.

O «Ponta Delgada seguirá, possívelmente, para o porto açorlano do mesmo nome, no dia 10.

A CARRIS VAI pôr em circulação mais 38 autocarros de dois pisos

Como em todas as grandes cidades, o problema dos transportes colectivos em Lisboa está longe de se encontrar integralmente resolvido, apesar dos melhoramentos sucessivos que neste aspecto têm sido introduzidos.

A Companhia Carris, a partir de Agosto do ano findo, pôs em circulação 28 autocarros de 2 pisos. E este ano entrarão em serviço, brevemente, mais dois. Porém, a partir de Março, vai aumentar o numero de carros em circulação com mais 36 autocarros, também de dois pisos, o que virá diminuir sensivelmente as deficiências que actualmente se verificam.

Por outro lado, têm sido criadas recentemente novas carreiras, que são: a 32, do Cais do Sodré ao Hospital de Santa Maria; 33, do Torel ao Campo Grande; e 33-A, do Hospital do Desterro ao Hospital de Santa Maria.

A partir de hoje, as carreiras 7, 8 e 10, que saiam da Praça do Chile para Alvalade, Calçada de Carriche e Moscavide, passam a sair da Rua António Pedro e José Falcão.

A forte co arrasto quase todas as e

O navio alemã encalhou junto d da ponte da

PORTO, 3 — A cidade está a viver horas de grande angustia, causada pelas gravíssimas proporções que a cheia do Douro assumiu.

Durante toda a noite, o movimento na zona ribeirinha foi extraordinário, continuando a acorrer ás margens do rio milhares de pessoas na ansia de presenciarem o espectáculo impressionante da cheia e do garrar dos navios que, a partir das 23 horas, começaram a ser arrastados rio abaixo.

Numerosas famílias ficaram sem lar

Causou profunda emoção a sorte do capitão do barco espanhol «Puerto de Alicante», D. Juan Saragoça, de 31 anos, natural de Málaga, que possivelmente, vítima de uma alucinação, se deixou deslizar por um cabo do seu navio, quando este se encontrava ainda atracado ao Cais do Vinho do Porto e, arrastado pela corrente, desapareceu nas águas, precisamente quando os bombeiros faziam esforços para o convencer a abandonar o navio, com auxílio de cabos.

O corpo do capitão Juan Saragoça, capitão do «Puerto Alicante», apareceu ás 9 horas da manhã de hoje no lugar da Lagoa, freguesia de A-Ver-o-Mar, Póvoa de Varzim.

Por mais de uma vez, tem sido noticiado que na cheia de 1909 as águas atingiram, na Régua, a altura de 24 metros, quando o certo é que o seu máximo foi de 26 metros. Nesta cheia, o máximo verificado foi de 23,40 metros, mas também é preciso notar-se que o mar, em todos estes dias, tem estado muito calmo, dando grande saída ás águas, o que se não verificou naquele ano.

As águas, agora, ultrapassaram os primeiros andares das residências da beira-rio. Durante a noite, as autoridades providenciaram no sentido de dar alojamento a numerosas famílias que tiveram de abandonar as suas residências e que não tinham, na ocasião, onde acolher-se.

O abade da igreja de S. Nicolau mandou abrir o templo, dando ali abrigo a muitas dezenas de pessoas.

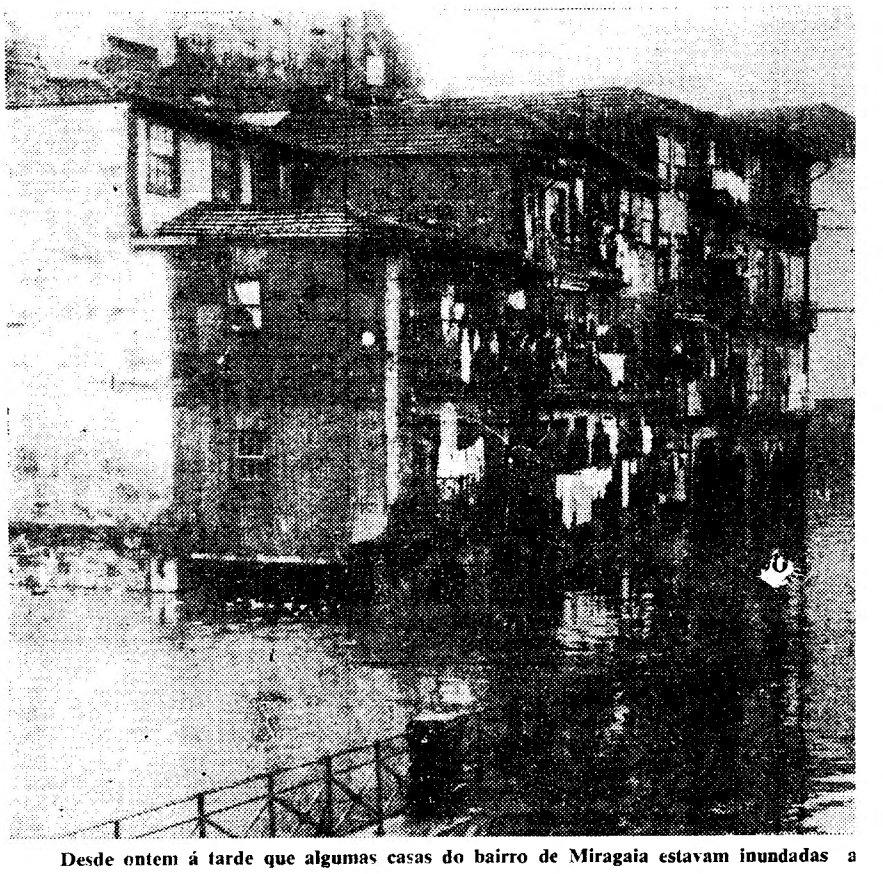
A estrada marginal para Entre-os-Rios, construída com altura bastante para evitar as cheias, ficou quase toda submersa, e o percurso para a Foz foi inundado também em diversos locais, pelo que todo o tra Aveni Na sas a torida nora tendo cada ram j

Ape

Dos sos p lefon glia», mas arras aguer mesm des p amar ram r res e tivos.

Dos abaix panho arrast tins» «Bata Tod dos d por b e em encon Admi ro e Grand lançar tendo a sua dos p barco.

Mai Grand rastão



Desde ontem á tarde que algumas casas do bairro de Miragaia estavam inundadas a

SURREALISTA até na morte

MIDDLETOWN (Nova York), 3. — O pintor surrealista e ilustrador Kurt Seligmann, de 61 anos, suíço de nascimento, morreu a noite passada, nesta cidade, quando uma pistola de que era portador se disparou no momento em que ele escorrregou no gelo, próximo da sua residência, a pouca distancia de Middletown — revelou a Polícia. — (R.).

corrente do Douro
astou rio abaixo
as embarcações nele fundeadas

lemão «Eifel»
nto de um pilar
da Arrábida

á a vi-
a, cau-
orções
sumiu.
movi-
foi e-
acor-
res de
ciarem
te da
s que,
iram a

iram

sorte
«Puer-
agoça,
a, que
ia alu-
or um
este se
o Cais
lo pela
águas,
beiros
vencer
auxílio

Sara-
cante»,
nhã de
guesia
'arzim.
n sido
909 as
a altu-
erto é
26 me-
o veri-
, mas
que o
em es-
grande
o veri-

saram

o transito tem de ser feito pela Avenida da Boavista.

Na zona da Ribeira, algumas casas ameaçam ruir, pelo que as autoridades estão a mandar evacuar os moradores dos andares superiores, tendo já seguido para ali uma escada «Magirus», por onde desceram já muitas pessoas.

Apenas dois barcos resistiram à corrente

Dos barcos ancorados em diversos pontos do rio, á hora a que telefonamos, só o vapor alemão «Anglia», atracado ao cais do terreiro, mas em crítica situação, e o lugre-arrastão «Avis», conseguiram aguentar a força das águas. Este mesmo, rebentou com alguns grandes pilares de pedra onde estava amarrado, pelo que esses cabos foram mais tarde amarrados a árvores e postes dos transportes colectivos, da Alameda Basílio Teles.

Dos que garraram e foram rio abaixo, sairam a barra o navio espanhol «Puerto de Alicante»; os arrastões do bacalhau «João Martins» e «Invicta» e ainda os lugres «Bata Novo», «Sadino» e «Teófilo».

Todos estes barcos foram arrastados de noite e sofreram estragos por baterem noutras embarcações e em pedras. Ao largo, de atalaia, encontravam-se os rebocadores da Administração dos Portos do Douro e Leixões «Vandoma» e «Monte Grande». O primeiro, conseguiu lançar um cabo ao «Puerto de Alicante» e rebocou-o para Leixões, tendo metido, entretanto, a bordo, a sua tripulação, que numa lancha dos pilotos se dirigiu para o seu barco.

Mais tarde, o rebocador «Monte Grande» conseguiu apanhar o arrastão «Invicta» e, ajudado pelo arrastão «Massarelos», da mesma empresa, rebocou-o para Leixões, onde entrou ás 7 e 43.

O arrastão «João Martins», que um pouco fora da barra ficara preso pelas suas ancoras, seguiu pelos próprios meios para Leixões, onde entrou ás 12 e 40, com a assistência do rebocador «Monte Grande». Como o navio se encontrava parado, a tripulação pôde tomar conta dele.

Os lugres «Bata Novo» e «Sadino» foram apanhados por traineiras e entraram em Leixões cerca das 8 e 30. O lugre «Teófilo», muito desmantelado, com os mastros partidos e á deriva a oeste de Leixões, está a ser seguido por uma traineira, que tenta «pescá-lo».

Também garrou o navio inglês «Lanrick» que se encontra encalhado em frente de Massarelos, depois de ter vindo rio abaixo. Este barco, ao chegar ali, rebentou com as amarras dos três lugres de que atrás falámos e do arrastão «Senhora do Mar». O arrastão, depois de ziguezaguear, no meio do rio, foi direito á Alameda Basílio Teles e, batendo com a proa no muro do passeio, ali ficou, encostado ás árvores e sobre as instalações do cais do peixe do Frigorífico. Na hipótese de se soltar, ameaça o iate de recreio americano «Pigmaleão», ao qual já causou estragos, e o lugre «Avis». Entretanto, já meteu no fundo algumas barcaças que ali se encontravam.

Também o vapor alemão «Eifel», que durante a noite garrara e viera rio abaixo, saiu esta manhã a barra. Este navio, depois de tocar em alguns pontos, foi encalhar junto de um pilar da ponte da Arrábida, onde esteve, durante horas, a bater, acabando por causar fracturas na estrutura. Em face do perigo, foram-lhe hoje cortadas as amarras que de noite lhe haviam sido lançadas. As águas do rio levaram-no, então, para o mar, onde o rebocador «Vandoma» o apanhou e levou para Leixões.

Na Régua, o rio baixou 80 centímetros

Durante a noite, também se afundaram muitas barcaças e outras foram arrastadas para o mar, o que eleva os prezuízos a numeros extraordináriamente elevados. O rio continua a trazer destroços de toda a ordem, embora na Regua o nível das águas tenha baixado 80 centímetros, atingindo a altura de 22,10 metros.

As ligações ferroviárias com a Régua continuam interrompidas, bem como as ligações pela estrada marginal. Naquela vila, os bombeiros evacuaram esta manhã algumas pessoas que se encontravam ainda nos andares superiores das casas isoladas pelas águas. Os prejuízos são muito elevados, principalmente na Rua da Ferraria, onde se encontram inundadas muitas casas comerciais.

Em frente a Viana do Castelo foram encontrados a boiar aparelhos de televisão e rádios

VIANA DO CASTELO, 3 — Ao princípio da noite de ontem e na manhã de hoje, alguns barcos a motor, desta praça, que andavam na faina da pesca, recolheram no mar, onde andavam a boiar, alguns aparelhos de televisão, rádios, contadores eléctricos, etc. Todo o material recolhido foi entregue no posto da Guarda Fiscal, de onde transitou para a delegação aduaneira. Supõe-se que este material estivesse em qualquer batelão destinado a embarque ou desembarque, que se tivesse afundado devido á cheia do rio Douro.

Dezenas de casas desaparecidas em Fozcoa devido á cheia

CARRAZEDA DE ANSIÃES, 3— Em consequência da grande cheia do Douro, ficaram destruídas 36 casas de habitação, na povoação de Fozvoa, deixando sem abrigo dezenas de famílias. Do aglomerado existente entre a linha do caminho de ferro e o rio Douro, apenas estão de pé quatro ou cinco casas, mas tudo leva a crer que acabem por se desmoronar, pois encontram-se submersas.

As casas desaparecidas eram, na sua quase totalidade, habitadas por ferroviários, que ficam na maior miséria.

O chefe do distrito e o presidente da Camara visitaram o local, a inteirar-se do sucedido, aguardando-se que providências sejam dadas, para auxiliar as vítimas das cheias.

Em Vila Nova de Gaia, precisamente na Rua Candido dos Reis, os bombeiros recolhem os moradores das casas inundadas

O NÍVEL DO TEJO ESTÁ A DESCER
mas a Chamusca continua bloqueada pelas águas

Com a melhoria do tempo, o nível das águas do Tejo, embora lentamente, está a descer, em Abrantes muito embora continue ainda cortada a estrada que liga o Tramagal ao Rossio de Abrantes. O transito pela Ponte dos Catorze continua a ser perigoso, em consequência de ter abatido uma das guardas da ponte, tendo arrastado na queda parte do muro de suporte.

Entretanto, a vila de Chamusca continua bloqueada pelas águas, que impedem as comunicações com Abrantes e a Golegã, e entre Almeirim e Santarém. Todos os caminhos foram atingidos pela inundação, que causou enormes prejuízos nos campos, onde a sementeira já havia sido feita. A unica estrada que pode ser utilizada é a que liga á ponte de Vila Franca de Xira.

No Ribatejo a cheia mantém-se estacionária

SANTARÉM, 3. — A cheia no Ribatejo mantém-se estacionária. As escalas hidrométricas marcavam: em Vila Velha de Ródão, ás 24 horas, 10,80 m; ás 3 horas, 10,90 m; ás 6 horas, 10,90 m; ás 9 horas, 10,85 m. Na Barquinha ás mesmas horas: 7,88 m; e a partir das 3 horas, 7,86 m. Em Santarém 7,42 m. e 7,44 m, a partir das 3 horas.

Continua interrompido o transito na estrada de Santarém a Lisboa, no lugar da Ponte Asseca; na estrada de Santarém a Almeirim; de Tapada a Alpiarça; Golegã á Chamusca; Azinhaga á Golegã; Vale de Figueira a Pombalinho; Santarém a Alcanhões e Ponte do Soeiro.

Esta madrugada, foi também fechada ao transito a estrada n.º 118, entre Benfica do Ribatejo e Almeirim, no sítio do Vale da Fonte da Moura.

O aspecto da campina é surpreendente, sendo ao mesmo tempo desolador.

A cheia do Zêzere ameaça destruir a Ponte Filipina do Cabril

PEDRÓGÃO PEQUENO, 3 — Nos ultimos dias, aumentou a intensidade das chuvas, trovoadas e ventos ciclónicos, o que provocou cheias como há anos se não viam já nesta região. Os ribeiros sairam fora dos leitos, provocando arrastamento de terras de semeadura, e há também a registar o desmoronamento de paredes de hortas e de habitações.

Na barragem do Cabril, devido á albufeira se encontrar repleta e o caudal do rio ter subido duma forma prodigiosa, os descarregadores foram abertos, bem como a descarga de fundo. No entanto, há a registar o receio da antiga ponte filipina do Cabril, sobre o Zêzere, não aguentar a enorme pressão da água que a envolve, visto que o nível da cheia atingiu as guardas da ponte, facto que sucede pela primeira vez.

Campos alagados

VILA FRANCA DAS NAVES, 3— Tem chovido torrencialmente nesta região. Na madrugada de ontem, a água foi tanta que inundou completamente os campos, transformando-os num verdadeiro lago.

O transito para o povoação de Moimentinha está interrompido, em consequência da estrada ter sido alagada em vários pontos.

Estradas cortadas pelas cheias

Devido á cheia do rio Douro, está interrompido o transito na estrada marginal entre a ponte de D. Maria, no Porto, e o Freixo; na E. N. 108, entre a Rede e a Régua e no cruzamento da estrada 108 com a estrada 12, no Freixo.

Estão igualmente cortadas, devido á cheia do Tejo, as estradas seguintes: E. N. 3-1, entre Azambuja e estação do caminho de ferro; no Dique dos Vinte, na E. N. 118, entre Tramagal e Rossio ao Sul do Tejo; na E. N. 365, entre Ribeira de Santarém e Alcanhões e entre Azinhaga e Golegã; na E. N. 368, entre Tapada e Alpiarça; e na E. N. 368-1, entre as proximidades de Alpiarça, pelo Patacão e Vale de Cavalos.

Também estão interrompidas as comunicações na E. N. 222, entre Canedo e Castelo de Paiva, podendo o transito ser feito por Arouca, pelas estradas nacionais 224 e 326, entre Castelo de Paiva e Corga do Lobão; na E. N. 342, entre Lourical e Soure, podendo o transito nesta região, fazer-se por Pombal, pelas estradas nacionais 237 e 1; e na E. N. 347, entre Montemor-o-Velho e Alfarelos (faz-se o transito por Coimbra) e na E. N. 341, entre Calvete e Amieira.

Socorros da Caritas e da Cruz Vermelha aos sinistrados de S. João do Estoril

A Caritas Portuguesa mandou, hoje, distribuir colchões e mantas pelos moradores da Rua do Vale de Santa Rita, em S. João do Estoril, mais atingidos pela cheia que ali causou grandes prejuízos, e amanhã procederá a uma distribuição de géneros alimentícios na igreja de Santo António do Estoril.

Também a Cruz Vermelha Portuguesa distribuiu entre os habitantes mais necessitados géneros de mercearia e cobertores. A acção destes dois organismos foi calorosamente elogiada pelos moradores do sítio, que viram deste modo atenuados os prejuízos causados pelo temporal.

EM 3 LINHAS

O capitão-de-mar-e-guerra José Pimenta de Almeida Beja Camões Godinho foi nomeado segundo-comandante do Comando Naval de Angola.

///

A folha oficial publicou hoje a relação dos assistentes escolares, assistentes auxiliares e prefeitos que já prestavam serviços e a contratar do Lar Académico de Filhos de Oficiais e de Sargentos.

///

O comodoro-médico Raul Eduardo Ribeiro foi exonerado do cargo de presidente da Junta de Saude Naval e nomeado director do Serviço de Saude Naval.

///

Foi nomeado director do Serviço de Administração Naval o comodoro de administração naval Henrique da Costa Madeira.

///

Foi fixada a zona de protecção á Escola Industrial e Comercial da Póvoa de Varzim.

///

Está concluído o novo edifício das messes para oficiais e sargentos do Batalhão de Caçadores n.º 6, em Castelo Branco.

///

O engenheiro-geográfo Alberto Leão Dinis, meteorologista-chefe do Serviço Meteorológico Nacional, foi nomeado, pelo prazo de dois anos, director do Serviço Meteorológico de Angola.

///

Foram aprovados os estatutos da Associação de Jardins-Escolas João de Deus, com sede em Lisboa.

///

Foi aprovado o novo compromisso, a título provisório, da Santa Casa da Misericordia de Azinhoso (Mogadouro).

///

Em Tancos, vão ser construídos três edifícios para casernas de praças e um para depósito da secção de subsistências do Regimento de Caçadores Pára-quedistas. A obra custará 4383 contos.

///

Foi dada nova redacção a várias disposições do Decreto-Lei n.º 35 042 e do Estatuto Judiciário, por um decreto-lei que também insere disposições relativas aos serviços da Polícia Judiciária.

AGRAVOU-SE EM ESPANHA
a situação criada pelas inundações

MADRID, 3 — A situação agravou-se a noite passada nas províncias de Leão, Valladolid e Zamora — ao noroeste de Espanha — em consequência das cheias.

A ribeira Valderaduey inundou quatro aldeias na província de Leão, uma na província de Valladolid e outra na província de Zamora. As águas de outras ribeiras cobrem vastas extensões destas três províncias, onde se encontram várias aldeias inundadas.

Os comboios não circulam entre Madrid e a Corunha. Está também interrompido o tráfego ferroviário entre a capital e as cidades de Santander e Bilbau.

Ao sul da Espanha, 20 000 pessoas foram forçadas a abandonar a cidade de Huelva. Em Cádiz, a tempestade obrigou os navios a refugiarem-se no porto.

Em Ciudad Real, a velha torre do Alcazar, construída no século XIII por Afonso X, ruiu.

Na província de Zamora, os habitantes de duas das aldeias cercadas pelas águas têm que ser reabastecidos de avião. Por sua vez, os habitantes de um dos bairros de Zamora tiveram de ser evacuados.

Noutro ponto da Espanha, ao norte da província de Palência, caíram nas ultimas vinte e quatro horas abundantes nevões. — (F. P.).

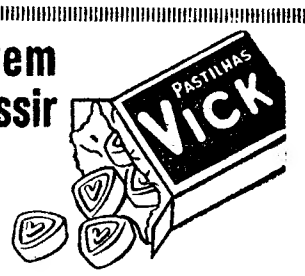
ram inundadas até ao nível do 1.º andar

O maior sortido de ouro, pratas e jóias a preços de concorrência
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

Para todos os que devem deixar ràpidamente de tossir

Cada pastilha contém 6 ingredientes medicinais Vick que suavizam a garganta e acalmam ràpidamente a tosse.

6 ingredientes medicinais... e pronto!



Pastilhas VICK para a tosse!

NECROLOGIA

FUNERAIS

Salvador da Costa

MONTEMOR-O-NOVO, 3 — Faleceu o sr. Salvador da Costa, de 97 anos de idade, viuvo, natural de Montemor, que era o seu habitante mais velho.

O extinto, que foi largos anos comerciante desta vila, era o sócio n.º 1 da Sociedade Antiga Filarmónica Montemorense (Pedrista), agremiação recreativa que o ano passado comemorou o seu 1.º centenário; e, em 1880, fez parte dum Corpo de Bombeiros Voluntários, organização esta que teve pouca vida.

Era pai dos srs. Salvador Romeiras da Costa, funcionário superior do Banco Ultramarino, António Salvador Romeiras da Costa, negociante de cereais, Manuel Salvador Romeiras da Costa, funcionário publico, e dr. Francisco Salvador Romeiras da Costa, médico em Vendas Novas.

O funeral efectuou-se para o cemitério local.

Joaquim Guedes

CASTRO DAIRE, 3 — Com 86 anos, faleceu nesta vila o sr. Joaquim Guedes, viuvo, proprietário da Empresa de Camionagem Joaquim Guedes, Filho & Genros, Lda.

Era pai do sr. João Guedes, já falecido e das sr.as D. Benilde Augusta Guedes Costa, casada com o sr. Gomecindo dos Santos Costa e da sr.ª D. Isaltina Guedes Clemente casada com o sr. António Clemente da Costa, avô dos srs. engenheiro Orlando Ferreira Guedes e Alcides Ferreira Guedes, sócio-gerente da Empresa Guedes, e da sr.ª D. Maria Augusta Guedes Duarte d'Oliveira, directora-técnica da farmácia da Misericórdia, casada com o sr. dr. João Duarte d'Oliveira, conservador do Registo Civil e Predial nesta vila; Albertino Guedes Costa, sócio-gerente da Vencedora Castrense, de Viseu; da sr.ª D. Maria Isaltina Guedes Costa Tomás Henriques, casada com o sr. Ilídio Tomás Henriques, industrial em Alenquer; e dos srs. António Isaltino Guedes Clemente e Adalberto Dinis Guedes Clemente, comerciantes em S. Paulo — Brasil; e sogro da sr.ª D. Adelaide Ferreira Guedes.

Gregório Carrasco Raposo

ÉVORA, 3 — Para o cemitério dos Remédios, desta cidade, efectuou-se com grande acompanhamento, o funeral do sr. Gregório Carrasco Raposo, de 66 anos, natural da Mina de S. Domingos, analista da Brigada Técnica da XII Região Agrícola, desta cidade.

Era casado com a sr.ª D. Josefa Maria Fialho Raposo, professora do ensino primário oficial, e pai dos srs. dr. Afonso Fialho Raposo e capitão Leonel Fialho Raposo.

D. Felícia Santana de Oliveira

ÉVORA, 3 — Com numeroso acompanhamento efectuou-se para o cemitério desta cidade, o funeral da sr. D. Felícia Santana de Oliveira, de 91 anos, mãe do sr. Francisco Santana de Oliveira, funcionário do Grémio de Panificação do Distrito de Évora.

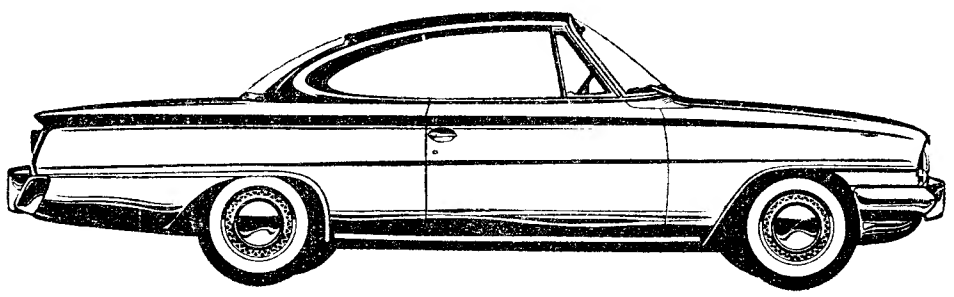
SUFRAGIOS

Casimiro Teles Guedes

Na igreja de Santa Isabel mandada celebrar pela família, reza-se amanhã ás 12 e 25, missa de sufrágio por alma do sr. Casimiro Teles Guedes

CONSUL

Caprí



O MAIS SENSACIONAL E LUXUOSO COUPÉ

EM EXPOSIÇÃO

NOS CONCESSIONÁRIOS

Ford

J. MENDES COELHO, LDA.

RUA ALEXANDRE HERCULANO, 6-A

Comarca de Lisboa

8.º JUÍZO CÍVEL

ANÚNCIO

No dia 19 de Janeiro próximo, pelas 14 horas, á porta do 8.º Juízo Cível desta comarca, vai á praça, pela 1.ª vez, nos autos de acção especial de venda de penhor movidos por Mário Francisco Delgado contra Maria Olímpia da Silva Baptista, solteira, maior, gerente comercial, Trav. Enviado de Inglaterra, 1-3.º — desta cidade, para ser arrematado ao maior lanço oferecido acima de 53.000$00 o veículo automóvel da marca SIMCA, com a matrícula BL-3 9-27, que se encontra depositado na garagem «Motor Palácio», Rua Andrade Corvo, 31-B.

Lisboa, 16 de Dezembro de 1961.

O chefe da 2.ª secção,

José Roque

VERIFIQUEI

O Juiz de Direito,

António Augusto de Oliveira Pinto

CARPETES - TAPETES
PASSADEIRAS
CONSULTE
DURANTE O PRESENTE MÊS
O DEPOSITO DA
Fábrica TRICANA
Avenida Praia da Vitória, 48-A
LISBOA
(ao lado do Teatro Monumental)

CASIMIRO TELES GUEDES

CONFORTADO COM OS SACRAMENTOS DA SANTA MADRE IGREJA

FALECEU

PARTICIPAÇÃO E MISSA DO 7.º DIA

Maria Luisa d'Affonseca Passanha Guedes, José Manuel Passanha Guedes, sua mulher Maria de Lourdes B. Barreira Guedes e filhos; Luis d'Affonseca Passanha Guedes, sua mulher Maria Amélia Gomes Cardoso Guedes e filhos; Francisca Teles Guedes Padinha, D. Diogo Francisco d'Affonseca Passanha e sua mulher e demais familia cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas das suas relações e amizade que foi Deus servido chamar á Sua Divina Presença, seu muito querido marido, pai, sogro, avô, irmão, cunhado e parente e que amanhã, dia 4, pelas 12,25 horas na Igreja de Santa Isabel, será celebrada Missa pelo eterno descanso de sua Alma, agradecendo desde já a todos aqueles que se dignarem assistir a este piedoso acto.

P. N. A. M.

AGÊNCIA MAGNO

João Joaquim Tomás

MISSA DO 7.º DIA

Sua família participa que amanhã, dia 4, ás 12 horas, na Igreja de S. João de Deus, será celebrada missa pelo eterno descanso de sua alma, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

O «Diário de Lisboa» vende-se em Sacavém por intermédio do nosso agente Mariano Augusto Sampaio.

DR. JOSÉ COELHO DE MONTALVÃO

CAPITÃO-DE-FRAGATA (MÉDICO APOSENTADO)

FALECEU

Henriqueta Montalvão de Sampaio e Melo e seu marido, Manuel Maria de Sampaio e Melo, Eugénia Montalvão Freitas e seu marido, Luís Américo de Freitas, Eugénia Montalvão Ponce de Leão, seu marido e filhos, Maria da Conceição Montalvão Freitas do Vale e seu marido, Manuel António de Sampaio e Melo, mulher e filhos, Aníbal de Sampaio e Melo, mulher e filhos, Norberto de Sampaio e Melo e sua mulher, Eugénia de Sampaio e Melo Ferreira, marido e filhos, Candida de Sampaio e Melo Monteiro, marido e filho, (ausentes), Lucília de Sampaio e Melo Ferreira, marido e filha, Maria de Sampaio e Melo Pinheiro, marido e filho e mais família participam o falecimento do seu extremoso irmão, cunhado, tio e parente, cujo funeral têm lugar amanhã, pelas 11 horas da Igreja dos Jerónimos para o cemitério da Ajuda.

ANTIGA AGÊNCIA LOURENÇO
Telef. 638026

Diário da Outra Banda

Farmácias de serviço

ALCOCHETE — *Gameiro* — L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 034100).

ALMADA — *Central* — R. de Olivença, 11-B (Tel. 070504).

BARREIRO — *Central* — Av. da Bélgica, 48 (Tel. 023207).

COVA DA PIEDADE — *Cerqueira Afonso* — P. 5 de Outubro, 18 (Tel. 070254).

MOITA — *União Moitense* — Av. Dr. Teófilo Braga (Tel. 0390253).

MONTIJO — *Giraldes* — R. Almirante Reis, 45 (Tel. 030008).

SESIMBRA — *Lopes* — R. Cardido dos Reis, 67 (Tel. 029028).

SETUBAL — *Costa* — R. da Misericórdia, 48 (Tel. 22760).

O COMPLEMENTO INDISPENSÁVEL
ESTORES VITÓRIA
CORTINADOS

O DISCURSO DO CHEFE DO GOVERNO

(Continuação da 1.ª página)

lítica mundial pudessem opor-se com eficácia ás ambições de que foi vítima Goa. Temos assim de descer mais fundo no exame da questão e explicar com algum pormenor como tudo foi possível.

A lógica de Nehru é diferente da nossa

O caso de Goa pode dizer-se que nasceu no momento em que a União Indiana se tornou independente. Apesar de o Império das Indias se haver cindido em vários Estados, a União Indiana, que muito contrariamente teve de conformar-se com a cisão, passou a considerar-se a si própria como verdadeira sucessora da Inglaterra e no fundo como o Estado que aglutinaria mais tarde ou mais cedo os outros Estados do Indostão. União Indiana, India, Indostão são termos que, confundindo a geografia e a ambição política, passaram a representar uma identidade na mente dos dirigentes de Nova Delhi.

Nesta orientação e tomando partido da confusão dos primeiros anos, a União Indiana fez um vasto trabalho de unificação por meio de acordos, de pressões e conquistas, e detém a posse de outros territórios, como Caxemira, mesmo contra os repetidos votos e a condenação formal das Nações Unidas. O primeiro-ministro da União Indiana, pandita Nehru, é o representante máximo desta ideia imperialista contra a qual se esboroam todas as outras que tanto diz professar — pacifismo, não violência, boa vizinhança. Não o embaraçam as contradições nem do pensamento nem da acção, que aliás alguns benévolamente atribuem ás variações da opinião pública. Abusa do ilogismo ou pelo menos a sua lógica é diferente da nossa. Os anos de Londres poderão ter-lhe facultado traços de cultura europeia mas não tocaram a sua formação de origem. À procura de alguma coisa que cimente, para garantia da mais que precária unidade política, o embrechado dos povos e raças que habitam o subcontinente, julga encontrá-la no substracto hindu. E por mais estranho que pareça a quem encara as suas prédicas, o primeiro-ministro da União Indiana é no fundo um racista e um anti-ocidental, pacifista em teoria e agressor na prática. E não só na Ásia. A braços com a sobrepopulação e a miséria, tem também os seus planos de África, da África deserta, onde espera que o indiano pode vir a substituir o branco.

Quem não tiver bem presentes estes pontos de referência não compreenderá a acção indiana que em anos não muito distantes se desenrolará naquelas partes do Mundo, nem entenderá o que se passou com Goa.

O Estado Português da India foi sempre, como não podia deixar de ser, respeitado pelos ingleses, na soberania de Portugal. A incorporação destes minusculos territorios não interessava e estava vedada a uma nação como a Inglaterra, ali chegada dois séculos depois de nós, mas com os arrivistas do poder as coisas não seriam assim; o maquinismo da unificação continuaria a funcionar e mesmo em prejuizo das soberanias estranhas ao Império Britanico.

O caso de Goa foi sucessivamente mudando de aspecto na política e nos discursos do primeiro-ministro: começou-se pela reclamação de uma larga autonomia, aliás já existente, passou-se á independência e acabou-se na anexação que era o fim a atingir. Neste processo a União Indiana ora se apresentou como detentora do direito de protecção de etnias iguais ou afins, onde quer que vivessem, ora como grande potência abrasada pelo ideal da luta anticolonialista, para libertar os povos escravizados. Apesar da insistência da campanha movida ao longo dos anos contra Portugal em Goa ou contra Goa portuguesa, os Indianos não puderam convencer o Mundo de terem razão; muito menos puderam demonstrar que nós a não tivéssemos.

Quanto a nós, a descoberta, os acordos com autoridades locais, a posse incontestada de séculos, a paz, a coesão espiritual e o progresso dos povos não podem ser contraditados no mundo ocidental como fundamentando a legitimidade da soberania. Mas ao contrário do que se pensa entre nós a antiguidade destes títulos e a continuidade do exercício do poder eram para a União Indiana razão a mais para se extinguirem e não para se manterem.

Acusações que não passavam de propaganda política

As acusações contra a administração portuguesa e a falta de liberdade em Goa e as pretensas aspirações dos Goeses a desligarem-se da pátria comum, e o apodo de colonialismo eram tão contra a evidência que não se poderiam com seriedade manter, e foram geralmente considerados simples arma de propaganda política. O facto de todos os goeses serem desde sempre cidadãos portugueses de pleno direito, de possuirem o seu colégio legislativo, de terem representação desde 1822 na Câmara dos Deputados, de ascenderem aos mais altos postos na burocracia e no Governo da Nação, de poderem exercer as suas profissões em todos os territórios portugueses, metropolitanos ou ultramarinos, tudo isso destrói pela base a acusação de que o Estado da India, mascarado de província, era uma simples colónia. E menos ainda que outros os Goeses puderam ser convencidos.

Depois de estabelecidas relações diplomáticas entre a União Indiana e Portugal, foi apresentada ao Governo em Fevereiro de 1959 uma proposta para imediatas negociações sobre o futuro de Goa, eu mais claramente para se definirem os termos em que o Estado Português da India seria integrado na União Indiana. Nós não podemos negociar, sem nos negarmos e sem trairmos os nossos, a cedência de territórios nacionais nem a transferência das populações que os habitam para soberanias estranhas: legitimamente apenas podíamos negociar a resolução dos multiplos problemas que surgem da vida corrente de Estados vizinhos. Mantivemos de começo a fim esta atitude, mas a unica negociação que interessava á União Indiana e ela compreendia não era esta, e a que propunha era uma negociação para nós sem objecto possivel.

Sobre esta nossa atitude assenta a sequência das providências tomadas pela União Indiana contra Goa e os Goeses, para os convencer ou para os dominar. É um imenso rol de violências sobre as pessoas e os bens, as convicções e a vida, que nos países civilizados nascem do estado de guerra e na União Indiana se consideravam oficialmente manifestações de política pacifista. Não vou referi-las neste momento, seria impossível. Direi apenas que a posição portuguesa foi em todas as ocasiões não responder aos agravos e tentar vencer as dificuldades que nos eram criadas. A proibição do tráfego de pessoas e mercadorias por terra e por mar, o corte do caminho de ferro, a interrupção de comunicações, o encerramento dos portos, o congelamento de depósitos, a suspensão de transferências, as provocações dos satiagrais, os ataques aos postos fronteiriços, sob protecção das autoridades indianas, os atentados terroristas e a acção de agentes subversivos no interior de Goa, tinham por fim tornar insegura ou impossível a vida e fazer recair sobre Portugal a responsabilidade pelo sofrimento das populações. Mas a União Indiana, que tinha podido asfixiar os estabelecimentos franceses, esqueceu as circunstancias que a nós, com um pouco de imaginação, boa vontade e alguns recursos, nos permitiriam vencer as dificuldades: era o mar largo em frente de Goa, Damão e Diu; era o espaço aéreo que sem violação abusiva não podia ser perturbado.

Desprezo absoluto pelo veredicto da mais alta Magistratura internacional

Com estes elementos montou-se nova vida para o Estado da India: intensificaram-se as comunicações com a África Portuguesa, com a Metrópole e com o resto do Mundo, desenvolveu-se a economia da terra e a produção das minas; apetrechou-se o porto de Mormugão como talvez não se encontrem muitos outros na Ásia e seguramente não na União Indiana; aumentaram-se as exportações, o caminho de ferro deixou de dar prejuizos — e Goa pode respirar e viver, como se a União Indiana não existisse e não fizesse pesar sobre as fronteiras a sua hostilidade.

Os sucessivos fracassos da política indiana, em face de uma decisão firme que pôde com dignidade aparar todos os golpes e sarar todas as feridas, fez exasperar os inspiradores do primeiro-ministro que entretanto permitia a diversão de Dadrá e Nagar Aveli. Ai era mais favoravel a posição da União indiana e desvantajosa a de Goa: os territórios constituiam enclaves, rodeados inteiramente de território inimigo, e o Governo indiano, dentro do respeito sempre apregoado pela legalidade e pela paz, não permitiu mais as ligações. Não as permitiu mesmo depois de o Tribunal internacional de Haia, a cujo julgamento a União Indiana não pode esquivar-se, ter reconhecido em acordão de 12 de Abril de 1960 os direitos de Portugal. Para selar o completo desrespeito pela soberania portuguesa e o desprezo pelo veredicto da mais alta Magistratura internacional, o Parlamento de Nova Delhi acabou por aprovar em decreto a anexação dos referidos territórios.

Podemos concluir que nem na ordem dos factos, nem das razões expendidas, nem no terreno do direito e nas salas dos Tribunais, nem nas mais altas instancias políticas, como daqui a pouco veremos, a União Indiana, embora servida pelos poderosos meios da sua influência, pôde ganhar a Portugal. **O nosso direito opunha-se ás suas ambições, e era tão simples, tão claro, tão inocente que todos se viam forçados a reconhecê-lo e muitos a reconhecer-lhe as vantagens para as populações, em paz entre si e no seio da Nação Portuguesa. Era de mais.**

Lavada em todos os campos, o unico recurso que restava á União Indiana, visto não se libertar da sua obsessão em relação a Goa, era o emprego da força, e a unica possibilidade nossa de o evitar era obrigá-la a montar uma operação em grande escala, com completo desprestigio do seu pacifismo e escandalo do Mundo. Muito tempo se pensou na União Indiana que um simulacro de levantamento em Goa podia prestar-se a uma intervenção de simples polícia que o primeiro-ministro apresentaria ainda como serviço gratuito á paz. Era desconhecer as circunstancias locais: de um lado, o moral da população, a ausencia absoluta de conflitos raciais ou religiosos, o nivel de vida, embora modesto, muito superior ao da União Indiana, a liberdade de que gozava no seu pequeno país, como se lhe referia, e finalmente a união de séculos com Portugal não convidavam á aventura de mergulhar, com interesses, com tradições, com a nobreza da história, no pandemónio de lutas e miséria da União Indiana; de outro lado, a vigilancia das autoridades fazia fracassar todos os planos. Tal método não se afigurou viável, embora só tivesse sido abandonado no último momento.

Como interpretou o Governo inglês as obrigações resultantes da aliança

Agravada a questão pelas ameaças do primeiro-ministro da União Indiana e o começo de mobilização das suas forças militares, estava indicado se recorresse aos elementos políticos de que nos parecia podíamos dispor no nosso jogo. Daí as diligências junto dos Governos de Inglaterra, Estados Unidos e Brasil.

Temos com a Inglaterra velhas alianças consideradas plenamente em vigor pelos dois Governos. Não vale a pena referi-las, porque o essencial para o meu objectivo se encontra na declaração de 14 de Outubro de 1899, vulgarmente chamado Tratado de Windsor. Nesta declaração foi expressamente ratificada a validade do art.º 1.º do Tratado de 1642 e do artigo final do Tratado de 1661: o primeiro refere-se genericamente á aliança entre as duas Nações; o segundo contém a obrigação do Governo britanico de defender os territórios ultramarinos portugueses — na linguagem do tempo: todas as conquistas e colónias pertencentes á Coroa de Portugal — contra todos os seus inimigos presentes e futuros.

Tem sido entendido pelos dois Governos que a aliança luso-britanica não é automática mas depende no seu funcionamento do *casus foederis* ou seja do juízo que cada um dos Estados forme da situação de guerra e da possibilidade de intervir. Isto quanto á aliança propriamente dita, porque quanto á obrigação de o Governo britanico defender os territórios ultramarinos portugueses não entendemos nunca nem ninguém pode legitimamente entender que, formulada de maneira tão precisa e absoluta no Tratado de 1661, pudesse ficar dependente do *casus foederis*. Quer dizer que a obrigação de defender o nosso Ultramar pela maneira adequada ás circunstancias não pode ser elidida.

Parece porém pretender desviar-se desta linha a interpretação britanica, segundo a declaração feita na Camara dos Comuns em 19 de Maio de 1958 pelo secretário de Estado para os Negócios Estrangeiros, que se referiu á forma de aplicação dos Tratados a territórios e a circunstancias particulares sem a distinção que acima fiz. É peculiar á escola da prudentissima diplomacia britanica que tanto admiro neste particular, esforçar-se, mesmo nas mais graves circunstancias, por obter compromissos concretos em troca de promessas vagas: e em face desta tendência uma simples declaração parlamentar, não acordada entre os Governos, não nos pareceu poder ter o valor de interpretação autêntica de um Tratado que demais contém referência expressa ás vantagens que Portugal concedera em troca da obrigação assumida pela Inglaterra. A nossa interpretação devia pois ser a melhor.

O Governo português terá de determinar a sua atitude futura quanto às obrigações existentes entre Portugal e a Inglaterra

Eu nunca fizera em mais de trinta anos de Governo apelo aos Tratados de aliança, por entender que uma fidelidade nunca desmentida os converteu de textos a invocar e discutir em sentimentos profundos e atitudes permanentes na politica das duas nações. Mas a Inglaterra, sim, invocou expressamente a aliança, por exemplo, para a concessão de facilidades nos Açores, em 1943, apesar da nossa declaração de neutralidade no começo da guerra. O livro branco sobre os Açores publicado em Londres em 1946 omitiu a referência ás notas de 16 e 23 de Junho, e 14 de Setembro e 4 de Outubro daquele ano, precisamente aquelas que se referem ás garantias dadas pelo Governo britanico a respeito da manutenção da soberania portuguesa em relação ao Ultramar. Verdade seja que a mesma prudentissima diplomacia, embora não limitasse no tempo a garantia prestada, a circunscrevera indirectamente as ameaças ou riscos que derivassem das nossas concessões de então. Dado o aperto em que a Inglaterra se encontrava, não nos pareceu bem levantar a questão e gastar tempo em discussões inuteis e por isso me limitei a referir de passagem o caso numa das citadas notas. O certo é que fossem quais fossem as limitações circunstanciais das promessas então feitas, a garantia genérica ou, melhor, os compromissos britanicos continuavam a ser sem contestação os dos Tratados de 1661 e de 1889, e por isso a esses nos reportámos quando resolvemos dirigir-nos a Inglaterra.

A minha repugnancia pessoal em solicitar serviços alheios, mesmo contratualmente devidos, tinha de quebrar ante a gravidade da causa. O que o Estado da India representava — e continua a representar — para a Nação portuguesa, não pode medir-se pela pequenez do território mas pela grandeza da História a que ficou ligada e pela altura da missão que ali levou os Portugueses. Partindo da nossa interpretação do Tratado de 1899 e não desconhecendo uma reacção, aliás intempestiva e unilateral, do Governo britanico de 1954, há pouco recordada na Camara dos Lordes pelo secretário de Estado, o Governo solicitou em 11 de Dezembro a indicação dos meios com que aquele Governo podia cooperar com as forças portuguesas para fazer frustrar a agressão indiana. O Governo de Sua Majestade respondeu-nos, sem demora e essencialmente o seguinte: na eventualidade de um ataque a Goa havia inevitáveis limitações quanto á assistência que o Governo britanico estaria em condições de dar ao Governo português em luta com outro membro da Comunidade. A referência eufemistica ás «inevitáveis limitações» tinha de interpretar-se no caso como significando que o Governo britanico se eximia ao cumprimento dos Tratados.

Eu sou dos que estão convencidos de que o Governo britanico fez nesta emergência muito mais esforços e diligências muito mais prementes para impedir a agressão indiana do que os conhecidos através da Imprensa ou a nós directamente comunicados. E a razão é simples. Embora Goa nunca pudesse ser para o entendimento britanico destes problemas o que é para nós — um pedaço da Nação portuguesa —, é imensamente desagradável para o brio e o prestigio de uma grande potencia eximir-se ao cumprimento de obrigações certas que tiveram a devida contrapartida em vantagens concedidas por Portugal. Deve também considerar-se intolerável á educação e á moral individual dos Britanicos que a Inglaterra venha a ver-se aumentada no minimo que seja, através da Comunidade, com pedaços de território roubados ao seu mais antigo aliado.

Mas se as inevitáveis limitações agora invocadas significam a impossibilidade britânica de agir eficazmente no respeitante aos ataques armados dos membros da Comunidade contra territórios portugueses, outro aspecto se deverá encarar. É que, dada a extensão da Comunidade e a agressividade e ambições expansionistas dos seus novos associados, o Governo português deverá estudar qual o conteúdo positivo que ainda resta da segunda parte da declaração de Windsor de 1899, para, em face das conclusões, determinar a sua atitude futura quanto às obrigações existentes entre os dois paises. É admirável o pragmatismo da politica britânica: simplesmente nem sempre pode evitar o aborrecimento de dolorosas contradições.

Nós pedimos também ao Governo britânico autorização para utilizar alguns aeródromos necessários a ligações com Goa. Tenho de lamentar que o Governo britânico demorasse oito dias a tornar-nos conhecida a impossibilidade de utilização, porque, se não fora essa demora, nós tínhamos de certeza conseguido rotas alternativas e teríamos levado á India a tempo reforços de material e pes-

(Continua na página seguinte)

O DISCURSO DO CHEFE DO GOVERNO

(Continuação da página anterior)

soal que nos pareciam necessários a mais prolongada defesa do território.

As diligências dos Estados Unidos para evitar a agressão a Goa

Vejamos o que respeita aos Estados Unidos.

Os Estados Unidos foram, pelo efeito de duas grandes guerras vitoriosas, como pelo seu poder económico e financeiro, extensão territorial e população, elevados ao mais alto nível entre as nações e havidos como expressão superior e guia do que consideramos o mundo livre. Que intencionalmente, deliberadamente tenham procurado ascender a esta posição ou a ela fossem apenas guindados pelo conjunto de circunstâncias históricas, não importa. O que a todos nos importa é saber se, ocupando o lugar, também estão dispostos a desempenhar a função.

Por estes motivos e pelas relações especiais que entre nós se estabeleceram exactamente para defesa de princípios fundamentais da vida dos povos civilizados, pensou o Governo que seria levado á conta de descabido orgulho não solicitar dos Estados Unidos a sua intervenção. Outra razão havia ainda.

Não posso deixar de revelar que em 7 de Agosto de 1961 os Estados Unidos fizeram saber ao Governo português o seguinte:

«O apoio dos Estados Unidos ao conceito de auto-determinação de modo nenhum implica o apoio americano a quaisquer aspirações intervencionistas ou expansionistas ou a ataques depredatórios contra territórios ultramarinos portugueses por parte de outras nações. Pelo contrário, os Estados Unidos sem duvida se oporiam, nos planos politico, diplomático e nas Nações Unidas, a quaisquer tentativas de Estados vizinhos de anexarem territórios ultramarinos portugueses».

Embora em 9 de Dezembro tenha sido comunicado ao Governo português uma explicação daquela primeira atitude que não se sabe ainda bem até que ponto a invalida, achámos muito grave para as relações e convenções existentes entre os dois Estados que a primeira declaração não fosse a tradução de uma política assente e incondicionada, aliás resultante da adesão comum a um estado de direito a cada momento se opondo ás violências da força na vida internacional. E assim nos dirigimos ao Governo norte-americano.

Este fez de facto as mais reiteradas diligências em Washington e em Nova Delhi, no sentido de dissuadir a União Indiana de atacar Goa. O Presidene Kennedy terá mesmo escrito ao Primeiro-Ministro da União Indiana e o ultimo apelo dissuasivo do Embaixador dos Estados Unidos em Nova Delhi precedeu de apenas duas horas a ordem de atacar.

Não podemos pôr em duvida a força destas diligências e das da Inglaterra, nem o interesse político e ideológico das duas nações em que o Estado português da India não fosse invadido para ser anexado á União Indiana por acto de guerra. Não só ambas temiam acabasse de desvanecer-se por completo a lenda pacifista da União Indiana como receavam vir a verificar-se quão frágil e inoperante é o edifício tão amorosamente por elas construído e sustentado para preservar a paz. Mas então, temos de ver o seguinte: há hoje na India um pequeno país despojado pela força dos seus territórios, e ás portas de Goa duas grandes potências também vencidas — a Inglaterra e os Estados Unidos, e isto prenuncia para o Mundo uma temerosa catástrofe. E' triste e desoladora a derrota dos pequenos; mas é incomparávelmente mais grave a impotência dos grandes para defender o direito.

Goa foi sempre um caso à parte no pensamento brasileiro

Voltemo-nos agora para o nosso Brasil.

O Tratado de Amizade e Consulta que lançou as bases da Comunidade luso-brasileira limitou-se a verter para o campo jurídico uma realidade existente; mas só depois de formulado podia eficientemente orientar a política tanto dos dois países entre si como sobretudo da Comunidade em relação ao Mundo. As suas grandes linhas, ao mesmo tempo amplas e vagas, podem ser o alicerce duma construção internacional do mais vasto alcance ou limitar-se a inspirar tímidamente apenas mensagens sentimentais. Partindo daí, aos estadistas das duas margens do Atlantico incumbe construir de facto a Comunidade para benefício das duas pátrias, tal como a História as forjou e portugueses e brasileiros as pretendem perpetuar, e neste sentido envidaremos os nossos melhores esforços.

O anticolonialismo é uma constante da política brasileira; mas outra constante é também o não reconhecimento das anexações territoriais obtidas pela força. A primeira não havia de preocupar-nos, senão na medida em que o desconhecimento da realidade do Ultramar português pudesse porventura turvar a compreensão do fenómeno que ali se verifica; a segunda jogaria sempre a nosso favor na pretendida sujeição de Goa á União Indiana. Apesar de certas flutuações, este ano verificadas no alinhamento do Brasil com os países afro-asiáticos, ao menos quanto á India a atitude dos responsáveis pela política brasileira não tinha que sofrer qualquer mudança e situou-se sempre na condenação de qualquer agressão e consequentemente em não reconhecer o Brasil a anexação que daí resultasse. Goa foi sempre um caso á parte no pensamento brasileiro.

Nenhuma dificuldade ou resistência houve portanto a vencer para que o Brasil declarasse publicamente e por mais de uma vez o pensamento oficial a respeito dos ataques iminentes ou em curso contra o Estado Português da India. E estamos convencidos de que a atitude tomada só traduziu o sentir geral da nação brasileira. Ter estado o Brasil encarregado da defesa dos interesses portugueses na União Indiana dava-lhe ainda especial posição para defender o povo de Goa contra a absorção que se preparava.

A intervenção do Brasil como as outras já referidas foi também inoperante, e da mesma forma as diligências em Nova Delhi realizadas pela Espanha, Canadá, Austrália, Alemanha, Argentina, Bélgica, Holanda — estas as de que temos conhecimento directo.

A Espanha compreendeu em toda a sua extensão o estado de alma português

Além dos três países referidos cuja actuação política era particularmente fundamentada, a chancelaria portuguesa procurou alertar as nações amigas em todos os continentes, mais como mobilização moral em defesa do direito do que acção de que se esperassem efeitos decisivos. A algumas portas não foi mesmo necessário bater, porque a comunhão de princípios e a identidade de interesses apontaram sem hesitação o caminho. E' de justiça pôr a Espanha em primeiro lugar, muito em primeiro lugar, por si e junto dos países sul-americanos seus amigos, como merecedora da nossa gratidão. Ela tem vivido como nós o drama de Goa, e com razão, porque se há território português que se haja estruturado sob a influência conjunta dos dois Estados da Península, esse é o de Goa, que deve tanto ao génio de Afonso de Albuquerque como ó doutrinação de S. Francisco Xavier. Além disso, numa Europa que ameaça desmoronar-se por ter perdido a confiança em si própria, a Espanha pôde revigorar ao fogo de uma experiência dolorosa a sua fé nos princípios da civilização que difundiu pelo Mundo e é um povo onde o grande e heróico têm ainda lugar na vida e um sentido moral. A Espanha compreende bem e em toda a sua extensão o estado de alma português.

O apelo ao Conselho de Segurança e a sua inutilidade

Estavam esgotados os recursos das nações individualmente consideradas para deter a agressão indiana. Apenas a actuação da organização mundial, chamada Nações Unidas, podia tentar-se, através do pedido de reunião urgente do Conselho de Segurança. O estudo do problema e a experiência que vamos tendo do funcionamento do sistema não deixavam no nosso espírito duvidas acerca da inutilidade do apelo. Mas, por um lado, a nossa presença na Organização mal se compreenderia se a ela não estivéssemos dispostos a recorrer; por outro lado, a maneira como havia de comportar-se seria mais uma prova gritante de que, nos termos em que funciona, já está a ser mais do que inutil, porque está a ser prejudicial.

O caso foi levado ao Conselho no primeiro dia da invasão de Goa e pouco depois de esta começada; tratava-se de agressão não provocada e de território ainda não ocupado pelo inimigo — caso extraordinàriamente simples para aplicação dos princípios da Carta. A moção aprovada pela maioria de sete votos que mandava suspender as hostilidades, recuar as forças invasoras para os pontos de partida e fazer negociações para a solução do conflito, foi porém vetada pela Russia e ficou por isso sem efeito. As atitudes naturalmente convergentes do presidente da Republica Soviética que em Nova Delhi incitara á invasão de Goa e do representante russo no Conselho de Segurança que vetava a moção aprovada, se mais uma vez lançavam a União Indiana nos braços dos Sovietes, punham a claro a paralisia da chamada defesa colectiva contra a Russia ou contra uma potência que a Russia proteja.

O caso, embora previsto, produziu alarme no Mundo. A declaração do delegado da União Indiana de que com Carta ou sem Carta, com Conselho ou sem Conselho de Segurança, com direito ou sem ele, o seu país prosseguiria o seu caminho, representou tal desafio aos fins e á estrutura jurídica da instituição que melhor seria dá-la logo ali por morta. Os Estados Unidos acharam que de facto o que se passava prenunciava o fim próximo da Organização, mas, numa tentativa de consolidá-la, ainda se uniram no dia seguinte com todos os mais numa votação contra Portugal e dois dias depois apressavam-se a confirmar á União Indiana o seu apoio financeiro. Isto deve estar certo mas é muito difícil para nós compreendermos, e sobretudo não quadra á nossa sensibilidade moral.

É lícito perguntar o que estamos nós ali a fazer ou o que estão ali a fazer os que, não sendo grandes potências, não dispõem do favor russo ou, por causa da sua solidariedade com o Ocidente, atraem a aberta hostilidade do bloco antiocidental. Também se perguntará como fomos ali parar.

A política do Governo foi, na peugada da sensatissima Suiça, não requerer a sua admissão nas Nações Unidas. Fizemo-lo mais tarde a pedido da Inglaterra e dos Estados Unidos com o argumento da necessidade de reforçar a posição ocidental em qualquer emergência. Fomos durante anos vetados pela Russia e entrámos depois «em trocos miudos» na organização. Verificando-se uma transferência de poderes do Conselho para a Assembleia Geral, dominado o primeiro pela Russia e a segunda pelo bloco comunista e afro-asiático, as potências ocidentais, em que incluo a América do Sul, perderam toda a possibilidade de conduzir com a sua mais larga experiência os negócios da comunidade internacional, de moderar certos impetos irreflectidos, de evitar que o Governo do Mundo caia sob uma ditadura intolerável de paixões racistas e de irresponsabilidade.

Assim, pensamos ter direito a uma palavra sobre ser já inútil a nossa presença e a nossa colaboração. Mesmo que essa palavra não venha, não sei ainda se seremos o primeiro país a abandonar as Nações Unidas, mas estaremos certamente entre os primeiros. E entretanto recusar-lhes-emos a colaboração no que não seja do nosso interesse directo.

A política militar do Governo para a defesa de Goa

A política militar do Governo no respeitante ao problema de Goa foi sempre encarada á luz dos seguintes elementos: dadas a distancia e a superioridade esmagadora da União Indiana, nenhuma esperança de salvar Goa da eventual invasão inimiga, sem apoio aliado; necessidade de manter forças suficientes para evitar a acção dita policial e dissuadir, se possível, a União do ataque; defender, em ultima instancia, aquele torrão sagrado com sacrifício das vidas e haveres, como o reclamava a tradição portuguesa na India.

Mantivemos este esforço, ora com maiores ora com menores efectivos, conforme os tempos e a gravidade das ameaças, mas sempre em nível suficiente para atingir o objectivo de levar a União Indiana ou a desistir da absorção de Goa ou a fazer uma operação espectacular de guerra que causaria grande dano ao seu crédito moral e não daria nem honra nem glória ao seu Exército. Os nossos efectivos deviam ainda ganhar o tempo necessário para que Portugal pudesse apresentar queixa ás Nações Unidas contra a agressão indiana

Um punhado de homens — 3500 oficiais, sargentos e praças da Metrópole e 900 indo-portugueses — forçou a União Indiana a mobilizar um exército de 30 a 40 mil homens, apoiado por numerosas formações de artilharia pesada e de carros de combate, e com a cooperação, no ataque, duma esquadra naval e de várias esquadrilhas de aviões de bombardeamento e de caça. Com uma superioridade em homens de pelo menos 1 para 10 e em material muito mais — mesmo assim a ocupação de cerca de 3500 quilómetros quadrados, dispersos por quatro territórios e com uma profundidade de apenas 20 a 50 quilómetros no distrito de Goa, levou vários dias. Só por si este facto dá a nota da firme resistência que os Portugueses devem ter oferecido. Para mim a maior preocupação era que a desproporção das forças e a violência e plano do ataque fossem tais que a nossa gente, dada a estreiteza do terreno, não pudesse mesmo bater-se bem e defender aquela portuguesa terra, á altura do seu valor e espírito de sacrifício.

Na ultima mensagem enviada ao governador-geral e escrita sabe Deus com que amargura na alma, eu dizia termos plena consciência da modéstia das nossas forças, mas desde que a União Indiana podia multiplicar por um factor arbitrário as forças de ataque, havia de revelar-se sempre no final grande desproporção. A política do Governo fora sempre, na impossibilidade de assegurar por si só uma defesa plenamente eficaz, manter em Goa forças que obrigassem a União Indiana a montar em grande, como se via naquele momento, uma operação militar que escandalizaria o Mundo, e a não fiar o êxito das suas pretensões de simples operações de polícia. Os factos mostraram que a primeira missão estava cumprida. A segunda missão consistia em não se dispersar contra agentes terroristas a fingir de libertadores, mas em organizar a defesa pela forma que melhor pudesse fazer realçar o valor dos nossos homens, segundo a velha tradição da India. Era para mim horrível pensar que isso podia significar o sacrifício total mas eu recomendava e esperava esse sacrifício como o maior serviço que podia ser prestado ao futuro da Nação.

O governador ainda pôde responder a agradecer em nome das forças sob o seu comando a confiança que nelas depositávamos e desejariam honrar através de todos os sacrifícios.

Não temos elementos suficientes para fazer ideia de como decorreram as operações terrestres e navais, como se operou a resistência, como se fez a defesa. Oportunamente se apresentará ao País o relato destas operações e se fará a justiça devida a todos quantos tiveram a honra de ser chamados a bater-se ou morrer por Goa.

As reacções da opinião publica mundial em face da agressão

Em face dos preparativos bélicos da União Indiana e, a seguir, da sua agressão ao Estado Português da India notou-se uma reacção violenta da opinião publica mundial. Temos de exceptuar os informadores oficiais e a Imprensa de alguns países comunistas e afro-asiáticos que manifestaram o seu aplauso e solidariedade com o invasor; nos países da Europa Ocidental, e nas duas Américas e mesmo nalguns de Africa e do Oriente exteriorizou-se uma repulsa viva e sentiu-se grande inquietação. Os órgãos de informação de todos os matizes ideológicos, com representação ou sem representação nos Governos dos respectivos países, têm tratado o assunto á margem destes, por vezes em oposição a estes, como livres expoentes de uma opinião sobressaltada. Porquê? Pela razão de ser Goa um caso típico que se apresentava sem complicações ou dificuldades de interpretação. Tratava-se na verdade de um pequeno território encorporado politicamente durante quatro séculos e meio na soberania portuguesa, soberania reconhecida pela comunidade internacional e até pelo agressor. Esse território todos o consideravam ao abrigo de uma decisão, favorável a Portugal, do Tribunal da Haia, cuja competência fora aceite pelos dois Estados interessados; possuia a garantia de alianças e de compromissos bem estabelecidos; devia julgar-se protegido pelas engrenagens da segurança colectiva através das Nações Unidas. E neste caso, política e jurídicamente cristalino, que nunca foi nem seria um problema, o Mundo verificou que, tendo-se recorrido a tudo, tudo falhara para impedir a agressão e evitar a conquista. Ou esta situação é sanada ou Goa faz voltar uma página na vida das sociedades do nosso tempo.

E assim se pôs um problema de ordem geral.

Há no mundo três ou quatro nações — meia duzia o máximo — que não receiam ou não têm de recear ser agredidas por outras; mas todas as mais ou vivem do consenso unanime de que a sua independência e integridade são respeitadas ou estão á mercê dos mais ambiciosos e fortes. Não se foge á dificuldade e ao perigo senão pela forma clássica de alianças que constroem sistemas de forças equilibradas, ou por organização tendente a abranger a universalidade das nações pacíficas. Simplesmente no primeiro caso é essencial o cumprimento dos Tratados e no segundo a fidelidade aos Pactos, e a crise moral em que nos debatemos não assegura nem uma coisa nem outra.

Como as Nações Unidas na melhor hipótese se encontram antecipadas de séculos em relação ao espírito dos homens e das sociedades, e além disso se deixaram inxadir por multidão tumultuária de Estados que não têm o espírito de paz, não só não tem sido fácil defender ali os direitos das nações, como dentro da organização se constituiram partidos e solidariedades que, em substituição das antigas alianças, fazem vingar interesses de grupo sem se importar da justiça devida a todos. Quando se perede de ideia que para conservar a paz é necessário estar disposto a bater-se por ela; quando se confiam os destinos da comunidade internacional a maiorias que definem a política que os outros têm de pagar e de sofrer; quando por sistema se transige e se recua diante dos que, não tendo experiência nem responsabilidades, podem ser ousados sem custo a re-

(Continua na página seguinte)

O DISCURSO DO CHEFE DO GOVERNO

(Continuação da página anterior)

volucionar continentes, temos de interrogar-nos a sério sobre se vamos pelo bom caminho. O que se viu connosco agora legitima de facto a ansiedade das consciências e a inquietação das sociedades mais sãs. O homem-da rua que não pode elevar-se ás altas congeminações dos filósofos e dos políticos, mas tem a ambição de ganhar a sua vida e conservar em paz o seu lar, vê o problema com a simplicidade do bom senso e esse bom-senso indica-lhe que as coisas não estão certas quando os criminosos são erigidos em juízes e ousam ainda condenar as pessoas de bem.

E' nesse vivo despertar da consciência do Mundo antes os conluiados nos atropelos á paz e á soberania alheia que pode entrever-se uma réstia de esperança no sentido de serem revistos a tempo os métodos de conduzir a comunidade internacional. A tempo, digo, porque está já a ver-se que de uma violência não reparada surgem outras violências maiores. E daqui parto para breves reflexões finais.

A questão de Goa não terminou; é agora que começa

Pois que não aceitamos a validade do facto consumado, a questão de Goa não terminou; pode dizer-se com verdade que é mesmo agora que começa. As razões que nos impediram de negociar a cedência dos territórios do Estado Português da India são as mesmas que em absoluto nos vedam de reconhecer a conquista. A União Indiana pôde fazer a guerra contra nós, mas não pode sem nós estabelecer a paz. Da mesma forma que não houve rendição de forças nem entrega de barcos, também não pode haver tratado que reconheça a soberania da União sobre aqueles territórios. Terá de aguardar-se que a comunidade internacional repare o agravo á soberania portuguesa e a reintegre nos seus legítimos direitos, para ser restabelecida uma situação normal. Por este motivo vai ser submetida á Assembleia Nacional proposta de lei com o fim de se assegurar o funcionamento dos órgãos do Governo daquela Provincia nas presentes circunstancias.

A primeira consequência que daqui resulta é que a representação parlamentar do Estado da India continuará confiada aos eleitos pelos povos de Goa, Damão e Diu. A Camara não terá objecção quanto á presente legislatura e de futuro há-de encontrar-se meio de conferir e tornar praticável o direito de escolha aos Goeses que, vivendo fora dos territorios ocupados pela União, mantenham a sua dedicação á Pátria portuguesa. Tendo-se manifestado por toda a parte tão portugueses como os melhores e tendo arrostado com dificuldades enormes para se manterem fiéis, é apenas obrigação da nossa parte reconhecer-lhes um direito que os honra e os faz continuar presentes entre nós.

A segunda consequência é que a cidadania portuguesa deverá continuar a ser reconhecida de direito e de facto aos Goeses, independentemente de lhes vir a caber dupla nacionalidade por imposição unilateral da União Indiana. Não podemos prever o procedimento da União quanto a esta e a numerosas outras questões que vão emergir da ocupação de facto dos territórios portugueses. E' bem possível que nestes primeiros tempos uma política de aliciamento e captação seja prosseguida pelas autoridades ocupantes. As dificuldades surgirão para uns e para outros quando o programa de indianização de Goa se chocar com a cultura dos Goeses e o primeiro ministro verificar que uma individualidade própria foi alicerçada através dos séculos pela interpenetração de culturas e pelo cruzamento de raças. Penso que as violências vão ser em proporção das dificuldades e que, a demorar muito a reintegração de Goa, se siga á espoliação e a forçada igualdade na pobreza a perda de liberdade que quanto á língua, á religião, á cultura diminuirá os Goeses. E' de esperar por isso que muitos desejem subtrair-se ás inevitaveis consequencias da invasão, e todos hão-de ser bem recebidos em qualquer parte do território nacional.

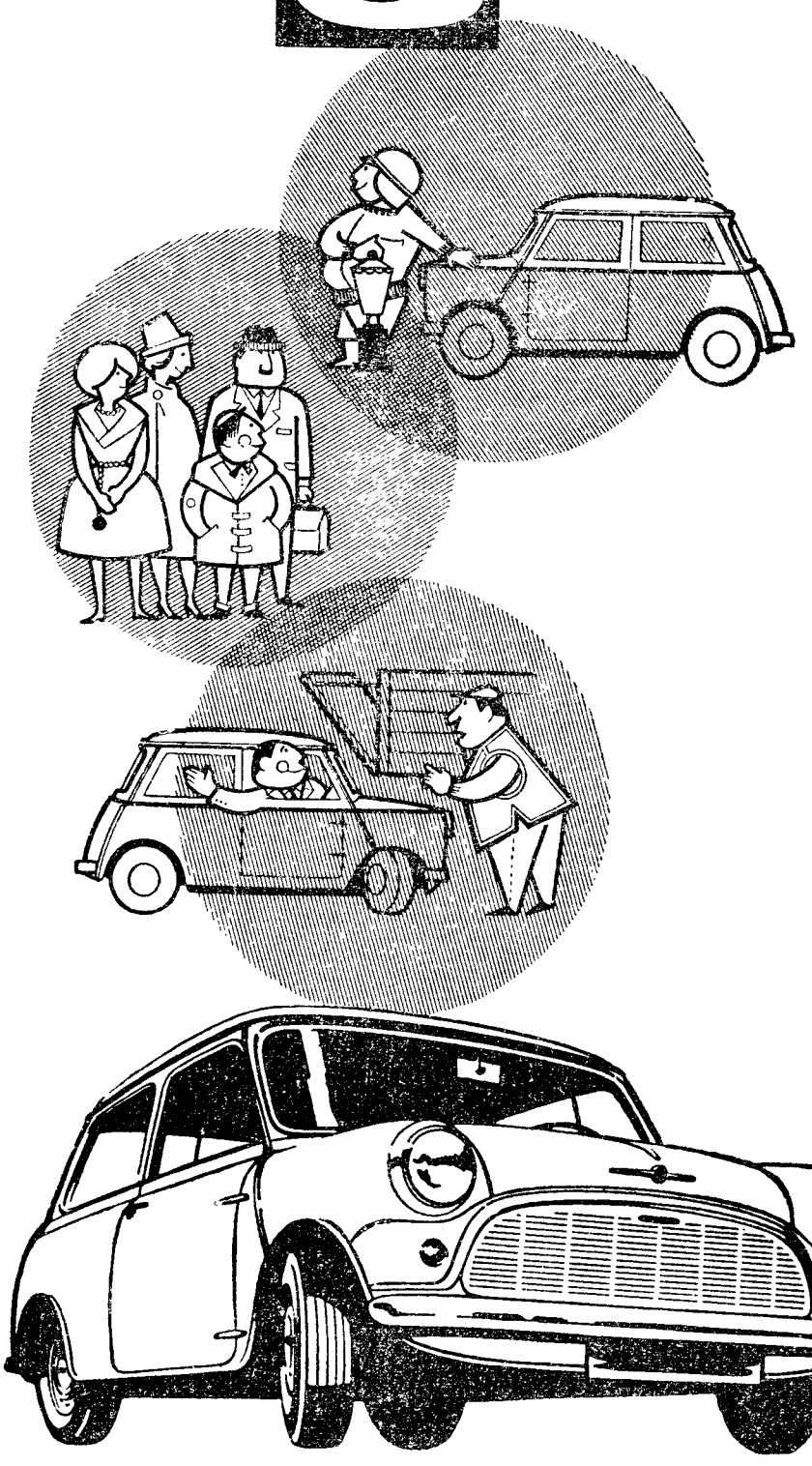
Não devemos ter ilusões sobre os obstáculos e dificuldades de toda a ordem que se levantarão á execução do nosso programa quanto aos Goeses que se encontrem fora dos territorios portugueses. A pertinácia, a raiva com que a União Indiana prossegue desde a independência á captação dos filhos de Goa no seu território, vão redobrar em relação aos que levam a sua vida em territórios estrangeiros nos quais a nossa própria acção pode vir a ser entravada por influência sua. Mas o nosso dever é lutar pelos Goeses e por Goa, sem olhar a sacrifícios, como fizemos até aqui.

Uma pergunta desejava ainda fazer, em face dos factos não será lícito duvidar da justeza dos caminhos por onde foi conduzida a nossa política com a União Indiana, no respeitante a Goa? Respondo com outra pergunta: as outras soluções que se nos deparavam que resultado trariam? A negociação, a entrégua; a independência, a perda do pequeno Estado com a integração subsequente; a constituição de uma federação com o Estado independente de Goa faria regressar a questão ao princípio, por ser considerada esta fórmula como a continuação do nosso colonialismo na India. Em qualquer destes casos perda irreparavel e sem esperança. E nos devemos continuar a esperar.

Pelas reacções verificadas em todo o mundo português e em todos os países onde existem nucleos de Portugueses podemos concluir que o sentimento exigia não mentirosas negociações para encobrir o esbulho mas a afirmação do nosso direito, a denuncia da agressão e a luta em todos os campos para fazê-lo reconhecer. O sentir nacional foi tão vibrantemente afirmado por todos os nossos meios de informação que não seria lícito desconhecê-lo e seria imperdoavel duvidar da sua autenticidade. Toda a Nação sente na sua carne e no seu espírito a tragédia que se tem vivido, e recebê-la no seu seio é ainda uma consolação, embora pequena, para quem deseja morrer com ela.

MORRIS

EM 3 SENSACIONAIS VERSÕES



Para velocidade e desporto — modelo COOPER

Para Turismo e conforto — modelo SUPER

E ainda para maior economia — modelo DE LUXO

Preços a partir de 46.463$70

COMECE O ANO NOVO COM UM NOVO MORRIS 850

A. M. ALMEIDA, LDA.

LISBOA - AVENIDA DA LIBERDADE, 11-11A

PORTO - RUA DE SÁ DA BANDEIRA, 501

AGENTES EM TODO O PAIS

O SECRETÁRIO-GERAL DA O.N.U.

PEDIU AUTORIZAÇÃO A PORTUGAL

para enviar observadores internacionais à fronteira de Angola com a Katanga

NOVA YORK, 3 — O secretário-geral interino das Nações Unidas U Thant, pediu ao Governo português autorização para enviar observadores para Angola, a fim de impedir a entrada de «mercenários» na Katanga — anuncia-se hoje, oficialmente.

Acrescenta, ainda, a nota de U Thant que idêntico pedido foi enviado á Inglaterra para enviar observadores para a Federação das Rodésias e da Niassalandia.

É o seguinte o teor da nota enviada pelo secretário-geral interino da O. N. U., U Thant, ao embaixador português nas Nações Unidas:

«O secretário-geral interino das Nações Unidas apresenta os seus cumprimentos ao representante permanente de Portugal nas Nações Unidas e tem a honra de lhe solicitar que apresente o assunto abaixo á atenção do Governo de Portugal:

«A fim de se ter a certeza de que mercenários e outros elementos estrangeiros referidos nas resoluções de 21 de Fevereiro e de 24 de Novembro de 1961, bem como armas, equipamento e outros materiais, para apoio das actividades seccionistas da administração provincial da Katanga, não entram nessa região, nem de proveniência nem através de Angola, o secretário-geral interino propõe, de acordo com o Governo de Portugal, fazer estacionar observadores das Nações Unidas em alguns aeroportos e estradas escolhidos, dos quais ou através dos quais, o transito de Angola para a Katanga possa habitualmente realizar-se.

U THANT APRESENTOU PEDIDO IDÊNTICO AO GOVERNO BRITÂNICO

«Esta proposta não contém a menor suposição de que as autoridades, em Angola, estejam a dar assistência ás actividades seccionistas da Katanga. Trata-se de uma medida de ordem geral prevista pelo secretário-geral interino com o objectivo de executar o mandato de que foi encarregado pelo Conselho de Segurança e pela Assembleia Geral e, especialmente, as medidas indicadas no parágrafo quinto da resolução do Conselho de Segurança de 24 de Novembro de 1961. Um pedido para o estacionamento de observadores das Nações Unidas no território da Federação das Rodésias e da Niassalandia foi, igualmente, submetido, pelo secretário-geral interino, ao Governo do Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte.

«O secretário-geral interino muito agradeceria se o Governo de Portugal lhe fizesse saber, o mais brevemente possível, se seria possível as Nações Unidas fazerem estacionar esses observadores no território de Angola».

O parágrafo quinto da resolução de 24 de Novembro, do Conselho de Segurança pede a U Thant «que tome todas as medidas necessárias para evitar a entrada ou o regresso desses elementos, seja sob que forma for, ou de armas, equipamento e outros materiais para apoio dessas actividades». — (A. N. I.).

Proposta original

do «Chicago Tribune»

ao «Izvestia»

CHICAGO, 3. — O «Chicago Tribune» oferece hoje ao editor do jornal soviético «Izvestia» uma coluna diária para manifestar as suas opiniões, em troca de um privilégio idêntico na Russia.

O jornal propõe que a troca continue «durante, pelo menos, um mês ou, de preferência, por um período mais largo». — (R.).

A situação dos portugueses em Goa

(Continuação da 1.ª página)

-Kong, onde os portugueses desembarcarão. — (A. N. I.).

REGULAMENTADAS AS EXPORTAÇÕES DE GOA

PANGIM, 3 — O governador militar indiano de Goa publicou uma proclamação com as condições que regulam as exportações. Os pedidos de exportação devem ser feitos através do Banco do Estado da India, que passará as respectivas autorizações. O exportador deve garantir que todos os lucros da operação em divisas estrangeiras são por ele recebidos, de acordo com os regulamentos do Banco da India. — (Reuter)

OS PORTUGUESES INTERNADOS EM GOA AGUARDAM ANSIOSAMENTE NOTÍCIAS DA FAMÍLIA

PANGIM, 3. — (Do correspondente da Reuter, Gordon Martin). — O aparecimento de novas inscrições em inglês e marata na sucursal de Pangim do Banco de Estado significa o reatamento da vida comercial uma semana depois da ocupação de Goa pela União Indiana. Polícias indianos de capacetes de aço guardam as portas das antigas instalações do Banco Nacional Ultramarno para auxiliarem a manter na ordem as «bichas» que ali se formam.

A rupia indiana e o escudo português foram declarados moeda legal, á antiga taxa de cambio de seis escudos para uma rupia.

A solução do problema da apresentação de cartas de crédito permitiu que recomeçassem os embarques de minério de ferro e de manganês no porto de Mormugão.

Uma proclamação do governador militar, datada de 30 de Dezembro declara que «as exportações serão autorizadas por via marítima, depois de cumpridas as formalidades necessárias de acordo com a lei em vigor imediatamente antes da entrada de tropas indianas em Goa».

A proclamação diz também que «as importações de mercadorias já no mar, e para as quais já foram feitos pagamentos em divisas, serão igualmente autorizadas».

O antigo gerente do Banco Nacional Ultramarino em Pagim, Jorge Anastácio, de 39 anos, foi destacado para auxiliar os funcionários indianos na administração do Banco. Ao contrário da maioria dos outros civis portugueses, Anastácio não foi internado, mas, como os portugueses nos campos de internamento, aguarda ansiosamente notícias da família.

Os serviços postais estão ainda sujeitos a grandes atrasos. As notícias são recebidas pela Rádio e impressas em três jornais de Pangim. Os jornais indianos também aparecem nesta cidade trazidos por helicópteros.

As carreiras aéreas comerciais, cujo início fora anunciado para ontem, ainda não começaram. — (R.).

ESTÃO QUASE COMPLETAS

as listas dos portugueses internados em Goa

— anunciou à Imprensa o núncio apostólico

Mons. Giovanni Panico, nuncio apostólico, declarou esta manhã á Imprensa que estão quase completas as listas dos civis e militares portugueses, detidos em Goa pelas autoridades indianas.

Aquele diplomata, recebeu hoje a seguinte mensagem de mons. Knox, internuncio em Nova Delhi, que se encontra em Goa, de visita aos internados portugueses:

«Listas quase completas. O capitão Francisco Lobo da Costa, o soldado Luís Lourenço e o soldado de cavalaria João Firmino Dinis Gonçalves estão bem. Estou investigando sobre outros».

Esta informação acompanhava uma lista de prisioneiros portugueses, sobre os quais ainda não havia notícias. Ao mesmo tempo, mons. Panico soube que o internuncio em Nova Delhi está ainda em Goa, visitando os campos de concentração e prestando, a seu pedido, aos prisioneiros, uma assistência não só espiritual, como, também, material.

Mons. Giovanni Panico tem recebido insistentes pedidos de informação, da parte das famílias dos portugueses metropolitanos que se encontram no Estado da India, e a todos tem dado seguimento, desde que, ao tomar conhecimento da inquietação dessas famílias, logo no início da invasão de Goa, telefonou a mons. Angelo Del'Acqua, substituto do secretário de Estado do Vaticano, pedindo que encarregasse o internuncio em Nova Delhi de proceder a averiguações, em Goa.

O representante da Santa Sé na União Indiana, que partiu para Goa no dia de Natal, é, por coincidência, antigo colaborador de mons. Giovanni Panico, que, quando desempenhava as funções de nuncio apostólico na Austrália, durante a ultima guerra mundial, o enviou para o Vaticano, a efectuar estudos religiosos.

Mons. Panico não ignora a angustiosa situação das famílias de prisioneiros, porque, durante a guerra, encarregou-se, na Austrália, da assistência espiritual e material a prestar a cerca de 60 000 detidos civis e militares alemães e dos países aliados da Alemanha, que estavam, naquele país, em vários campos de concentração. Por seu turno, a Itália tinha, também, prisioneiros australianos, encarregando-se mons. Panico, auxiliado por serviços de secretaria, que compreendiam catorze empregados, da troca de mensagens e informações entre os prisioneiros na Austrália e suas famílias e, também, entre os prisioneiros australianos na Itália e respectivas famílias, tudo através da Santa Sé.

E' devido a esse conhecimento directo de circunstancias semelhantes — declarou o nuncio apostólico á Imprensa — que ele bem pode avaliar a consternação das famílias portuguesas que têm parentes no Estado da India. Por isso, tomou a iniciativa de solicitar o patrocínio da Santa Sé para o esclarecimento da situação desses prisioneiros portugueses.

«Nestas horas tão dolorosas para Portugal — afirmou mons. Giovanni Panico — era a unica coisa que eu poderia fazer, sendo, como sou, tão amigo dos portugueses.

Apareceu no Sado o corpo de um guarda de uma fábrica

SETUBAL, 3 (Pelo telefone) — Apareceu a boiar nas águas do Sado o cadáver de Francisco Manuel da Silva, de 71 anos, casado, natural desta cidade e que, há muitos anos, exercia as funções de guarda da fábrica da Companhia de Moagem Lisbonense.

O corpo foi removido para a casa mortuária do cemitério.

DO ESTRANGEIRO EM POUCAS LINHAS

● «A sabotagem das conversações dos três príncipes laocianos, em Vienciane, demonstra que os Estados Unidos não admitem, na realidade, um Estado neutro senão na medida em que isso se traduza num Laos inteiramente submetido ao seu controle, a fim de poder liquidar, definitivamente, as forças patrióticas desse país», escreve o «Diário do Povo» de Pequim.

● **O presidente Kennedy aceitou um convite do presidente Lopez Mateos para visitar o México, segundo anunciou o secretário da Imprensa da Casa Branca, Pierre Salinger. Embora a data não esteja ainda fixada é provável que a visita se verifique na próxima Primavera.**

● Em consequência de terem circulado rumores contraditórios, em Viena, sobre a morte de Ajar Kumar Mitra, Encarregado de Negócios da India, na capital austríaca, o chefe da Polícia publicou um comunicado afirmando que «o inquérito conclui tratar-se de um suicídio, tendo já chegado a Nova Delhi a urna com o corpo do diplomata indiano».

● **Vinte e nove pescadores coreanos morreram afogados, por se terem afundado os seus barcos, durante uma tempestade, na costa oriental da Coreia, anunciou o Ministério do Interior da Coreia do Sul. A tempestade apanhou no mar 244 barcos de pesca, dos quais se afundaram cinco e desapareceram seis, que estão a ser procurados.**

● Cuba protestou, a noite passada, junto dos Estados Unidos contra «centenas» de alegadas violações do espaço aéreo e de águas territoriais cubanos, por aviões e navios de guerra norte-americanos. O protesto estava contido numa nota do Governo cubano entregue a Robert Woodward, secretário-adjunto de Estado para questões inter-americanas, pelo dr. Miloslav Ruzek, embaixador checo em Washington.

● **O Conselho da Organização dos Estados Americanos, reunir-se-á, na quinta-feira, para levantar as sanções económicas, aplicadas, em 1960, á Republica Dominicana, segundo informações colhidas em circulos fidedignos de Washington.**

● O astronáuta soviético, major Titov, chegou, hoje, a Djakarta para uma visita de duas semanas como convidado do presidente Soekarno. Falando aos jornalistas, no aeroporto, Titov disse que «a União Soviética está, inteiramente, ao lado da Indonésia, na sua luta para a unificação do país».

Soekarno proclamou a Nova Guiné holandesa como província da Indonésia

DJAKARTA, 3. — O presidente Soekarno proclamou hoje, oficialmente, a Nova Guiné holandesa como provincia da Indonésia. Designar-se-á «Irian Barat».

A proclamação oficial foi transmitida pela Rádio-Djakarta, que salientou tornar-se esta decisão necessária, uma vez que aquele território está prestes a ser integrado na Republica da Indonésia.

A capital, Holandia, passa a chamar-se «Kotabaru», e significa «Cidade Nova».

O decreto acrescenta ainda que, enquanto o território permanecer na posse da Holanda, o presidente Soekarno nomeará um novo governador e os seus auxiliares, definindo as respectivas funções administrativas. — (R.).

MOBILIZADOS TODOS OS AVIÕES

DJAKARTA, 3. — O Governo indonésio está a preparar a mobilização de todos os aviões no território da Republica. Foi criada uma comissão para fiscalizar essa mobilização, sob a chefia do vice-marechal S. Hardjolukito — segundo foi anunciado nesta capital.

O presidente Soekarno anunciara o mês passado planos para mobilização geral, quando proclamou a sua intenção de «libertar» a Nova Guiné Ocidental holandesa.

Ontem, Soekarno teve uma conferência com o Conselho de Defesa Nacional e o «Estado-Maior das Operações de Libertação». Posteriormente foi comunicado o estabelecimento de uma organização nacional de defesa civil. — (R.).

●

DJAKARTA, 3. — O governador desta cidade lançou um apelo dirigido a todos os habitantes, para que se inscrevam como voluntários na campanha de mobilização geral. — (Reuter).

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o vento era fraco, o céu estava muito nublado e chovia em algumas regiões do Norte, por acção de uma massa instável transportada na circulação de uma depressão centrada a leste do Porto.

TEMPERATURA DO AR ÀS 9 HORAS: Porto, 12°; Portalegre, 8°; Coimbra, 11°; Lisboa, 11°; Faro, 14°; Funchal, 12°

TEMPERATURAS VERIFICADAS ÀS 9 HORAS NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 12°; na água do mar, 14°,5.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTADAS HOJE EM LISBOA, ATÉ ÀS 15 HORAS: máxima, 16°,5; mínima, 10°,5. No mesmo dia do ano passado: máxima, 4°,2; mínima, 9°,1.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ — Céu pouco nublado, ocasionalmente muito nublado. Vento fraco, tornando-se moderado de Noroeste. Aguaceiros ocasionais. Descida de temperatura.

JOSÉ FRIMAN

ex-concessionário do Restaurante Chave d'Ouro

voltou do estrangeiro

onde dirigiu os Restaurantes portugueses nas Exposições internacionais e tomou conta do

RESTAURANTE

do

HOTEL AVENIDA PALACE

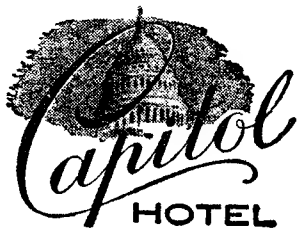
Praça dos Restauradores
Telefone 30154/8

Remodelação de Serviço

Cozinha Francesa e Austríaca

Serviço de Bar

Parque privativo de carros



O HOTEL QUE SE IMPUNHA PARA TOTAL SATISFAÇÃO DA CLIENTELA NACIONAL

RUA EÇA DE QUEIROZ
Telef. 736811 (5 linhas)
Junto ao Marquês de Pombal

DA MULHER E DA CRIANÇA

UMA PEÇA DE SEDA
tecida na Inglaterra em 1748
influenciará a moda londrina

LONDRES, 3 — Esta é a temporada mais brilhante da vida social londrina, que se inicia antes do Natal, e se espraia para além do Ano Novo, numa série de festas, de espectáculos de teatro e de um cortejo ininterrupto de outras manifestações artísticas

As elegantes esmeram-se nas «toilettes», este ano principalmente dominadas pelos tecidos em que são confeccionadas — brocados sumptuosos ou «chiffons» vaporosos, em via de regra.

E têm a oportunidade de se extasiar com uma peça de seda rara, tecida na Inglaterra em 1748 e levada para a Espanha onde devia ser utilizada na confecção de um vestido de gala. Todos podem agora admirá-la no Museu Vitória e Alberto, não muito longe do local onde, no século XVIII como ainda hoje, estava situado o importante centro de sedas de Spitalfields, nos suburbios de Londres. Foi dos teares de Spitalfields que a rara preciosidade saiu. A Inglaterra conseguiu reavê-la recentemente, adquirindo-a aos seus derradeiros proprietários como exemplar típico dos melhores estofos que outrora serviam para a confecção de vestidos.

«Lustrina de brocado», uma espécie de tafetá leve e lustroso, era como lhe chamava Anna Maria Garthwaite, famosa debuxadora da época, que desenhou o padrão do espécime agora patente no Vitória e Alberto — motivos florais, em cores vivas, destacam-se sobre fundo branco fosco.

Os grandes desenhos tecidos na própria seda constituiam a moda dominante para vestidos, até cerca de 1750. O seu custo era bastante elevado e, como na actualidade, os franceses exerciam grande influência na evolução da moda. Já naquele século as sedas de Lyon gozavam de muita fama e os seus criadores eram considerados verdadeiros árbitros de bom gosto.

A exposição deste pedaço de seda oitocentista começou já a influenciar a moda londrina e é natural que essa influência se acentue ainda mais nas colecções da meia estação, quando forem apresentadas.

Em Londres, um dos principais problemas a resolver pelas frequentadoras dos acontecimentos elegantes é como não enregelar sob os leves e geralmente decotados vestidos de cerimónia, principalmente quando o aquecimento das salas é insuficiente. Este ano, os figurinistas resolveram-no, em parte, acompanhando as «toilettes» ou com boleros a condizer ou com o «poncho» curto, feito de tecido luxuoso e abotoado desde o decote até á orla para não estragar o penteado. Embora as estolas, a não ser as de pele, sejam consideradas fora da moda pelos grandes costureiros, continuam muitas vezes a ser a única solução para certo tipo de vestidos, como os de «chiffons» os quais por seu turno, geralmente desaparecem dos estabelecimentos com extraordinária rapidez. — (A. N. I.).

Vestido singelo de «tweed» verde-garrafa, com grandes botões de baquelite na mesma cor. Duas palas junto do «empiecement» simulam a existência de algibeiras. A saia é separada da blusa e aberta na frente em toda a sua altura

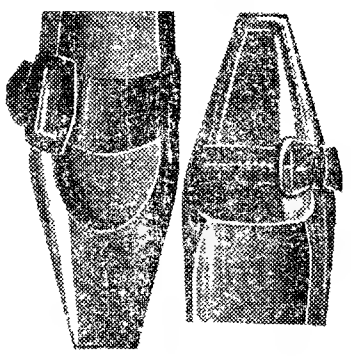
VIMOS PARA SI...

Não se esqueça, leitora, que esta secção foi criada especialmente para si. Ao percorrermos os estabelecimentos de Lisboa a indagar as novidades, temos em vista prestar-lhe um auxílio. Quantas coisas passam pelo mercado e não são devidamente aproveitadas por serem desconhecidas! Há a publicidade; mas nós, que também somos mulher, sabemos a pouca atenção que lhe é prestada e que só a insistência a poderá impor. Pois bem; a esta secção não presde nenhum carácter publicitário. No entanto, tem-no, porque ao levarmos ao conhecimento da leitora um produto, fazemos o seu reclamo. Isso significa que servimos o produtor. Pois não acreditem — e não é de acreditar — mas em alguns destes encontramos resistência. Uns, porque a ser a fotografia o produto poderá ser copiado (!...); outro. É tão absurdo que não adiantamos a descrição das escusas. Não acusem, leitoras, o comerciante português e a sua mentalidade. Se encontramos esta resistência no português, também a encontramos no estrangeiro, embora, para sermos justos, tenhamos de apreciar o comportamento da maior parte, tanto portugueses como estrangeiros, pelas facilidades que nos facultam e o tempo que perdem connosco a ver o seu «stock», a dar explicação para compreensão plena e grata da nossa iniciativa. Gostaríamos de conhecer a impressão da leitora acerca desta secção e, já que é sua, aceitaríamos ou colaborasse connosco, informando e orientando. As suas sugestões serão aceites. Trabalhamos para si; por que não trabalharmos consigo?

VESTIDO — A elegância caracteriza-se por uma simplicidade

sem cair no ridículo. Concordamos, porém, ser este vestido demasiado simples, talvez excessivamente so-brio, mas, por isso mesmo, adequado a jovem empregada que tem de se movimentar, com discrição, no seu trabalho. O tecido em que é confeccionado é a malha de lã, mescla. Poderá ser realçado com um cinto de pele e um colar ou pequeno alfinete de peito, requintá-lo-á. Assinalamos no feitio a gola de rebuco, a larga pestana da frente que abotoa com botões grandes e desce até á altura da anca; os dois bolsos, com um botão ao meio e as mangas 7/8. O seu preço é de 700$00.

SAPATOS — O que a moda tabaqueira decreta, em última novidade, é a combinação de duas cores no calçado. O sapato bolina, confeccionado nesta directriz, é muito elegante. Por certo que as leitoras já



repararam que, nesta estação, o sapato de ponta quadrada faz furor. Lembramo-nos de que, há dois anos, nos tentaram impor este modelo e que o repelimos! Quem persiste, consegue. Os sapatos de biqueira quadrada, ou os seus fabricantes, conseguiram vencer. Foram aceites e adoptados, tanto no prático como no elegante. Apresentamos dois modelos — note-se nos dois a fivela — um, com bordo pespontado, uma pequena pala e salto um pouco grosso, para o prático; o outro, mais decotado, de salto alto e fino, para «toilettes» elegantes. O preço médio é de 280$00.

CARTEIRAS — Em carteiras, pode dizer-se que tudo se usa, seja alta e estreita, baixa e comprida, com alça ou sem alça. Os mesmos modelos encontram-se tanto em plástico como em cabedal, permitindo, desta forma, nivelar aparências e dar a toda a mulher com gosto, sem os limites de ordem financeira, a possibilidade de ser elegante.

O custo das carteiras regula, em plástico, de 180$00 a 250$00; em cabedal, podem custar 600$00, pouco mais ou menos. Uma sugestão: gosta de determinado modelo que viu em cabedal ou vice-versa? Não o pode ou prefere comprá-lo noutro

(Continua na página seguinte)

COMO DEVE SER TRATADO
O CABELO DAS CRIANÇAS

Desde a mais tenra idade, as crianças ganham em ser bem tratadas e, embora a própria natureza as ajude em quase tudo e sempre alguma atenção lhes queiramos dar, sempre lhes fará sentir-se bem cuidar-se pelo menos do que é preciso para o seu possível.

Cuidar bem a quem seja capaz, é cabeça diariamente com água e sabonete pode, apesar disso, criar aquela crosta cabácea que dá uma ideia de pouca atenção prestada à criança por quem tenha sobre si o encargo de tratar de...

Se o bebé tem tendência a criar essa crosta a que o povo chama «ermo» deve ser-lhe feita, de tempos a tempos, doze horas ou mais antes do banho, uma aplicação de óleo próprio para bebés, ou mesmo de vaselina líquida. Depois, a lavagem da cabeça será feita pelo processo vulgar, havendo vantagem na aplicação de umas gotas de «shampoo» «Sunsilk», que actuará como desengordurante, suave mas eficaz, contribuindo para que o cabelo do bebé fique solto e deve apesar da anterior aplicação do óleo ou vaselina.

A operação deve repetir-se sempre que na cabeça da criança for notada qualquer tendência para a formação de nova crosta cabácea.

Quanto às crianças crescidas muito à lavagem da cabeça deve ser feita com mais frequência. A idade que, por consequência, desse transpasse se lhes acumula na pele fazendo-a sofrer comichão e mau estar.

PELES DE MARTA

COPENHAGUE, 3 — Setecentas mil peles de marta forneceu, em 1960, a Dinamarca, cujos criadores daquele animal cobrem cerca de um décimo da produção mundial.

Calcula-se que em 1961 a exportação tenha ascendido a novecentas mil, destinadas a 25 países diversos.

O país possui três mil empresas de criação, de importância vária, mas geralmente reduzida: oitenta por cento delas contam com menos de cem reprodutores, ao passo que a mais vasta possui acima de dez mil e consegue concorrer, em cada estação, com trinta mil peles, no mercado das elegancias. Para se confeccionar um casaco, exigem-se sessenta a noventa daquelas unidades. — (A. N. I.).

Parabens a você...

Por fazerem anos nos dias indicados, enviamos as melhores felicitações ás senhoras e crianças, cujos nomes damos a seguir:

Hoje — A pintora D. Maria Alexandrina Chaves Berger e D. Maria Margarida Ferreira.

Dia 5 — D. Ida Paiva Chaves, D. Maria Regina Fernandes da Cruz e D. Lidia Guedes de Oliveira Vieira.

Dia 6 — D. Olindina Tristany de Carvalho.

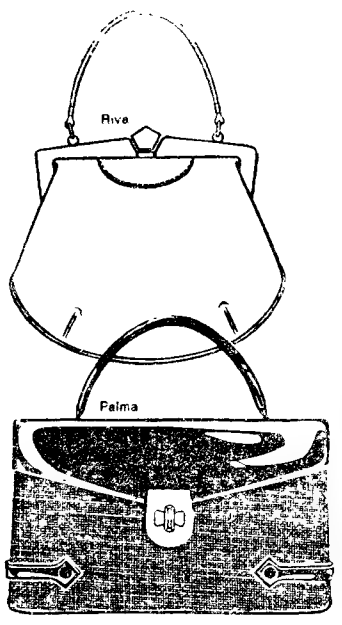
Dia 8 — D. Maria Olinda Quelhas Conde, meninas Maria Cristina Miguens Gil, Maria Helena Correia dos Santos e Maria de Lourdes Ferreira Jorge; e menino Pedro de Santa Clara Prestes Salgueiro.

Dia 9 — D. Ana Ahrens Teixeira Esteves e menina Lucília Quelhas Conde.

VIMOS PARA SI...

(Continuação da página anterior)

material? Recorra a um fabricante que lhe copiará o modelo no material que lhe interesse. Talvez que este lhe faça um preço mais acessível.



SOLTEIRINHA» — Este é um serviço de pequeno almoço, criado

para senhoras sós. Por isso, é denominado «solteirinha». Quanto a nós, contudo, terá lugar apreciável em qualquer lar, por mais numeroso, pois poderá ser usado para servir o pequeno almoço, no quarto, a uma pessoa doente ou a um hóspede amigo do leito. Este serviço é composto pelo bule, leiteira, açucareiro, três pequenos pratos para doce, prato para torradas, outro prato de dimensões mais reduzidas, uma colher e uma faca. Tem a particularidade de ser de fácil arrumação e transporte. Custa 220$. Com tabuleiro, mais 70$00. O seu fabrico é nacional, de porcelana branca decorada com simplicidade.

MARIA ADELAIDE

☆ ☆ ☆ ☆ ☆ ☆

AS NOSSAS AVÓS TINHAM RAZÃO...

quando lavavam o cabelo com gema de ovo. Porque, os sábios demonstraram-no. A gema de ovo é o «alimento» por excelência, do cabelo. Contém todos os elementos vitais que lhe são necessários: fósforo cálcio, ferro e vitamina A. Todos estes elementos se encontram intactos, totalmente activos em FLI-FLAP, o shampô-tratamento de CADORICIN, á base de gema de ovo e óleo de ricino. FLI-FLAP é o shampô-tratamento ideal dos cabelos secos, quebradiços, anemiados ou simplesmente frágeis. FLI-FLAP, dá e conserva a saude e beleza do cabelo. FLI-FLAP trata os cabelos lavando-os.

CHAPÉUS E GOLAS DE PELES

Uma das notas de modernismo da moda neste Inverno, está nos chapéus de pele que se apresentam condizendo com as golas dos casacos. Eis duas expressões dessa modalidade levadas a efeito com peles de raposa e de castor

☆ ☆ ☆ ☆ ☆

MANHÃ NA PRAÇA

No Mercado 24 de Julho, os produtos têm variado diàriamente de preço. Não só de preço, aliás, mas também de quantidade. A uma segunda-feira abundante em legumes, sucede uma terça mais parca, de tabelas mais elevadas. Atentando na secção do peixe, deparamos com bancas vazias; ausência total, ou quase, de mariscos, de pescada grande e outras qualidades de peixe, além da pouca quantidade das presentes. O mercado ressente-se destes dias de temporal, como seria de esperar. Só não esperávamos não encontrar o enxame de miudas que habitualmente nos cercam a oferecer limões. Também não compareceriam por causa das constantes chuvas? Estávamos já habituada a elas, aos seus oferecimentos e a comprar os minusculos limões, sumarentos, de casca fina e baixo preço. Além de que o tom de censura com que as preteridas se lamentaram por termos comprado a outra, criava um vago sentimento de culpa e de ternura que nos unia a elas. Quem dera poder comprar todos os limões a essas rapariguinhas franzinas e proporcionar-lhes ocasião aos seus queixumes mimalhos e infantis, sem o remorso de estes se fundamentarem na sua mal sucedida luta pela subsistência.

PREÇOS DOS PRODUTOS

Legumes

Deparámos, pela primeira vez, na praça, com a couve roxa, como lhe chamam as vendedeiras. A 8$00 o quilo, informaram-nos. A couve de Bruxelas, vendia-se a 15$00, também o quilo. As outras espécies de couves tinham o preço pela unidade e não ao peso. Assim, a couve-flor estava a 4$00; a lombarda, a 3$00; a portuguesa, a 2$00; a galega, a 3$00 e 4$00, o molho; e os grelos de couve, a 1$00, os molhos pequenos, porquanto os grandes estavam a 5$00 e 6$00. Os grelos compravam-se a 3$00 e 4$00, mas havia poucos. As nabiças, a 3$50. Pencas, a 4$00. Os nabos de Coimbra, a 1$50; os de Lisboa, pelo seu tamanho mais reduzido, eram a $50.

Há sempre grande dificuldade em apresentar um produto com o seu preço certo, já que de banca para banca, varia. Temos o exemplo do aipo, que poderia comprar-se a 5$00 o molho, o que não obstava que se vendesse a 10$00 e 15$00, com características a justificar a diferença do preço, claro. Os espinafres, encontravam-se a 7$00 o molho; os agriões, a 1$00; os rabanetes, a 1$00; a beterraba, a 2$50; quanto ao pé da alface, custava 2$00 e o da chicória, 1$50. Os bróculos principiam a estar mais acessíveis: de 5$00 para cima. O feijão verde vendia-se a 14$00 o quilo; a ervilha de grão, a 14$00; as cenouras, a 1$80; os tomates a 8$00, 9$00 e 10$00, e os pimentos a 1$00 cada.

Peixe e mariscos

Seria mais lógico inverter o título e escrever «Marisco e Peixes». Mariscos, só encontrámos uma qualidade, os camarões, a 78$00 o quilo. O peixe também não luzia pela fartura, como já dissemos, e estava caro. O linguado grande vendiam-no a 50$00 e o pequeno a 35$00 o quilo. O robalo, a 30$00; as enguias grossas a 24$00 e mais finas a 22$00; a garoupa, o peixe que se apresentava em maior fartura, via-se a preços variados: 20$00, 18$00 e 14$00; a dourada, a 14$00; o safio a 14$00 e 13$00; a pescada de rabo na boca e a outra maiorzinha a 12$00; o pargo, a 8$90; a sardinha a 9$00 e 8$00; a tainha, a 12$00; o cherne, a 7$00; o cachucho, a 6$70; o chicharro, a 6$50; e o ruivo, a 5$50 e 6$00.

Disseram-nos que o polvo estivera no dia precedente a 9$60; as lulas, a 15$00, 20$00 e 22$00; e os chocos, que por sinal havia, custavam 5$00. Rectificamos: o mercado não apresentava uma só qualidade de mariscos, mas duas — camarões e chocos. Reparem nos extremos: uns custavam 72$00 o quilo; os outros a 5$00. Por que é tão antipático o nome desse marisco, os chocos? Só o nome afasta dele a compradora!

Aves

As galinhas continuam caras: 45$00 e 50$00; os frangos regulam a 20$00 e 30$00; o peru a 150$00, excepcionalmente, 250$00; a perua, a 85$00 e 90$00; o pato, de 20$00 a 45$00; o pombo, a 9$00; e o ganso, a 50$00.

Apontamos o preço do coelho de 25$00 a 50$00; e o do cabrito, a 27$00 o quilo. Os ovos estavam a 12$00 e 13$00 a duzia.

Fruta

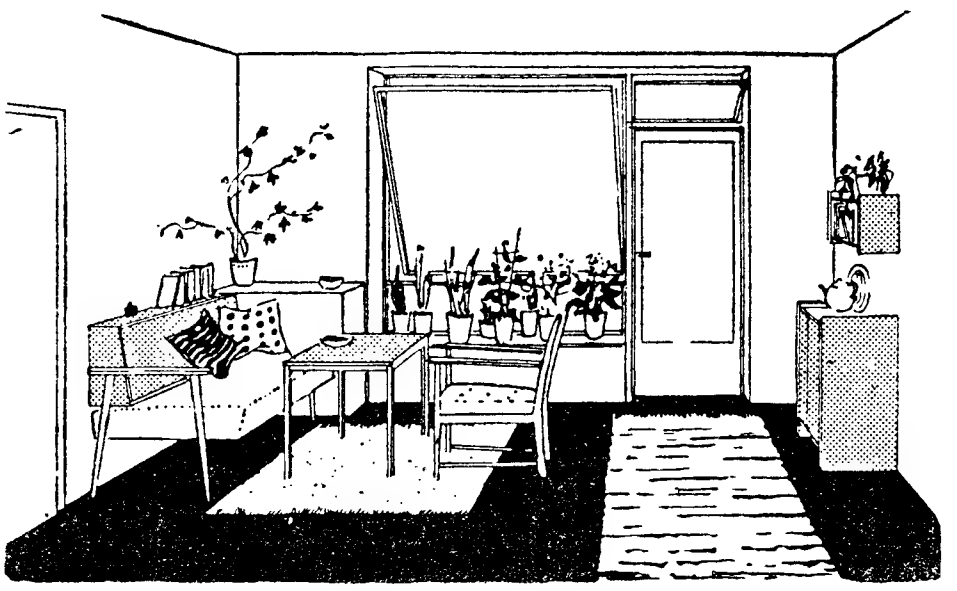
Não encontrámos alterações sensíveis na fruta. O ananaz continua de 25$00 a 35$00; a maçã reineta, a 35$00 e 40$00 a duzia; os peros, a 30$00; as tangerinas de 5$00 a 8$00; as bananas, de 7$00 a 10$00; as toranjas, de 5$00 a 7$00 cada; as romãs, também a unidade, de 2$00 a 4$00; e as laranjas vendiam-se desde 5$00 a 18$00 a duzia.

Flores

A duzia dos cravos continuava a 35$00 e 40$00; as rosas, a 35$00; as camélias, a 12$50 e 15$00; os jarros, a 30$00; o molho das irináceas, a 70$00, o das mimosas, a 7$50; o da urze, a 2$50; o dos malmequeres, a 12$50; o das violetas, a 1$00; e o dos lírios, a 7$50. As orquídeas, como flor de luxo estavam a 15$00 cada.

DONA DE CASA

SUGESTÃO PARA O ARRANJO DUMA SALA



Nem sempre é fácil arrumar os móveis num aposento, deixando grandes espaços livres. O problema resolve-se, no entanto, com facilidade, quando é possível arrumar a maior parte dos móveis no chamado «cantinho acolhedor» e deixar-se livre o meio da sala. A gravura sugere uma dessas arrumações. Note-se a decoração feita com plantas naturais envasadas que está cada vez mais em moda e dá, ás nossas casas, uma agradável nota de frescura.

Pergunte para saber

(Continuação da página anterior)

preparação de sandes para estudantes e rapazes empregados. Pode guardar-se o «foie-gras» por muito tempo?

M. L. T. S.

Ponha numa frigideira bastante funda duzentos gramas de banha em rama, cortada em bocadinhos. Leve-a ao lume brando. Quando estiver derretida, tire-lhe rápidamente os torresmos e junte-lhe cinquenta gramas de margarina Planta. Retire do lume e, enquanto a gordura estiver muito quente, junte-lhe duzentos e cinquenta gramas de fígado de porco e cem gramas de presunto que tenham sido passados pela máquina de moer. Mexa-se bem, tempere com sal refinado, uma pitada de pimenta e uma colher, das de chá, de mostarda «Savora». Por fim, passe tudo pelo «passe-vite» usando o crivo mais fino.

Querendo guardar o «foie-gras» por muito tempo, sem risco de se estragar pode deitá-lo em frascos de vidro próprios para esterilização de alimentos, fechar os frascos, pondo-lhes as anilhas de borracha e os grampos e levá-los ao lume em banho-maria, durante trinta minutos, contados a partir do momento em que a água levante fervura. O banho-maria pode ser feito num tacho alto ou numa panela tendo no fundo um pano dobrado, ou uma grelha de metal, que evite o contacto directo do frasco com o fundo da vasilha. Passado o tempo indicado para a duração do banho-maria tira-se o frasco da água e coloca-se sobre uma mesa ao abrigo das correntes de ar. Se a mesa é de pedra, cobre-se com um pano dobrado a parte onde se vai colocar o frasco para evitar que este se quebre no contacto brusco com uma superfície fria. Pela mesma razão o frasco ao sair do banho-maria não deve ser posto sobre um prato. O grampo só se tira depois do frasco estar frio. Se a tampa ficar bem presa pela pressão de ar pode guardar-se.

Antes de usar este processo de esterilização deverá ver se a parte esmerilada do frasco e da tampa que vão aderir á anilha de borracha não apresentam qualquer falha ou parte polida o que seria bastante para permitir uma penetração de ar no interior do frasco, e, por consequência, a deterioração do seu conteudo dentro de alguns dias. Há já outro processo de esterilização de alimentos preparados que é feita em frascos com tampas de metal. As tampas aderem por meio duma matéria colante depois de terem permitido a completa saida de ar dos frascos durante o banho-maria. Tanto estes frascos, como os vulgares a que primeiramente nos referimos, se encontram nos nossos mercados por preços aceitáveis.

AS RECEITAS DA LEITORA

Creme esfarrapado

INGREDIENTES — 1 quilograma de batatas, 100 gramas de Vaqueiro, 4 decilitros de leite, 2 ovos, 4 colheres — das de sopa — de quadradinhos de pão, folhas de hortelã q. b., menta, sumo de limão e salsa, q. b.

PREPARAÇÃO — Descascam-se as batatas, cozem-se em água temperada com sal e passam-se pelo passador. Adiciona-se a este puré o leite, e metade da água em que foram cozidas as batatas. Tempera-se com sal e pimenta e juntam-se-lhes 50 gramas de Vaqueiro. Leva-se ao lume e quando ferver juntam-se os ovos batidos passando-os por um funil para lhes dar o aspecto de farrapos. Serve-se com os quadradinhos de pão fritos em Vaqueiro. Em cada prato põe-se uma folha de hortelã.

AS RECEITAS DA LEITORA

Pargo delicioso

INGREDIENTES — 1 pargo de tamanho médio, 2 colheres — das de sopa — de Vaqueiro, 3 cebolas, 500 gramas de tomate fresco ou 1 colher de concentrado, 1 decilitro de leite, 2 colheres — das de sopa — de pão ralado e sal, pimenta sumo de limão e salsa, q. b.

meias luas e colocam-se no fundo de um «pirex» bem untado

PREPARAÇÃO — Cortam-se as cebolas — em rodelas ou com Vaqueiro. Por cima põe-se o tomate cortado em rodelas — sendo fresco. Amanha-se o pargo e coloca-se sobre o tomate. Tempera-se com o sal e a pimenta. Rega-se com o sumo do limão, a Vaqueiro derretida e o leite. Polvilha-se com o pão ralado e leva-se a cozer em forno médio, durante meia hora. Serve-se polvilhado com salsa picada e acompanhado com puré de batata.

AS RECEITAS DA LEITORA

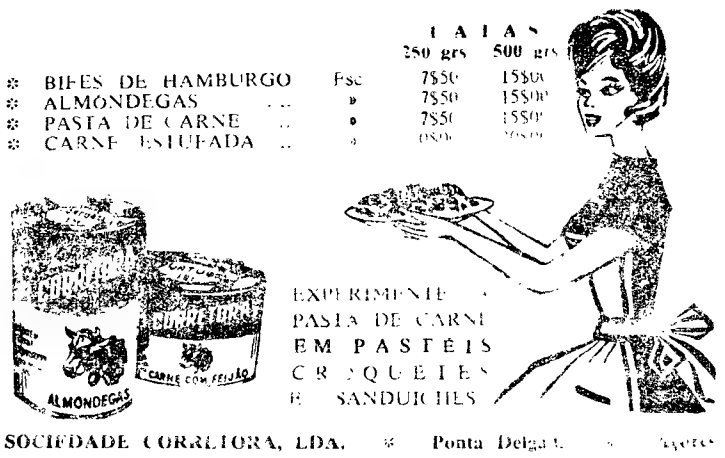
«Charlotte» russa

INGREDIENTES — 24 palitos «á La Reine», 100 gramas de Vaqueiro, 125 gramas de frutas cristalizadas, 3 ovos, 6 colheres — das de sopa — de açucar, 2 decilitros e meio de leite, 4 colheres — das de sopa — de rum, 3 folhas de gelatina branca, 1 colher — das de café — de farinha maizena e 1 pitada de vanilina.

PREPARAÇÃO — Forra-se uma forma de «Charlotte» com os palitos «á La Reine» e salpicam-se com rum. Põem-se as folhas de gelatina de molho em água fria e 2 horas depois enxuga-se com um pano. Separam-se as gemas das claras dos ovos. Batem-se as gemas com 3 colheres — das de sopa — de açucar, juntam-se o leite, a maizena e a vanilina e leva-se a engrossar em banho-maria. Retira-se do calor, junta-se-lhe a gelatina bem enxuta e as frutas cristalizadas, picadas. Bate-se a Vaqueiro com 3 colheres — das de sopa — de açucar e juntam-se-lhes as claras batidas em castelo bem firme. Mistura-se este preparado ao creme que se fez anteriormente e enche-se a forma de «Charlotte» com a mistura. Cobre-se com palitos «á La Reine» e leva-se a gelar durante 6 horas. Desenforma-se e serve-se [illegible]

AGORA! UMA REFEIÇÃO COMPLETA EM 5 MINUTOS

		LATAS 250 grs	500 grs
✻ BIFES DE HAMBURGO	Fsc	7$50	15$00
✻ ALMONDEGAS	»	7$50	15$00
✻ PASTA DE CARNE	»	7$50	15$00
✻ CARNE ESTUFADA	»	[illegible]	[illegible]



EXPERIMENTE A PASTA DE CARNE EM PASTÉIS CROQUETES E SANDUICHES

SOCIEDADE CORRETORA, LDA. ✻ Ponta Delgada ✻ Agentes EM LISBOA ✻ R. DA CONCEIÇÃO, 125, 2.º DTO. ✻ Telef. 36 23 12

EMBELEZE OS SEUS OLHOS USANDO

TACYDIL FAZ CRESCER AS PESTANAS

DISTRIBUIDOR: C. SANTOS CARVALHO Apartado 1096

Beleza pelos Extractos Vegetais

OBESYL

Combate as gordura:

COMPRIMIDOS E CHA

Literatura grátis da FAL - Apart. 2,142 - Lisboa

EDUQUEMOS O NOSSO FILHO!

A grande cidade e os adolescentes

É considerável a influência das grandes cidades sobre os problemas de ordem psíquica e pedagógica. Favorecendo a dispersão, a vida citadina contribui para retardar a maturação espiritual das crianças, e exerce uma acção notável sobre as mutações características da puberdade.

Está em correlação evidente com o acréscimo do numero de instáveis entre os quais se recrutam os delinquentes, os inadaptáveis, os maus cidadãos do futuro.

Nada pode evocar mais verídicamente a condição da infancia nesses presídios modernos do que o livro do dr. François Goust, «A adolescência no mundo contemporaneo». Um dos capítulos é consagrado aos pequenos habitantes dos bairros excêntricos pelo autor que, declinando modestamente o título de escritor, não se baseia senão na sua experiência de pai de família e de clínico num bairro populoso da periferia de Paris, onde é ao mesmo tempo inspector escolar.

«E' no plano da cidade, do Estado, que havemos de encontrar a causa dos nossos males, dos males de que sofrem os adolescentes, dos males de que sofreu o educador quando era adolescente, e que fizeram dele um mau parteiro do espírito, incapaz de ajudar ao nascimento de uma personalidade».

Por toda a parte a civilização industrial desenvolvida sem conta nem medida atrai a juventude rural para as aglomerações urbanas, tão irresistivelmente como o foco luminoso atrai as borboletas.

Os burgos e as aldeias, esvaziados da substancia activa, esboroam-se pedra a pedra, abandonados ás populações de velhos, votados á extinção, ao passo que as cidades vão absorvendo progressivamente as províncias vizinhas. As chaminés de fábricas levantam-se para o céu, e sacrificam-se os ultimos jardins para edificar, sobre a natureza definitivamente vencida, arrabaldes sujos e sem alma.

Se ao principio as primeiras gerações transplantadas se conservam fiéis a certas feições características da terra de origem, pronuncia, tradições, costumes, as seguintes não tardam a uniformizar-se no cadinho onde se fundem os seres e as coisas dominados pelas potências materiais.

O adulto resignado á sua febril existência volta-se para as unicas possibilidades de evasão que lhe oferecem os prazeres corrompidos dos grandes centros: cafés, cinema, revistas, jogo.

E as crianças são arrastadas prematuramente a tomar parte neles, o que acrescenta ás inquietações da adolescência as perturbações mais profundas, mais intensas, mais anormais, de que é responsável a sociedade.

SABINE PETERSEN

Atenção à difteria

Tem o seu filho protegido contra a difteria?

Não o julgue livre de perigo só com o carinho do pai e da mãe, ou porque vive em local saudável. Isso não evita a difteria. Os germes passam duma criança para outra, mas está provado que a imunização reduz o risco de contrair a doença, e dá quase completa protecção contra um ataque fatal.

A difteria é muitas vezes fatal até aos 5 anos, e nenhuma criança está livre de a ter.

Lembre-se disto, e, se o seu filho não está vacinado contra a difteria, procure ainda hoje o médico.

PARA A MENINA BORDAR

Este ramo de mal-me-queres e estas abelhinhas farão o encanto das pequeninas que já sabem bordar. Aqui poderão exercitar-se nos pontos pé-de-flor, de nózinhos e ponto lançado. Em tecido de tom cru, ficarão muito bonitos os mal-me-queres em amarelo torrado, com folhas e pés de dois tons de verde-escuro, e centro das flores em preto. Abelhinhas pretas e amarelas, com asas brancas

Esta sugestão talvez lhe sirva

A Luisinha, como todas as crianças, gostava imenso de abrir as gavetas que ficavam á sua altura, e tirar delas tudo o que lhe apetecia. Sobretudo a gaveta da costura tinha para ela encanto especial. Como não era conveniente que a criança mexesse nos utensílios de costura e estivesse constantemente a pôr em desalinho as outras gavetas, a mãe resolveu o assunto de maneira inteligente e eficaz: dispôs numa gaveta pequena, ao alcance da Luisinha, vários objectos de seu gosto, mas inofensivos, tais como carros grandes de linha (vazios), botões grandes enfiados em cordéis, amostras de tecido, uma tesoura de plástico, caixas de vários tamanhos e cores, enfim, um conjunto de objectos que encantam agora a pequenita, para mais sabendo que a gaveta lhe pertence. E o que é certo é que a Luisinha já não se interessa pelas outras gavetas.

A HIGIENE E A VAIDADE

A higiene e a vaidade não têm nada de comum, mas muitas pessoas as confundem.

Deve combater-se na criança todas as tendências para a vaidade e ao mesmo tempo ensinar-se-lhe a ser asseada e cuidadosa com a sua pessoa.

A vaidade é um defeito que pode conduzir, principalmente as raparigas, a erros gravissimos. A higiene, o culto da limpeza, são virtudes que contribuem largamente para a saude do corpo e do espírito.

Sobretudo, as mães não devem consentir que seus filhos sejam o que os franceses chamam «coquets-sales», isto é, tolos e sujos ao mesmo tempo. E' muito vulgar, infelizmente, esse tipo de pessoas que não têm a minima noção da verdadeira beleza e da mais elementar higiene, e se preocupam muito com o que da nas vistas, sem suspeitar, sequer, a detestavel figura que fazem. Essas pessoas perfumam-se mas não mudam de roupa, pintam a boca mas não lavam os dentes, não limpam a cabeça mas fazem permanente.

A base da verdadeira beleza pessoal é a higiene. E isto é sempre assim, mas ainda mais tratando-se de crianças.

Habituai os seus filhos, de pequeninos, a cuidar da sua higiene, numa preocupação de beleza sem vaidade - saudavel, harmoniosa e simples. Ensinai-os, de pequeninos, a cuidar dos cabelos, dos dentes, do rosto, das mãos, das unhas, das roupas e do calçado. Criando-lhes bons hábitos de higiene, dá-lhes uma frescura, um encanto que, se não é formosura, vale tanto ou mais do que ela, com a vantagem de os acompanhar pela vida fora, de não desaparecer com a mocidade.

O banho diário é um hábito que se deve manter depois da primeira infancia o que nem sempre se verifica. O rosto e as mãos são a parte do corpo mais expostas ás poeiras e aos contactos; por isso devem ser objecto de constantes e particulares cuidados. Vele para que seus filhos não tenham o hábito, péssimo e corrente, de mexer frequentemente no rosto com as mãos, meter os dedos no nariz ou na boca, coçar a cabeça, etc. Ensine-os a lavar muito bem as orelhas e explique-lhes que nos ouvidos não se devem introduzir ganchos, alfinetes ou quaisquer outros objectos, porque pode quando menos se espera, dar-se um desastre, afectando um órgão tão precioso, o que é muito grave.

As crianças devem usar os cabelos cortados curtos e bem tratados. De novinhas se habituarão a pentear-se e a escovar os cabelos com escova própria, dura, que pode humedecer-se com umas gotas de brilhantina, e que lhes dará grande prazer.

Trazer as mãos limpas, sem tinta, nem mascarras, nem terra, é também uma questão de hábito. Se, por volta dos 4 anos, as crianças tiverem a sua escova de unhas; e, por volta dos 8, a sua tesourinha ou alicate de unhas — elas farão questão de as trazer sempre limpas e aparadas.

Da mesma maneira as mães devem desenvolver nas crianças o gosto de andarem «bem arranjadas». Bem arranjadas significará roupas limpas, passadas a ferro e sem rasgões, caindo bem e não «de qualquer maneira» ou torcidas; fitas atadas, molas e botões abotoados; meias direitas, calçado limpo, convenientemente abotoado ou atado.

Tudo isto ensinado gradualmente, sem forçar e sem exigências excessivas que seriam contraproducentes. Ensinando sem sombra de tolice, simplesmente, porque «deve ser assim», porque assim exigem a higiene e a boa educação.

A ESCOLA EXPLICADA AOS PAIS

A Escola tem sofrido nos últimos anos modificações tão profundas que muitas pessoas cultas e inteligentes não compreendem a Escola de hoje. E, porque não a compreendem, julgam mal os resultados do trabalho escolar, ou intervêm no trabalho das crianças, na melhor das intenções — porém sem a menor orientação. E' claro que nós não pretendemos oferecer aos pais diplomas de professores. Não se pode negar, entretanto, que os pais têm necessidade de um mínimo de noções sobre os objectivos e ideais da escola actual e dos fundamentos científicos dos seus métodos e processos.

*

A Escola de outrora preocupava-se essencialmente com a aquisição de conhecimentos. A escola era boa quando os alunos sabiam muitas coisas. «Saber muita coisa» era conhecer factos descritos nos livros de gramática, aritmética, história, geografia, etc.

A Escola de hoje discute antes de mais nada o valor desses conhecimentos livrescos. Porque devem as crianças «aprender» as regras da gramática, os nomes dos cabos, pontas, ilhas e baías, as datas das diversas batalhas, etc.?

Um exame sério da questão mostra que esses conhecimentos valem realmente muito pouco. O que importa não é conhecer as regras da gramática, mas possuir uma capacidade de expressão correcta mediante a palavra falada ou escrita. Esse desembaraço, essa correcção da linguagem, adquire-os a criança através do hábito da leitura, do hábito da discussão (reuniões de alunos, clubes, etc.), do uso frequente e agradável da escrita (jornal escolar, correspondência inter-escolar). Assim como se aprende a nadar nadando, a Escola de hoje pretende que as crianças aprendam a falar, a discutir, a conversar, a redigir — falando, discutindo, conversando, redigindo; porém, fazendo tudo isso em uma situação «vivida», com interesse e entusiasmo. Isso significa que os exercícios de falar, conversar, discutir, redigir precisam de ser «motivados», isto é, precisam de corresponder a uma finalidade desejada pela criança.

DR. MOYSÉS DE ARAUJO

CONSULTÓRIO DAS MÃES

TENHO um pequeno de quatro anos, de tal modo difícil, diz mesmo intratável, que penso metê-lo numa escola infantil, embora isso represente para mim um grande sacrifício moral, pois que desejava ser eu própria a educar o meu filho.

Peço-lhe que me diga se há aqui perto do meu bairro uma escola infantil de toda a confiança, pois os que conheço ficam muito longe, e só me interessa uma onde eu possa ir com facilidade a fim de vigiar o ensino que lhe dão.

RESPOSTA

— Creio que a minha amiga é bastante absorvente e está a encarar o problema de forma muito pessoal.

Comece por não considerar «um sacrifício moral» a entrada do seu filhinho para uma escola infantil. Por melhor educadora que a mãe seja, o ensino com outras crianças é sempre preferível ao ensino individual, salvo casos muito especiais de acentuadas deficiências ou comportamentos anti-sociais. Ninguem pode viver isolado bem isso seria desejável; as crianças devem, o mais cedo possível, aprender a viver em sociedade, a amar, compreender e respeitar os companheiros. Nesse convívio, as crianças aprendem a corrigir os seus defeitos e a assumir uma boa atitude social, o que é tão importante. Claro que se torna indispensável uma adequada e esclarecida orientação pedagógica, e dou lhe toda a razão quando pretende escolher para o seu filhinho uma boa escola. Ora, uma boa escola deseja e aceita a estreita colaboração das famílias, mas não me parece que alguma consinta que as mesmas famílias «vigiem» o ensino, tal como a minha amiga deseja, pois isso traria grande número de complicações, a começar por uma certa indisciplina e um clima de desconfiança.

Quando a criança está excessivamente ligada á mãe, a escola pode permitir que esta a acompanhe durante as aulas, por um certo período de tempo, para evitar um traumatismo e conflitos prejudiciais. Conforme mestra nestas circunstancias, a mãe actua como colaboradora da professora e segundo a orientação que ela lhe dá. A sua atitude nunca pode ser a de quem «vigia» o ensino ou o tratamento dados a seu filho.

O que a minha amiga tem a fazer, sem duvida, é obter, junto das escolas da sua simpatia, todas as informações que julgue necessárias para ficar com uma ideia segura sobre os respectivos métodos de ensino e a vida escolar. Com certeza lhe darão todas as explicações, e, uma vez feita a sua escolha, deixe que o seu filho seja um aluno como qualquer outro, o que só o beneficia.

Finalmente: o seu menino é assim tão intratável como diz? E já averiguou o motivo? Tem observado atentamente a criança? Já conseguiu compreender as suas reacções? Tem lido alguma coisa sobre psicologia infantil?

Creio que lhe faria bem conversar com um bom médico psicólogo. Posso mandar-lhe, particularmente, as indicações que deseja.

MARIA LUCIA

DESPORTOS

BASQUETEBOL

O SPORTING conquistou o campeonato regional

O Queluz baixa de Divisão

Terminou o «Regional» da Divisão de Honra, com o título meritório do Sporting, que no decorrer do torneio averbou apenas uma derrota imposta pelo Belenenses.

Embora o campeão já se adivinhasse desde a oitava ronda, ficou, porém, em suspenso o caso dos ultimos classificados. Ontem, ficou resolvida esta questão. O último lugar foi caber ao Queluz, mercê da vitória retumbante do Sacavenense sobre o Belenenses. Por outro lado, o Algés lutando com o Liberdade, que não estava em perigo, pôde arrancar uma vitória preciosa e solucionar os seus problemas.

A jornada final cheia de interrogações proporcionou portanto, um «prato-forte» para aqueles que gostam de emoções. Pondo de parte os encontros Sporting-Nacional e Benfica-Queluz, nos quais os «leões» e os «encarnados» não deixaram tomar fôlego aos adversários (30 e 27 pontos, respectivamente, foram as diferenças). As partidas entre o Algés-Liberdade e o Belenenses-Sacavenense proporcionaram certa agitação entre os adeptos dada a incerteza no desfecho final.

A classificação final ficou assim ordenada:

	J.	V.	D.	Marc.	P.
SPORTING ...	14	13	1	893-587	10
Benfica	14	12	2	873-559	38
Belenenses	14	10	4	690-615	34
Nacional	14	5	9	572-713	24
Liberdade	14	5	9	481-592	24
Algés	14	4	10	621-729	22
Sacavenense ..	14	4	10	518-717	22
Queluz	14	3	11	598-755	20

HOJE À NOITE

BASQUETEBOL. — No Técnico, a partir das 21 horas, prossegue o «Regional» da 1.ª Divisão: Rio Seco-Carnide, Sporting de Torres-Tabacos e Técnico-Lisboa Ginásio.

BILHAR — Na sede da Associação de Lisboa, campeonato individual de 2.ª categoria

CORPORATIVO — No campo do Porto de Lisboa, a partir das 18 e 30 horas, para o campeonato de basquetebol: Sotto Mayor-Lisboa e Açores, Standard Eléctrica-Cervejas P. Lisboa-Ferroviários do Barreiro e Regina-Robbialac.

VOLEIBOL — «Nacional» de juniores: Belenenses-Benfica, na Escola Francisco Arruda, ás 21 horas e F. C. Porto-S. Mamede, no campo da Constituição, ás 21 horas.

O SORTEIO DOS ENCONTROS

do «Nacional» da 2.ª Divisão

Na sede da Federação Portuguesa de Basquetebol, efectuou-se, ontem, á noite, o sorteio para o Campeonato Nacional da 2.ª Divisão, no qual participam 27 equipas.

Os clubes concorrentes foram agrupados em duas zonas: Norte e Sul.

Dentro destas zonas formaram-se várias subséries cabendo ao Norte as designações: A-1 e A-2 e ao Sul: B-1, B-2 e C.

Os sorteios forneceram os seguintes resultados:

Subsérie A-1: 2.º de Coimbra, 4.º do Porto, 1.º do Porto, 2.º de Aveiro, 1.º de Coimbra e 2.º do Porto.

Subsérie A-2: 3.º de Aveiro, 2.º do Porto, 1.º de Aveiro, 6.º do Porto, 5.º do Porto e 3.º de Coimbra.

Subsérie B-1: 5.º da Divisão de Honra, Luso F. C., 1.º Divisão de Honra, 2.º da Divisão de Honra, 1.º da I Divisão e 2.º da I Divisão.

Subsérie B-2: Montijo F. C., 5.º da I Divisão, 3.º da Divisão de Honra, 4.º da I Divisão, 4.º da Divisão de Honra e 3.º da I Divisão.

A tabela da ordem dos jogos é a seguinte:

1.ª jornada: 2-1, 3-5 e 4-6; *2.ª jornada:* 1-3, 6-2 e 5-4; *3.ª jornada:* 4-1, 3-2 e 6-5; *4.ª jornada:* 1-5, 2-4 e 3-6; *5.ª jornada:* 6-1, 5-2 e 4-3.

Na subsérie C foram agrupados os três clubes de Faro, sendo a tabela da ordem dos jogos a seguinte: 1-2, 1-3 e 2-3.

O campeonato iniciar-se-á no próximo dia 15 do corrente, data em que devem estar findados todos os compeonatos regionais.

ARMANDO FERREIRA

volta de novo ao cargo de seleccionador nacional?

Será, esta noite, que a comissão executiva da F. P. F. nomeará o novo seleccionador nacional de futebol, cargo vago após a recente demissão apresentada por Fernando Peyroteo o qual não chegou a completar três meses de mandato.

Segundo foi esclarecido pelo presidente da direcção, sr. Francisco Mega, foi resolvido «adoptar o processo de ouvir o Conselho Técnico, previamente, para a nomeação dos seleccionadores nacionais».

Assim, o referido órgão indicou várias individualidades, nas quais figurava o sr. dr. José Maria Antunes, o candidato n.º 1, conforme o nosso jornal teve ocasião de informar na devida altura. Contudo, o antigo jogador da Académica, em declarações feitas á Imprensa, disse da sua impossibilidade em aceitar o convite, devido a compromissos da sua vida profissional.

Da relação que, hoje, será apreciada pelos federativos, segundo informações de boa fonte, a escolha deverá incidir em Armando Ferreira.

Trata-se de um antigo «internacional», que desempenhou, antes de Peyroteo, o cargo para o qual está designado.

É, também, membro do Conselho Técnico da F. P. F.

A selecção nacional, como se sabe, até ao final da época de 1961-62, intervirá em três jogos, dois no Brasil, contra os campeões do Mundo, nos dias 3 e 6 de Maio, e outro, em Portugal, contra a Bélgica, no dia 17 do mesmo mês.

A situação de Szabo no Sporting da Covilhã

COVILHÃ — O ex-treinador do Sporting Clube da Covilhã, Janos Szabo, receberá, durante dois anos, a importancia de 4000$00, embora não exerça as suas funções.

O clube serrano dispensou o enfermeiro massagista Manuel Figueiredo, substituindo-o pelo antigo massagista do clube, Gil Barreiros.

Palma não jogará contra o F. C. Porto

A Cuf está a seguir intensa preparação com vista ao encontro com o F. C. Porto. Três dos seus jogadores acusam contrariedades de ordem física. O mais afectado é o defesa-central Palma que não deverá alinhar contra o forte «onze» das Antas.

Águas e José Augusto reaparecem no domingo

Tudo indica que, no encontro de Aveiro, o Benfica contará com todos os seus titulares normais, prevendo-se o reaparecimento de José Águas e José Augusto que, no passado domingo, não foram utilizados contra o Caldas.

A preparação do Brasil para o «Mundial» de futebol revela aspectos curiosos

RIO DE JANEIRO, 3. — Os futebolistas brasileiros indigitados para a equipa nacional que disputará o Campeonato Mundial, no Chile, só serão convocados no dia 1 de Abril — revelou Juan Havelange, presidente da Confederação Brasileira de Desportos, numa entrevista concedida á UPI.

A primeira providência foi encomendar ao Chile sessenta bolas de fabrico chileno, do tipo que será oficialmente adaptado nos jogos daquele torneio, e que serão utilizadas nos treinos da selecção brasileira, bem como nos encontros do Torneio Rio-São Paulo, com a participação de dez clubes, no qual competirão os jogadores convocados para o Campeonato Mundial.

Havelange sublinhou que a concentração dos futebolistas seleccionados se realizará em Abril, sem direito a recurso da parte dos clubes, estando já previstos, no quadro dos treinos a efectuar, a realização de encontros internacionais contra a selecção de Portugal a 3 e a 6 de Maio, e contra o País de Gales, a 13 e a 16 do mesmo mês.

Para garantir melhores condições psicológicas aos jogadores, o estágio não será feito numa só localidade, estando previstas quatro estancias nas montanhas, entre as dez localidades que ofereceram para albergar os futebolistas. A escolha final ficará a cargo do dr. Hilton Gosling, médico da selecção.

O presidente da Confederação revelou o seguinte programa de trabalhos do grupo nacional:

1 de Abril: convocação dos jogadores seleccionados; 1 a 7 de Abril: concentração dos futebolistas num hotel do Rio de Janeiro, inspecções médicas, regularização de documentos, confecção de uniformes e exercícios individuais, ligeiros e rápidos; 8 a 18 de Abril: primeira concentração dos jogadores numa estancia hidro-mineral; 30 de Abril a 20 de Maio: concentração em cidades altas do Brasil; 21 de Maio: liberdade, para todos os jogadores, a fim de que possam despedir-se das suas famílias; 22 de Maio: partida para o Chile, de avião; 23 a 30 de Maio: concentração em «El Retiro» no Chile e 30 de Maio: primeiro jogo para o Campeonato Mundial.

Revelou o presidente da Confederação, ainda que por se saber que a água da região de Vina del Mar não é a mais aconselhável para os jogadores, já foram encomendados muitos garrafões de água proveniente de outros pontos do Chile. — (A. N. I.).

Pelé, o melhor do Mundo na opinião dos russos

MOSCOVO, 3. — Cinco internacionais do futebol soviético foram unanimes em designar o Brasil como o grande favorito para o próximo Campeonato do Mundo de Futebol, em resposta a um inquérito feito por uma revista desportiva russa.

Quanto ao melhor jogador do Mundo a escolha recaiu sobre o brasileiro Pelé. — (F. P.).

VIDA SOCIAL

JAIME MOURÃO-FERREIRA

A fim de assistir a uma convenção latino-americana das grandes empresas de publicidade, partiu para o Rio de Janeiro, no avião da «Panair», o sr. Jaime Mourão-Ferreira, sócio gerente da ADVER-Publicidade Internacional, Lda. Durante a sua estadia o sr. Jaime Mourão-Ferreira aproveitará a oportunidade para tomar contacto com os métodos e técnicas publicitárias de algumas das maiores empresas da América do Sul.

EMBAIXADOR VASCO PEREIRA DA CUNHA

Partiu, de avião, para Paris, acompanhado de sua esposa, o sr. embaixador Vasco Pereira da Cunha, representante permanente de Portugal junto do Conselho do Tratado do Atlantico Norte.

DR. FRANCISCO CAMBOURNAC

Regressou, esta manhã, a Genebra acompanhado de sua esposa, o sr. dr. Francisco Cambournac, director regional da Organização Mundial de Saude para Africa, que tem a sua sede na Suiça.

EXPOSIÇÃO DO MODELO

do hidroplanador «Portugal»

Amanhã, na Secção de Aeronáutica do Instituto Superior Técnico, será exposto ao publico, entre as 10 e as 18 horas, o modelo do hidroplanador «Portugal» que, há 28 anos, tripulado pelo actual almirante Paulo Viana, efectuou os voos oficiais no Centro de Aviação Naval, em frente da Torre de Belém, abrindo com eles, perante representantes categorizados da Federação Internacional de Aeronáutica, com sede em Paris, uma nova categoria de aeronave designada por «hidroplanador».

Pelas 17 horas, o engenheiro Varela Cid fará uma conferência dedicada ao assunto e que versará temas de aeronáutica e a influência destes trabalhos na evolução da construção de aviões.

No final, serão efectuadas algumas demonstrações com o tunel aerodinamico, exemplificando problemas de estabilidade em voo dos aviões.

Assembleias gerais

Comissão de Melhoramentos de Esporão

A assembleia geral da Comissão de Melhoramentos de Esporão (Gois) reuniu-se, na Travessa do Poço da Cidade, 46-4.º, tendo eleito os corpos gerentes para o triénio de 1962/1964. Presidirão á assembleia geral, á direcção e ao conselho fiscal, respectivamente, os srs. Joaquim de Matos, Casimiro Martins e Guilherme Martins Bandeira.

VÃO A PÉ a Aveiro

para ver jogar o Benfica

Vieram ao nosso jornal dois adeptos do Sport Lisboa e Benfica, Alexandre Morais Pinto, mais conhecido pelo «Gago» de Alcantara e Luis Manuel Costa Santos, respectivamente, residentes na Estrada do Loureiro, pátio do Bastos n.º 11 e na Travessa do Soeiro, n. 3, 1.º que vão ver jogar o Benfica, em Aveiro, para o que cobrirão o percurso a pé desde Lisboa até aquela cidade.

Sorridentes, os dois rapazes, que não é a primeira vez que realizam uma proeza semelhante, são admiradores de Germano e disseram-nos que é para comemorar o reaparecimento do popular jogador que se abalançam a esta aventura, cientes de que serão compreendidos pelos benfiquistas.

NOVA AGÊNCIA

do Banco Lisboa & Açores

COVILHÃ, 3. — O Banco Lisboa & Açores acaba de inaugurar uma agência neste importantíssimo meio comercial e industrial. Para assistir ao acto inaugural deslocou-se a esta cidade o administrador-delegado, dr. Alexandre Carlos de Almeida Fernandes, acompanhado do inspector-geral, sr. Carlos Augusto Guerra.

Naquele acto estiveram presentes os mais destacados elementos da Covilhã.

Fica a dirigir a sucursal o sr. José do Patrocínio de Carvalho Dias.

C.C.N.

COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

PARTIDAS	DESTINOS

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«SANTA MARIA»
8 de Janeiro
12 de Fevereiro

Com escala por Vigo e Funchal, para: Tenerife, La Guaira, Curaçao, Porto Rico e Porto Everglades (Miami).

Chama-se a atenção dos Srs. Passageiros para o que está regulamentado sobre transporte de bagagens

LISBOA: Rua de S. Julião, 63 — Telefs 369621/8 — PORTO: Rua Infante D. Henrique, 8 — Telef. 23342

Tenente-coronel RIBEIRO DOS REIS

Na impossibilidade de o fazerem individualmente, os Corpos Gerentes do Sport Lisboa e Benfica tornam público o seu profundo reconhecimento a todas as entidades, singulares e colectivas, que lhe manifestaram o seu pesar pela morte do saudoso Homem de Desporto que foi o tenente-coronel Ribeiro dos Reis, antigo atleta e dirigente do Clube e prestigioso «Aguia de Ouro».

PEQUENO MAGAZINE

QUEM CANTA

seu mal espanta...

Que é o beijo tão lindo?
Não o saber mete dó:
São quatro lábios unindo
Duas almas numa só!

JOÃO BRITO CÂMARA

DIZ QUEM SABE

O destino é um anónimo eterno.

CAMPOAMOR

*** Tu és o arquitecto do teu próprio destino. Trabalha, espera e ousa.**

E. W. WILCOX

*** Os próprios deuses não podem impedir um homem de falhar o seu destino.**

BEETHOVEN

O OXIGÉNIO E OS PEIXES

Sabe-se que os peixes respiram oxigénio, através das suas guelras. Por outro lado, sabe-se também que alguns deles vivem em águas carbonadas, sem oxigénio. Um e outro facto estão suficientemente comprovados.

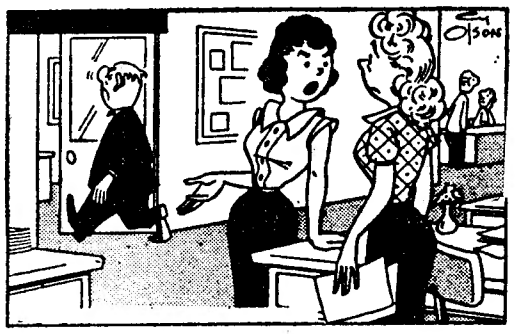
Determinadas espécies de tubarões, de grande tamanho, habitam águas tão pobres de oxigénio que apenas contém um centímetro cubico dele em mil centímetros cubicos de líquido. Isto equivale a dizer que para poder absorver a quantidade de oxigénio que se supõe ser necessária a um tubarão de tamanho médio, seria preciso que em cada minuto penetrassem no animal, através da boca e guelras, nada menos que quatro barris de água.

Em resumo: os peixes precisam do oxigénio da água para viver. Dado que nas grandes profundidades marinhas, o oxigénio é quase nulo nas suas águas, onde vão buscar essas espécies a vitalidade necessária para sobreviverem, uma vez que lhes é impossível

Um novo tecido

A indústria lançou um novo tecido. Trata-se de um material á base de fibra sintética chamada **tetoron,** sobre a qual se aplica uma subtil camada de alumínio, por meio de um processo no vazio calor. Embora o **tetoron** seja conhecido há já algum tempo, o processo da aluminização é completamente novo.

Entre as aplicações deste tecido aluminizado podem assinalar-se as seguintes: roupas exteriores, cortinas, toldos, colchas, etc.



— Já estou cá, há muito tempo. Olha, mesmo que não percebas a anedota, ri-te!

A DROGA DA SUGESTÃO

O prof. Hyden, da famosa Universidade de Goteborg (Suíça), trabalha actualmente com um grupo de seus compatriotas nos laboratórios de Química da Universidade norte-americana de Baltimore. Esta equipa de cientistas dedica-se a um plano de investigações com uma substancia chamada «triciano-amino-propeno» e que «facilita a tendência para a sugestão».

A nova droga, segundo afirmam os cientistas, é muito importante pela rapidez dos efeitos obtidos e pela concreta possibilidade oferecida aos estudiosos de controlar as modificações nas células nervosas. Parece que as proteínas e as gorduras aumentam na sua zona central, enquanto os demais elementos diminuem mesmo na própria envoltura das células.

O prof. Hyden refere-se expressamente a «notáveis alterações nas células nervosas» e relaciona essas transformações com a tendência para a sugestão. Com este preparado consegue-se a condição para sugerir e impor ao sujeito as ideias e sentimentos que se deseje, uma vez que se destroi a resistência psíquica. Desconhece-se ainda a duração deste efeito e é lógico perguntar: Uma vez passado o efeito da droga, não reaparecerão as emoções perigosas, as ideias sem nexo, as alucinações e os delírios do sujeito submetido ao tratamento? A resposta só a pode dar uma severa investigação cientifica.

Descobriu-se, no entanto, uma outra substancia com propriedades de antídoto, que neutraliza os efeitos da droga e faz regressar o paciente á normalidade.

Criações depois dos 70 anos

Que a idade não é obstáculo á obra de criação ou estudo prova-o a seguinte resenha: Kant, com 73 anos, publicava a «Antropologia», «O conflito das faculdades» e «Metafísica dos costumes».

Aos 74 anos, Tintoreto pintou «A glória do Paraíso», uma gigantesca composição de 22 metros por 9. Verdi, com 74 anos, compôs o «Otelo», aos 80 «Falstaf» e aos 85 «Ave Maria», «Stabat Mater» e o seu «Te Deum».

Aos 78 anos, Lamarek terminava a sua grande obra zoológica «História dos invertebrados».

Com 80 anos, Catão aprendeu Grego.

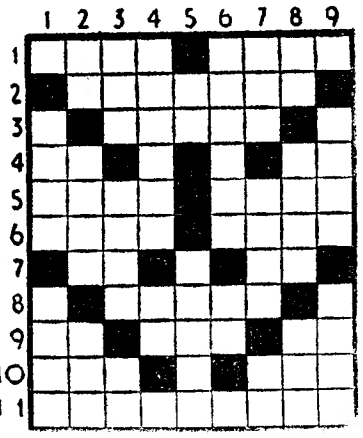
Aos 83 anos, Göethe terminava o «Fausto».

Ticiano, aos 95 anos, pintou a sua célebre «Batalha de Lepante».

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVÉRBIO)

Problema n.º 2540



HORIZONTAIS: 1 — Aquele que. Em mais alto grau. 2 — Preara. 3 — Apresenta como prova. 4 — Artigo indefinido. Artigo definido (ant.). 5 — Golfo também chamado de Livónia. Rio de Espanha afluente do Aragão. 6 — Clima. Esteiros. 7 — O mais. Símbolo químico do césio. 8 — Natural da Alemanha. 9 — Artigo definido. Nome de mulher. Isolado. 10 — Seguias. Trocar. 11 — Resumida.

VERTICAIS: 1 — Declara solenemente. Em maior quantidade. 2 — Nome antigo da nota musical dó. Vila e concelho do distrito de Coimbra. Vai para fora. 3 — Epoca. Congela. Símbolo químico do estanho. 4 — Tigelas vidradas brancas ou de cor. Nota musical. 5 — Lê. Falta a verdade. 6 — Doer. Canhamo de Manila. 7 — Pedra de altar. Abastada. Escarnece. 8 — Seguia. Aio de D. Afonso Henriques. Textualmente. 9 — Pronome pessoal (pl.). Habita.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora em segundo passatempo, o PROVERBIO nele inserito.

Solução do problema n.º 2539

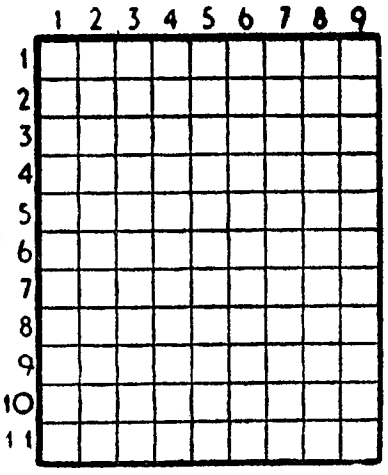
HORIZONTAIS: 1 — Mira. Ar 2 — AO. MOINHO. 3 — Ria. Roo 4 — Aaro. Te. 5 — Cru. Ais. 6 — Caetano. 7 — VAI. Aru. A. 8 — Ai Orce. 9 — Agi. Aer. 10 — Arguim Me. 11 — Sã. Amor.

VERTICAIS: 1 — Marão. Vagas 2 — Oiã. Cai. Rá. 3 — Arcai. Ag. 4 — Im. Ore. Agua. 5 — Ror. Uta. Iam. 6 — Aios. Aro. Mó. 7 — Nó. Anura. 8 — Ah. Tio. Com. 9 — Rodes. Aérea.

Provérbio: AO MOINHO VAI A AGUA.

NOVA MODALIDADE

Problema n.º 4585



HORIZONTAIS: 1 — Antes queiras. 2 — Nome de mulher. Pronome pessoal (pl.). 3 — Ligue. Reis. 4 — Basta. Fixava a taxa de. 5 — Casa de rei. 6 — Troçar. Artéria. 7 Encanto. 8 — Estado da Europa. Nota musical. 9 — Pronome pessoal (inv.º) Ente. 10 — Vantagens. Cola. 11 — Albergaram.

VERTICAIS: 1 — Torna regu... ou metódica. Quinhentos e um em romano. 2 — Freguesia do concelho de Torres Vedras. Desvia. 3 — Letra grega. Governador da Judeia no tempo de Cristo. 4 — Nota musical. Pó indiano, de várias especiarias, para temperar a comida. Nota musical. 5 — Lista. Rema para trás 6 — Ficaria. Deus dos rebanhos. 7 — O mais. Recua. Pertencer 8 — Antigo reino da Europa meridional que hoje é uma das Republicas federadas da Jugoslávia. Deixa em testamento. 9 — Preposição e artigo definido. Curam.

Solução do Problema n.º 4584

HORIZONTAIS: 1 — Cisne. ...li. 2 — Ao. Açor. 3 — Rás. Trono. 4 — Mó. Paira. 5 — Velaria. 6 — Na. Dá. Aru. 7 — Alçada. Or. 8 — Mala. Uso. 9 — Raia. Amar. 10 — Ida. Ela. 11 — Rã. Brasil.

VERTICAIS: 1 — Carmona. Rir. 2 — Almada. 3 — Sãs. Caia. 4 — No. Pedala. 5 — Talada. Er. 6 — Ária. Ala. 7 — Acorra. Umas. 8 — Donairosa. 9 — Iró. Auroral.

Linha de SINTRA

Cinemas

AMADORA — *Recreios Desportivos* — Às 21 e 15: «Raça» e «Os vizinhos do rés-do-chão» (12 anos).

Farmácias de serviço

AMADORA — *Melo* — Av. D. João I, Lote 146, Bairro Janeiro (Tel. 931551). — *Central* — Av. Cardoso Lopes, 25 (Tel. 930210). — *Igreja* — P. da Igreja, Lote 2.

QUELUZ — *Simões Lopes* — Av. Elias Garcia, 51 (Tel. 950123).

SINTRA — *Marrazes* — L. Afonso de Albuquerque — Estefania — (Tel. 980058).

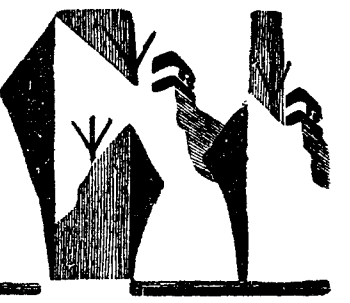
S. PEDRO DE SINTRA — *Valentim* (Tel. 980456).

BURACA — *Vaz Martins* — R. António Ferro, M. A. D. (Tel. 931690).

DAMAIA — *Lemos* — R. de Goa (Tel. 932121).

SOCIEDADE GERAL

SG



LISBOA—R. dos Douradores, 11—Tel. 326314/5 e 34513 a 34516
PORTO — R. Sá da Bandeira, 82 — Tel. 27363

CARREIRAS	
METRÓPOLE ÁFRICA	**Para: S. VICENTE, PRAIA e BISSAU (Via LEIXÕES e FUNCHAL)** N/M «ALFREDO DA SILVA» — A 10/1/62. Carrega em LISBOA para CABO VERDE a 8/1/62 e para BISSAU a 6/1/62. Carga Frigorifica a 9/1/62 até ás 12 horas. Passageiros de 1.ª Classe e Turística **Para: CABINDA, LUANDA, LOBITO e MOÇÂMEDES (Escala LEIXÕES, dias 8-9)** N/M «ANA MAFALDA» — A 10/1/62. Carrega em LISBOA para LOBITO e MOÇAMEDES a 5/1/62 e para CABINDA e LUANDA a 6/1/62. Passageiros de 1.ª, 2.ª e 3.ª Classes
NORTE EUROPA ANGOLA	**Para: MATADI, LUANDA, LOBITO e MOÇÂMEDES** N/M «BELAS» — A carga em HAMBURGO, BREMEN, ROTERDÃO e ANVERS de 2/1/62 a 11/1/62. Em LISBOA só para MATADI a 17/1/62 N/M «BRAGA» — A carga em HAMBURGO, BREMEN, ROTERDÃO e ANVERS, de 24/1/62 a 1/2/62. Em LISBOA só para MATADI a 7/2/62
ANGOLA NORTE EUROPA	**Para: ANVERS, ROTERDÃO, HAMBURGO e BREMEN** N/M «BRAGANÇA» — A carga nos portos de ANGOLA de 24/12/61 a 8/1/62 N/M «ALCOBAÇA» — A carga nos portos de ANGOLA de 14/1/62 a 29/1/62
ANVERS PORTUGAL	**Para: LEIXÕES, PORTO e LISBOA** N/M «CARTAXO» — A carga em ANVERS de 4/1/62 a 5/1/62

MARLO

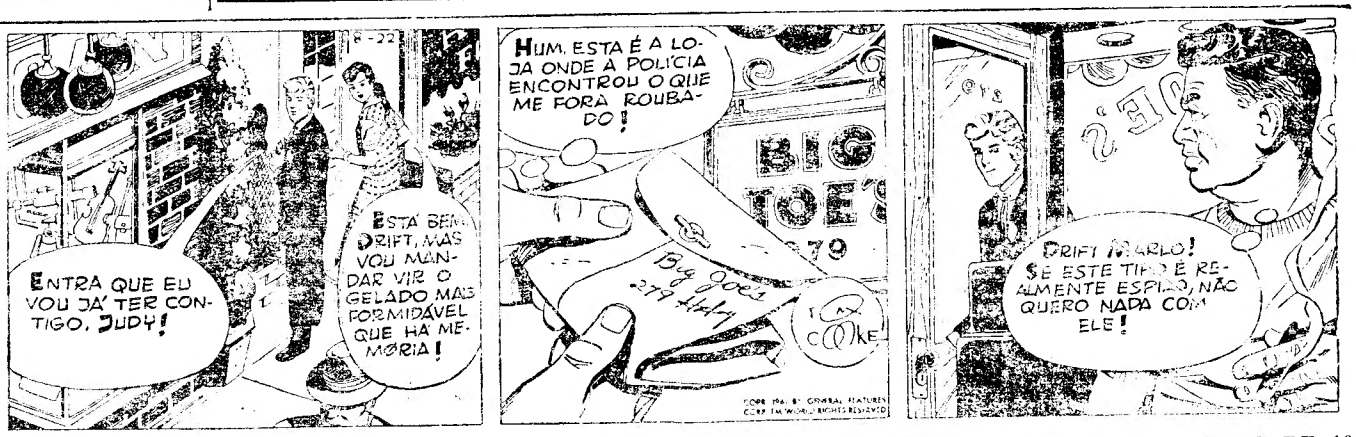
O HOMEM DO ESPAÇO

Por PHIL EVANS e TOM COOKE

sob a orientação cientifica

do dr. I. M. LEVITT

74



DOIS IRMÃOS

por ERIC ALLEN

FOLHETIM SEMANAL DO

Diario de Lisboa

6

RESUMO DO CAPITULO ANTERIOR — Blue encontra-se na estrada com Julia. Esta comunica-lhe que Till, o seu noivo, chefe de uma quadrilha, anda perto. Blue encontra-se com Till e falam da fidelidade de Julia a este último. Dirigem-se ambos para o local onde está acampada a quadrilha.

CAPITULO II

Não era difícil adivinhar o ódio que Till nutria por Bart McCuen. Sempre fora assim, mesmo quando ainda éramos garotos, vivendo em herdades contíguas. Talvez, em grau menos intenso, porque Till fora sempre o meu herói — mais velho, maior, mais forte e sempre pronto a defender-me. Till sempre tivera a propensão para o barulho, mas eu não, conquanto odiasse tanto os manos McCuen como ele.

— Till, que foi que te levou a alistar Bart no teu grupo?

Till encolheu os ombros.

— Certa noite, ele chegou ao nosso acampamento e sentou-se connosco á roda da fogueira. Não lhe pude recusar. — Soltou uma casquinada cruel. — Mas o tipo tem sido duro de aturar. Por vezes, pensei em matá-lo, mas sempre me dava conta do efeito que isso faria no grupo. Mas a partir desta noite, Blue, isso já não conta mais.

A sua voz tremia de velho ódio maligno.

— Porque precisas de mim esta noite, Till? — perguntei.

— Já te expliquei.

— Há mais qualquer coisa, Till. Sinto-o. Quero ajudar-te. Sinto-o. Quero ajudar-te, como puder, mas não quero emparceirar numa morte.

Till resfolegou de impaciência e esticou o rosto para a frente. E, de subito, a noite tumultuou com o entrechocar das correntes da sua vontade.

7

— Agora não podes recuar, Blue! — disse com aspereza. — Não haverá mortes. Será tal qual como eu te disse ontem, á noite. E's um tipo decente, respeitado, e editas um jornal de Whitefield. Quero que assistas a tudo. Pode ser que ainda tenhas de testemunhar sob juramento o que aqui se passar. Quem sabe se dentro de alguns anos um da quadrilha não comete um crime e não procura inculpá-lo a mim?

Esporeou a montada sem aguardar a minha resposta. Atravessámos o terreno pedregoso e estacámos ao abrigo de um penhasco.

Havia quatro homens reunidos em torno da fogueira. Apontavam os revolveres na nossa direcção, mas ao reconhecerem-nos, tornaram a enfiá-los nos coldres.

Eram Bart McCuen, Mose Crabtree, Manny Stiles e Clifford Gant. Conhecera aqueles homens no tempo em que eles viviam melhores dias. Sentia-me doente só de pensar no que eles tinham caído.

Nunca eu vira quadrilha mais esfarrapada e miserável... Todos, excepto Bart McCuen. As roupas de Bart não estavam imaculadas, mas não rotas, e eram próprias para os fins em vista, desde a ponta das botas de cavalaria até á copa do seu chapéu de abas largas. Olhei-o enquanto ele me observava, e senti o impacto dessa chama vital que lhe brilhava nos olhos cinzentos. Que diferença de calibre entre ele e o seu irmão Jake.

Bart, na companhia dos salteadores de Quantrill, fizera pilhagens ao longo da fronteira de Kansas, depois da Guerra Civil, mas não era homem para alvejar outro pelas costas, como Jake fizera. Era, na verdade, um pistoleiro e um assassino profissional, mas tinha a coragem de enfrentar o adversário. Também era jogador, mas revelara-se sempre cuidadoso e avaro com o seu dinheiro. Corria á boca calada que, não obstante ser um fora-da-lei, Bart McCuen era rico.

Eu sempre o achara com qualidades para ser aceite pela sociedade, não fora aqueles seus ataques de cinismo e de crueldade, e aquela maneira jactanciosa de falar.

8

— Ora, muito bem — disse ele, olhando-me. — Com que então o patrão resolveu trazer o seu escriba.

Era uma das características dos manos McCuen, que tanto ressentimento gerava entre os seus associados — a forma como apoucavam as pessoas, sem olhar á posição social que os outros tinham alcançado.

Como estás, Bart? — perguntei, fingindo não dar atenção á sua insolência.

Olhei os outros, mas sem perder de vista Till, na esperança de adivinhar o que faria ele a seguir.

Till escorregou da sela, apertou as mãos a Mose, a Manny e a Cliff. Na noite passada, dissera-me que se separara da quadrilha três dias antes, logo a Norte de Warwick, mas agia agora como se não tivesse visto qualquer deles durante meses. Contudo, não demonstrou qualquer cordialidade para Bart MacCuen. Limitou-se a plantar-se á sua frente e a dizer-lhe bruscamente sem mesmo lhe estender a mão:

— Bonito serão, este, Bart! Mesmo aqui, á luz da fogueira, onde as espingardas nos poderiam apanhar como se fossemos água.

— Não gostas do lume, patrão? — perguntou Bart.

Till dobrou um pouco os ombros e por momentos pensei que ele se ia atirar a Bart. Lembrando-me daquela conversa a respeito de Jake e de Julia, quase rezei para assim acontecer.

Não o fez, mas foi com visível esforço que engoliu a ira.

— Muito bem, Bart. A partir desta noite, podes acender fogueiras até no meio da cidade. Não serei mais responsável pelo grupo. Vamos separar-nos.

Observei as reacções dos homens, e nunca eu desejei tão ardentemente ter á mão um revólver. Podia sentir a desconfiança que se levantava contra mim, porque era um estranho, sempre o fora, ainda que os quatro homens me conhecessem e soubessem que era irmão de Till.

— Inferno — murmurou Bart MacCuen, entre dentes. — Diz isso outra vez, patrão! Não pegou!

9

— Mas acabará por pegar, Bart. Dá tempo ao tempo.

Bart virou-se então para mim.

— Foi então para isso que vieste até aqui escriba? Para testemunhar isto? E talvez publicar uma bonita notícia no teu pasquim de dois caracóis?

— Não faço essa tenção, Bart — respondi.

— Oh sim — insistiu ele, como se não me tivesse ouvido. — Vais publicar tudo no teu jornaleco, e contar como um gatuno barato, que tem andado a armar-se em cabecilha de uma quadrilha, acabou por se virar amarelo! Isto, depois de ter insistido com a sua gente para alinhar com ele durante trezentas milhas, apenas na mira de ter a sua carcassa protegida, enquanto caminhava para o ninho. Vais publicar isso tudo, escriba!

Quando a sua voz se calou o silêncio era tão espesso que dir-se-ia que poderia ser cortado á faca.

Mose Crabtree quebrou esse silêncio.

— Queres tu dizer, Till, que deixarás de andar connosco? — perguntou.

Till continuou a olhar para Bart McCuen.

— Não se algum de vocês alinhar comigo amanhã numa viagem que tenciono fazer á cadeia de Fort Smith.

— Till — esclamei, mas ele mandou-me calar com um aceno cortante da mão.

Olhei para Bart MacCuen. Mesmo á luz da fogueira, pude ver a palidez mortal que atingira o seu rosto.

— Não — disse Bart, em voz baixa e ameaçadora. — Não farias uma coisa dessas.

— Não faço, uma figa! Quero ver o Jake a ser enforcado!

— Não te atreverás!

— Quero vê-lo desmaiar de medo!

Bart empertigou-se, fechou as maxilas com força. Depois, descerrou os lábios e as palavras saíram com exasperante lentidão.

— Nunca ninguém verá um MacCuen desmaiar. Nem mesmo a forca.

— Quanto queres apostar? — perguntou Till, ironicamente.

10

— Inferno — praguejou Bart. — Não tens cobertura para a «massa» que eu estou disposto a lançar para a mesa.

— Talvez não tenha, Bart! — respondeu Till. — Mas Blue tem. — Atirou-me um olhar de soslaio. — Não é verdade, Blue?

Ainda pensei que Till estivesse a brincar, mas não estava. E quando percebi senti-me regelar como se estivéssemos no pino do Inverno.

— Deixa lá isso, Till! — exclamei bruscamente. Talvez eu odiasse também os MacCuen, mas não a esse ponto. — Deixa lá isso e vamos embora!

Havia um certo tom de desespero na voz de Till.

— Blue! Tu não me deixarias em falso num passo como este, não é verdade?

E então pela primeira vez, senti-me deveras irritado com o meu irmão.

— Foi para isto que me trouxeste aqui? Apenas para cobrir uma aposta idiota?

— Que te importa? Tu sabes muito bem que Jake é amarelo! Que vai ter um fanico antes mesmo de lhe passarem a corda pelo pescoço.

Comecei a torcer as rédeas do cavalo.

— Se precisares de dinheiro, Till, a minha bolsa está a tua disposição. Mas não cubro uma aposta dessa natureza!

Bart MacCuen soltou uma casquinada de mofa, e o seu sarcasmo fez-me puxar as rédeas. Bastou-me olhá-lo para perceber que ele metera os dentes no naco e que já nada o faria largar.

— Aí têm vocês o que são esses manos! Till odeia-me, Blue também, e ambos odeiam o Jake! Bem gostariam eles de ver o Jake desmaiar na forca, mas Blue falta-lhe o animo para apostar por aquilo que ele mais gostaria de ver!

Soltou nova casquinada, e senti uma convulsão intima. Olhando-o, lembrei-me de subito da conversa a respeito de Julia Winton. Apossou-se de mim um estranho sentimento. Talvez um sentimento mortal, e antes de compreender bem o que fazia eu disse a Bart:

(Continua)

CARIMBOS

Rápido e perfeito. ANIBAL, grav. Rua Nova do Almada, 64. T. 326162

Secretaria de Estado da Aeronáutica

OFICINAS GERAIS DE MATERIAL AERONÁUTICO

Está aberto concurso publico para a aquisição de uma instalação para eliminação de poeiras por meio de ventilação de ar tomado do exterior.

As propostas deverão ser apresentadas até ás 12 horas do dia 23 de Janeiro de 1962, nos Serviços Comerciais deste Estabelecimento.

As condições deste concurso obedecem ao respectivo Caderno de encargos que poderá ser consultado na Sede destas Oficinas, em Alverca do Ribatejo, todos os dias uteis das 10 ás 12 horas e das 14 ás 16.

Alverca do Ribatejo, 2 de Janeiro de 1962.

O CHEFE DOS SERVIÇOS COMERCIAIS

5%

S/ automóveis e 6% s/ propriedades rústicas e urbanas mesmo em construção, emprestamos imediatamente.

ORCOSI

Rua 1.º de Dezembro, 45

Música

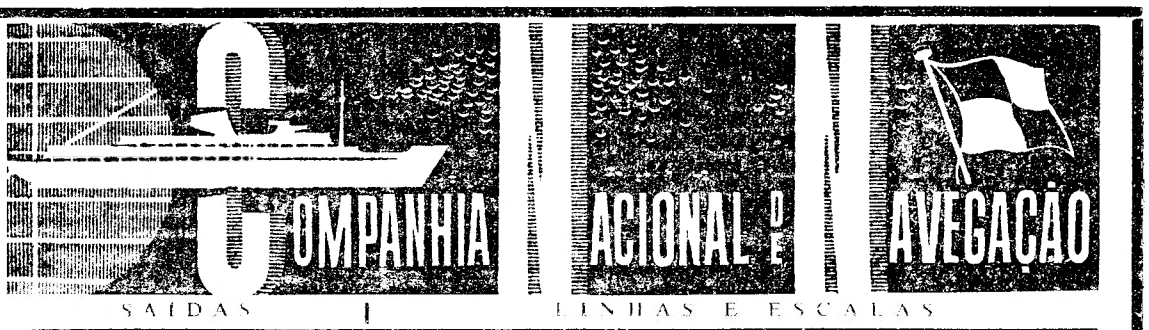
Suave, nitida e bem feita se consegue com as antenas de... para ...

PODIG

...P. PEREIRA, HERD. L.

...Conceição da Glória 24

Tels. 339763-20127 — LISBOA



SAÍDAS | LINHAS E ESCALAS

LINHA DE ÁFRICA

«ROVUMA» — 5 Janeiro — Leixões, Príncipe, S. Tomé, Ambriz, Luanda, Porto Amboim, Lobito e Moçâmedes

«MOÇAMBIQUE» — 30 Janeiro — Funchal, S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçâmedes, Lourenço Marques, Beira, Moçambique e Nacala (se necessário).

Chama-se a atenção dos Senhores passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens.

LISBOA—R. do Comércio, 79 a 85. Tel. 323021 a 323026. PORTO—R. Infante D. Henrique, 63. Tel. 22438 e 22439

Na Casa do Preto, Av. de Moscavide, 7-B, encontra-se á venda o «Diário de Lisboa».

Na Papelaria Estrela Dourada, Av. de Moscavide, 58, vende-se o «Diário de Lisboa».

Em Sacavém o «Diário de Lisboa» é vendido por intermédio da V.ª de António d'Oliveira Paciência.

Boletim do dia

HÁ 30 ANOS

Sob o título «Todos aplaudem a ideia de acabar com a feira do Campo Grande, que é uma autêntica vergonha», publicava o «Diário de Lisboa», de 3 de Janeiro de 1932:

«A propósito do nosso artigo do passado domingo, no qual verberavamos o vergonhoso espectáculo da feira do gado do Campo Grande — coisa indigna daquele parque e impróprio do bairro progressivo — recebemos várias cartas de aplauso á ideia de acabar com aquilo, e de uma vez para sempre».

E mais adiante:

«O caso é que a feira de gado do Campo Grande — e lá estava hoje — é uma afronta á Camara, á Junta de Freguesia e aos moradores do parque.

E lembrar-se a gente dos lindos parques de Madrid e de Sevilha, de onde a imundície desapareceu».

Linha de CASCAIS

Cinemas

ALGÉS — *Stadium* — Às 21: «O gume da navalha» e «Rebola a bola» (17 anos).

ESTORIL — *Casino* — Às 21 e 30: «O sabor do medo» (17 anos).

CASCAIS — *S. José* — Às 21 e 45: teatro «O Tinteiro» (17 anos).

Farmácias de serviço

ALGÉS — *Combatentes* — Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, 166 (Tel. 013953).

CAXIAS — *Nova* — Rua Bernardim Ribeiro (Tel. 012839).

PAÇO DE ARCOS — *Trindade Brás* — Rua Costa Pinto, 186 (Tel. 0420341).

OEIRAS — *Central* — Rua João Teixeira Simões, 18 (Tel. 043058).

PAREDE — *Grincho* — Avenida da Republica (Tel. 047201).

ESTORIL — *Costa* — Avenida Saboia, Monte Estoril (Tel. 060085).

CASCAIS — *Marginal* — Avenida Marginal (Tel. 0800?8).

Bombeiros Voluntários
de Vila Real

VILA REAL, 3. — Os Bombeiros Voluntários de Vila Real comemoraram o seu 71.º aniversário, limitando-se o programa em virtude do luto do País, devido aos graves acontecimentos na India Portuguesa. Após formatura geral do corpo activo e içar da bandeira no edifício, houve uma missa, na Igreja de S. Pedro, sufragando a alma de sócios e bombeiros falecidos, seguindo-se cumprimentos ás autoridades. A' tarde, no quartel, efectuou-se o baptismo de um novo pronto-socorro, por monsenhor Libanio Borges, tendo o veículo sido baptizado com o nome de «Comendador António Sarda», grande amigo e benemérito da referida corporação.

Seguiu-se uma sessão solene, presidida pelo engenheiro Humberto Cardoso de Carvalho, presidente da Camara de Vila Real, tendo assistido, além dos elementos que compõem o corpo activo, a direcção da corporação e as autoridades civis e militares de Vila Real. Falaram o dr. José Maria Saraiva de Aguilar e o presidente da Camara, que puseram em destaque a obra e os serviços prestados pela associação.

A' noite, houve, no Teatro Avenida, um espectáculo de gala com um grupo cénico.

Todas estas cerimónias, por expressa determinação da direcção, foram efectuadas sem musica nem foguetes.

VIDA ESCOLAR
Reunião de encarregados de educação

No dia 6 do corrente, às 18 horas, haverá, na Escola Técnica Elementar Francisco Arruda, a reunião com os encarregados de educação para estudo do plano educativo referente ao 2.º período desto ano escolar.

Vida musical
Concerto do Mobil Clube

Depois de amanhã, às 21 e 30, efectuase, no salão do Conservatório Nacional, o quarto concerto, desta temporada, promovido pela delegação da Pró-Arte no Mobil Clube.

A pianista Carolyn Davis executará obras de Alban Berg, Bach, Debussy e Beethoven.

PIANOS
Verticais e de Cauda
Alugam-se
CUSTÓDIO CARDOSO PEREIRA & C.ª
RUA DO CARMO, 11

RÁDIO

EMISSORA NACIONAL — *Programa A* — (451 m — 655 kc/s) — A's 17: Discurso proferido pelo sr. Presidente do Conselho na Assembleia Nacional; 17 e 30: Musica ligeira sinfonica; 18: Noticiário; 18 e 10: Musica ligeira coral; 18 e 30: A nossa terra; 18 e 45: A verdade é só uma (Rádio Moscovo não fala verdade); 19: Concerto, pela banda de musica do comando-geral da Guarda Nacional Republicana; 20: Jornal sonoro; 20 e 20: Instrumentistas; 20 e 30: Fala Portugal; 20 e 45: Musica popular portuguesa; 21: Repetição do discurso do sr. Presidente do Conselho — Noticiário — Comentário — Crónica de Angola; 22 e 20: Trechos em piano; 22 e 25: Fados, por Fernanda Peres; 22 e 45: 2.ª emissão de jornal sonoro; 23: «A Voz do Ocidente fala-vos de Lisboa»; 1: Encerramento.

Programa B — (397 m — 755 kc/s) — A's 19: 32.º programa da série dedicada á evolução da sonata (Sonatas de Beethoven); 19 e 20: Palestra; 19 e 30: 13.º programa da série dedicada á «Musica Coral Religiosa»; 19 e 50: Noticiário regional; 20: Que quer ouvir?, programa elaborado com os discos pedidos pelos ouvintes: «Orphus», poema sinfónico, de Liszt; «Concerto em ré maior, op. 35», para violino e orquestra, de Tchaikowski; 21: Noticiário; 21 e 20: Separador; 21 e 30: Musica; 23: A verdade é só uma (Rádio Moscovo não fala verdade); 23 e 10: Musica...; 23 e 45: Noticiário; 24: Encerramento.

RADIO CLUBE — A's 16 e 30: Cançonetas; 17 e 30: Conjuntos; 17 e 45: Noticiário; 18: Variedades; 18 e 30: Orquestras; 19 e 15: Cançonetas; 19 e 45: Noticiário; 20 e 20: Orquestras e canções; 21: Brasil; 21 e 15: Orquestras; 21 e 30: Artista; 21 e 45: Curso de língua inglesa; 22: Trechos recreativos; 22 e 15: Mensagem do soldado; 23 e 15: Ritmos de baile, do Pinguim; 23 e 15: Noticiário; 1 e 45: Noticiário; 2 e 55: Noticiário; 3: Fecho.

Emissor de Miramar — A's 17 e 32: Solos de instrumentos; 17 e 45: Noticiário; 18: Brasil; 18 e 45: Orquestras ligeiras; 19 e 15: Motivos portugueses; 19 e 35: América Latina; 20: Noticiário; 20 e 10: Mensagem do soldado; 20 e 45: Curso de língua inglesa; 21: Noticiário; 21 e 15: Solistas; 21 e 30: Asi es España; 22 e 45: Canções; 23: Tempo de musica; 23 e 45: Noticiário; 1 e 30: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS — Das 17 ás 22: Rádio Graça; 22 á 1: Rádio Peninsular; 1 ás 2: Clube Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

Hoje, ás 19 e 30: Abertura; 19 e 32: Telejornal; 19 e 45: «Veja com a mãezinha» (uma história para os mais pequeninos); 19 e 50: Programa da Junta de Acção Social; 20 e 10: Episódio da série «O capitão Meteoro»; 20 e 35: O Cinema Português em 1961»; 21: «Toiros», programa de Nizza da Silva; 21 e 20: «Vamos jogar ao totobola»; 21 e 30: Telejornal; 22 e 5: Programa pelo Grupo Experimental de «Ballet» do Centro Português de Bailado — 1.ª parte: «As Silfides»; 2.ª parte: «Casse-Noisette»; realização de Fernando Frazão; 23 e 30: Telejornal (ultimas notícias).

CARTAZ DO DIA

TEATROS

NACIONAL — A's 21 e 30 — «Romeu e Julieta».
TRINDADE — A's 21 e 45 — «O príncipe de Homburgo».
MARIA VITÓRIA — A's 20 e 45 e 23 — «Bate o pé».
VARIEDADES — A's 21 e 45 — «Três em lua-de-mel».
MONUMENTAL — Às 21 e 45 — «Criada para todo serviço».
AVENIDA — A's 20.45 e 23 — «Ó-lá-lá».
A B C — A's 20 e 45 e 22 e 45 — «O trunfo é espadas».

CIRCO

COLISEU — A's 21.30 — Grande Companhia de Circo.

CINEMAS

TIVOLI — «Terra Bruta».
S. LUIS — «O capitão Morgan».
S JORGE — «Os 7 magníficos».
IMPÉRIO — «Rendez-vous».
EDEN — «El Cid».
POLITEAMA — «Pepe».
MONUMENTAL — «O rei dos reis»
ALVALADE — «O capitão Morgan».
ODEON — «Os dois garotos».
CONDES — «As aventuras de Tim-Tim».
ROMA — «Pepe».
AVIS — «Chegou um anjo»
CAPITÓLIO — «Vamos dançar o «Twist».
OLIMPIA — «Hor diabólicos».
ROYAL — «A Ponte».
IDEAL — «Os canalhas».
ARCO-IRIS — «Um homem só».
JARDIM CINEMA — «Um pouco de aldrabice».
SALÃO LISBOA — «Amor nas nuvens».
CINE MOSCAVIDE — «A mulher nascida do mar».
PROMOTORA — «Homem-vampiro».

FARMÁCIAS

TURNO D

(Ver pelos bairros das imediações e telefones entre parêntesis)

AJUDA — **Mendes Gomes**, Calç. da Ajuda, 222 (638256)
ALCANTARA — **Ester Nogueira**, R. de Alcantara 5-A (637563).
ALMIRANTE REIS — **Lima**, Av. Almirante Reis, 199-A (41269) ✻ **Romano Baptista**, R. Passos Manuel, 6-10 (50593) ✻ **Magalhães**, Av. Almirante Reis, 4-D a 4-F (49479).
ALTO DO PINA — **Dalton**, Av. Mouzinho de Albuquerque, RSV (843571).
ALVALADE — **Libia**, Av. da Igreja, 4-B-C (711681). ✻ **Nova Iorque**, R. António Patricio, lote 347 da Av. dos Estados Unidos da América (7606588).
AMOREIRAS — **Amoreiras**, Pr. das Aguas Livres, 8 (681515).
AREEIRO — **Marbel**, Av. de Roma, 131-A (776235) ✻ **Lusitana**, Av. de Roma, 18-A (725443) ✻ **Chinde**, R. Agostinho Lourenço, 6-B (710331).
AVENIDAS NOVAS — **Lungenit**, Av. da Republica, 55-A (772132). ✻ **Providência**, R. D. Filipa de Vilhena, 9-C (770324) ✻ **Sá da Bandeira**, Av. Duque de Avila, 203-B (41961) ✻ **Oliveira Viegas**, Rua Viriato, 29-29-A (48966).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — **Ascenso**, R. 27, n.º 41 (389216).
BAIXA — **Silva Carvalho**, R. dos Fanqueiros, 126 (26575)). ✻ **Simões Pires**, R. da Prata, 115 (362350).
BENFICA — **Vicente**, Est. de Benfica, 466-A (782606) ✻ **Alegria**, Est. de Benfica, 180-A-B (780511) ✻ **Progresso**, R. A-da-Maia 64-C (702226).
CAMINHOS DE FERRO — **Cruz de Malta**, L. Chafariz de Dentro, 36 (866126).
CAMÕES — **Andrade**, R. do Alecrim, 125 (323446).
CAMPO DE OURIQUE — **Maria Pia**, R. D. Maria Pia, 514 (687949) ✻ **Linaida**, R. Ferreira Borges, 30 (660955)
CAMPO DE SANTANA — **Peninsular**, Campo dos Mártires da Patria, 117-118 (53308).
CAMPOLIDE — **Ronil**, R. Rodrigo da Fonseca, 153 (683438) ✻ **Zenel**, Rua A, 182 (Bairro da Liberdade), (651840)
CHARNECA — **São Bartolomeu**, Quinta dos Balsares de Baixo Vila Paulo Jorge, 1
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO **Madre de Deus**, R. de Margem, 15-B (382470) ✻ **Banha**, Est. de Chelas, 173-175 (382241).
ESTEFANIA — **Fonseca**, Largo de D. Estefania, 4-5 (54808).
ESTRELA E LAPA — **Alb**, R. de Santana, á Lapa, 156 (663562).
GRAÇA — **Almeida Dias**, L. da Graça, 38-A-39 (862909) ✻ **Higiénica**, R. Heliodoro Salgado, 20-A (844361).
LUMIAR — **Patuleia**, R. do Lumiar, 122 (790332) ✻ **Douro**, Al. Linhas de Torres, 93 (791131).
MADRAGOA — **Moderna**, R. Garcia de Orta, 24 (663117).
MOURARIA — **Ferrão**, R. da Mouraria, 12 (860464).
OLIVAIS — **Freitas**, R. Zófimo Pedroso, 11-13 (381136).
PALHAVÃ — **Canto**, Est. das Laranjeiras, 202 (780841).
PEDROUÇOS — **Higilux**, R. de Pedrouços, 50-52 (610280)
PICHELEIRA — **Marluz**, Calç. da Picheleira, 40-B-C (720703-728395).
REGO — **Berne**, Av. de Berne, 44-A, (773568).
S. BENTO — **Valentim, Ld.ª**, R. Poço dos Negros, 88-90 (661353).
SANTO AMARO — **Botanica**, R. da Junqueira, 38-40 (638132).
SANTA MARTA — **Luís de Magalhães**, H, R. de Santa Marta, 15-A-B (46490).

BOLSA DE LISBOA

C.ªs Ultramarinas			
Colonial do Buzi	92$00	91$50	92$50
Ilha do Príncipe	—	—	650$00
Incomati	—	—	—
Moçambique	—	50$00	60$00
Zambézia	73$00	73$00	74$00
Diamantes	—	420$00	435$00
Lobito	—	330$00	350$00
C.ªs Diversas			
Cimentos Tejo	—	690$00	710$00
Cimentos Leiria	—	—	—
Crédito Predial	—	42$00	45$00
Industrial Aliança	—	310$00	—
Portugal e Colónias	—	455$00	470$00
Nacional Navegação	—	930$00	950$00
Colonial Navegação	—	630$00	—
Port. de Celulose	—	—	1.250$00
Portuguesa de Pesca	—	1.300$00	1.315$00
Port. de Tabacos	—	303$00	306$00
Tabacos de Portugal	—	—	600$00
Aguas, Electricidade e Gás			
Aguas Lisboa 1934	—	520$00	—
Aguas Lisboa 1936	—	320$00	—
Eléct. das Beiras	1.600$00	1.600$00	1.610$00
Gás e Electricidade	296$00	296$00	297$00
H. Alto Alentejo	159$50	159$00	160$00
H. E Cávado	—	1.250$00	—
H. E. Zêzere	—	1.220$00	—
Nac. de Electricidade	—	1.275$00	1.290$00
União Eléctrica Port.	—	168$00	170$00
H. do Douro	1.150$00	1.130$00	1.155$00
H. Portuguesa	—	—	100$00
H. E S Estrela	—	—	—

PAÍSES	COMPRA	VENDA
Africa do Sul	37$50	39$00
Alemanha	7$00	7$25
América :		
Dólares de 1 e 2	28$10	28$60
Dólares de 5 a 1000	28$30	28$80
Argentina	$32,5	$35,5
Austria	1$09	1$14
Bélgica	$56,3	$58,3
Brasil	$06,5	$08,5
Canadá	26$90	27$50
Congo (Leopoldville)	$13	$18
Dinamarca	4$05	4$25
Espanha	$46,7	$48,2
França (N. Franco)	5$67	5$82
Holanda	7$75	8$05
Inglaterra	79$00	81$00
Itália	$04,55	$04,7
Marrocos	4$70	5$10
Noruega	3$90	4$10
Suécia	5$40	5$70
Suíça	6$50	6$70
Ouro:		
Inglaterra (Libra)	283$00	295$00
Portugal — Barra	32$80	33$80
Portugal — Barra fino	33$00	34$00

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras
Papeis de credito
TELEF. 21273

Fundos do Estado	Efect.	Compra	Venda
Cons. 2 3/4 % T. 10	—	—	688$50
Cons. 3 % T. 10	—	—	760$00
Cons. 3 1/2 % T. 10	—	—	873$00
Centenários 4 % 1940	—	2.000$00	2.025$00
Obgs. Tes. 2 1/2 % 1942	—	1.018$00	—
Obgs. Tes. 2 1/2 % 1943	—	1.018$00	—
Obgs. Tes. 2 1/2 % 1944	1.018$00	1.018$00	1.020$00
Externo 1.ª série	—	—	—
Ext. 1.ª série car.	—	—	1.080$00
Externo 2. série	—	—	—
Ext. 2.ª série car.	—	—	—
Externo 3. série	—	—	—
Ext. 3.ª série car.	1.320$00	1.320$00	—
Caut. 3.ª série s/j.	—	—	—
Obrigações			
Águas Lisboa 5 %	—	470$00	—
Norte de Portugal 5 %	—	—	—
Gás Elect. 3 3/4 %	—	910$00	—
Gás Elect. 4 %	—	910$00	—
Gás Elect. 4 1/2 %	—	935$00	950$00
Gás Elect. 5 %	982$00	980$00	985$00
U. E. P. 3 3/4 %	—	—	—
U. E. P. 4 % 1945	—	—	—
U. E. P. 4 % 1948	—	—	—
U. E. P. 4 1/2 %	—	—	—
U. E. P. 5 % 1951	—	—	97$00
U. E. P. 5 % 1952	—	—	—
H. do Douro s/j	955$00	915$00	955$00
H. E. S. Estrela	—	—	—
C. P. 4 1/2 %	—	—	1.000$00
Metropolitano	—	910$00	—
Acções			
Bancos			
Alentejo	—	—	—
Angola	—	—	2.200$00
Espírito Santo	—	—	8.500$00
Lisboa & Açores	—	1.900$00	1.950$00
Portugal	2.300$00	2.250$00	2.350$00
Ultramarino	1.155$00	1.150$00	1.160$00
Agricultura	—	50$00	56$00
Seguros			
Mundial	—	—	310$00
Sagres	—	—	1.750$00
Tagus	—	—	—
Soberana	—	1.200$00	—
C.ªs Ultramarinas			
Ag. Cassequel	—	610$00	640$00
Ag. das Neves	—	170$00	—
Agríc. Colonial	160$00	155$00	165$00
Açucar de Angola	900$00	900$00	920$00
Boror	—	160$00	180$00
Cabinda	—	—	40$00
Cadá	1.000$00	950$00	1.030$00

PINTO de MAGALHÃES, LDA.
BANQUEIROS
Capital e reserva: 75 000 contos
Depósitos á ordem e a prazo. Descontos de letras s/ o País e estrangeiro. Aberturas de créditos. Notas estrangeiras, moedas e metais preciosos. Títulos e cupões
TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS
LISBOA: R. do Ouro, 95/99 — T. PPC 366056 (5 linhas) Praça Paiva Couceiro, 12-B — Telef 834724
PORTO: R. Sá da Bandeira, 53 — Telef. 20133 — PPC — Vila da Feira — Elvas
Peniche — Fátima — Amarante — Arcos de Valdevez —